

SIMPÓSIO 47

PORTUGUÊS DO BRASIL:  
HISTÓRIA, CONTATOS E VARIEDADES

COORDENADORES

Konstanze Jungbluth  
(Universität Viadrina)

Layla C. Iapechino Souto  
(Universidade do Porto)

Mari Noeli Kiehl  
(UFRPE)



## A VARIAÇÃO DO PORTUGUÊS EM COMUNIDADES AFRO-BRASILEIRAS DO RS: ENTRE A ORIGEM AFRICANA E O PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO

Antonio Carlos Santana de SOUZA<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente trabalho perscruta a influência do contato linguístico de afrodescendentes do Rio Grande do Sul (RS). A análise nele proposta deu especial atenção aos fenômenos que remontam a uma Origem Africana ou que rumem para o Português Contemporâneo e alinham-se teoricamente a outros estudos de línguas africanas e de seu contato com o português (VOGT; FRY, 1996; FIORIN; PETTER, 2009; LUCCHESI, 2009). Tem-se no Brasil 155 comunidades afro-brasileiras, com 3831 famílias. Dentre elas, as comunidades selecionadas para este trabalho foram: **1) Região do Litoral/Lagunas** – Morro Alto (Osório); **2) Região Metropolitana** – Família Fidelix (Porto Alegre); **3) Região das Antigas Charqueadas** – Maçambique (Canguçu); **4) Região dos Pampas** – Palmas (Bagé); **5) Região da Depressão Central** – Cerro Formigueiro (Formigueiro); **6) Serrana/Imigração** – São Roque (Arroio do Meio); e **7) Região das Missões** – Comunidade Quilombola Correa (Giruá). Consideram-se condicionamentos sócio-históricos distintos, entre os quais o grau de isolamento; a localização rural ou urbana; a microrregião sociocultural; a presença de outras línguas no entorno; e a antiguidade da comunidade ou topostática da população. Verificaram-se as marcas de africanidade que distinguem a variedade do português dessas comunidades do português falado no seu entorno e em que medida se transferem variantes linguísticas do entorno para o português dessas comunidades. Os resultados advindos do trabalho de campo identificaram se o comportamento linguístico dos membros desse tipo de espacialidade linguística era mais conservador e seguia, desse modo, uma orientação mais centrípeta (para dentro da comunidade) ou se tendia a uma abertura para fora (orientação centrífuga), perdendo/abandonando, nesse sentido, as marcas de africanidade que distinguem sua variedade da variedade do português do entorno.

**PALAVRAS-CHAVE:** Macroanálise pluridimensional; Comunidades afro-brasileiras; Língua Portuguesa no Brasil; Condicionamentos sócio-históricos distintos; Marcas de africanidade.

---

<sup>1</sup> Docente do Programa de Mestrado em Letras da UEMS. Líder do Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos, Dialetológicos e Discursivos (NUPESDD-UEMS). Endereço: Rua Ranulfo Saldivar, 133 – Parque Alvorada – Dourados/MS – CEP:79.823-420 – Brasil. E-mail: [acssuems@gmail.com](mailto:acssuems@gmail.com)

## **Introdução**

O presente trabalho perscrutou a influência do **contato linguístico** entre afrodescendentes, nomeadamente *quilombolas*, e comunidades de fala presentes em seu entorno em diferentes áreas sócio-geográficas do Rio Grande do Sul (RS). O objetivo central foi realizar uma **macroanálise pluridimensional da variação do português nessas comunidades afro-brasileiras**, dando especial atenção aos fenômenos que remontam, de um lado, a uma origem africana ou que, de outro lado, sinalizam uma mudança na direção do português contemporâneo.

Este estudo buscou contribuir, neste sentido, para integrar os estudos de línguas africanas e de seu contato com a língua portuguesa no Brasil, ampliando o conhecimento da língua falada por afro-brasileiros (Pessoa de Castro, 1990; Vogt; Fry, 1996; Careno, 1997; Petter, 2001 e 2002; Petter; Fiorin, 2009; Lucchesi, 2009).

## **Comunidades afro-brasileiras no Rio Grande do Sul**

Oficialmente em 2013, existem 2.408 comunidades remanescentes de quilombos identificadas no País, mas acredita-se que há de 4 a 5 mil, com uma população estimada de 2 milhões de pessoas.

Os “quilombos” surgiram como forma de resistência à escravidão por toda parte onde havia escravizado. No Brasil os primeiros “quilombos” surgiram desde o início do período colonial, quando o país era colônia de Portugal, e o trabalho escravizado foi usado como mão de obra compulsória nas lavouras de cana, na extração da borracha e do ouro, na produção do açúcar, fumo, algodão e charque conforme a região do Brasil.

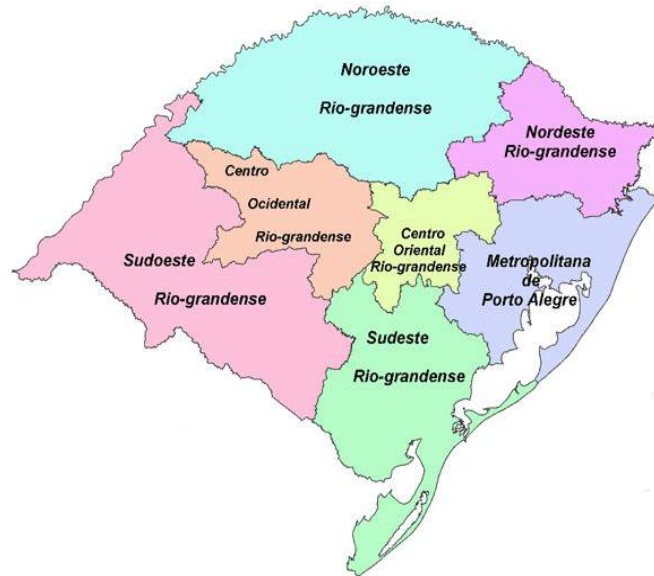


Figura 1 : Mapa do Estado do Rio Grande do Sul dividido em regiões  
(Fonte: [http://img.radios.com.br/mapas/brasil\\_riograndesul.gif](http://img.radios.com.br/mapas/brasil_riograndesul.gif)).

O RS conta, atualmente, com 155 comunidades afro-brasileiras que englobam 3831 famílias. As comunidades selecionadas para esta análise foram:

- 1) **Região do Litoral/Lagunas:** RS01 – Morro Alto (Osório).
- 2) **Região Metropolitana:** RS02 – Família Fidelix (Porto Alegre).
- 3) **Região das Antigas Charqueadas** – RS03 Maçambique (Canguçu).
- 4) **Região dos Pampas:** RS04 – Palmas (Bagé).
- 5) **Região da Depressão Central:** RS05 – Cerro Formigueiro (Formigueiro).
- 6) **Serrana/Imigração:** RS06 – São Roque (Arroio do Meio).
- 7) **Região das Missões:** RS07 – Comunidade Quilombola Correa (Giruá).

As localidades selecionadas diferenciam-se por uma série de fatores, seja de ordem sócio-histórica, política ou geográfico, que podem influenciar a língua (portuguesa) falada nessas comunidades. Trata-se, em termos dialetológicos, de espaços descontínuos que lembram *ilhas linguísticas*, ocupadas por determinada população caracterizada por traços como origem étnica e língua particular, em que é possível identificar a comunidade afro-brasileira como um grupo minoritário diferente de outros.

Para investigar a variedade do português falado nessas comunidades, nos baseamos na perspectiva teórica da dialetologia pluridimensional, conforme Thun (1998), Radtke e Thun (1996), a qual inclui nas pesquisas linguísticas diferentes dimensões espaciais e sociais em comunidades de fala distintas. Segundo Thun (1998), a “dialetologia pluridimensional” pode ser compreendida como a ciência geral da variação linguística e das relações entre variantes e variedades de um lado e de falantes

de outro. À dimensão diatópica ou areal da geolinguística tradicional se incorporam outras dimensões, tais como a idade (dimensão diageracional) e o sexo (dimensão diassexual) etc.

O que a pluridimensionalidade pretende é evitar as conclusões perigosas da dialetologia monodimensional da suposta uniformidade e ausência de variabilidade linguística. O estudo – a observação da variação orienta-se por um conjunto de dimensões de análise, através das quais se busca organizar o “caos aparente” da variação linguística e captar os aspectos centrais que caracterizam o comportamento linguístico em determinada área de estudo.

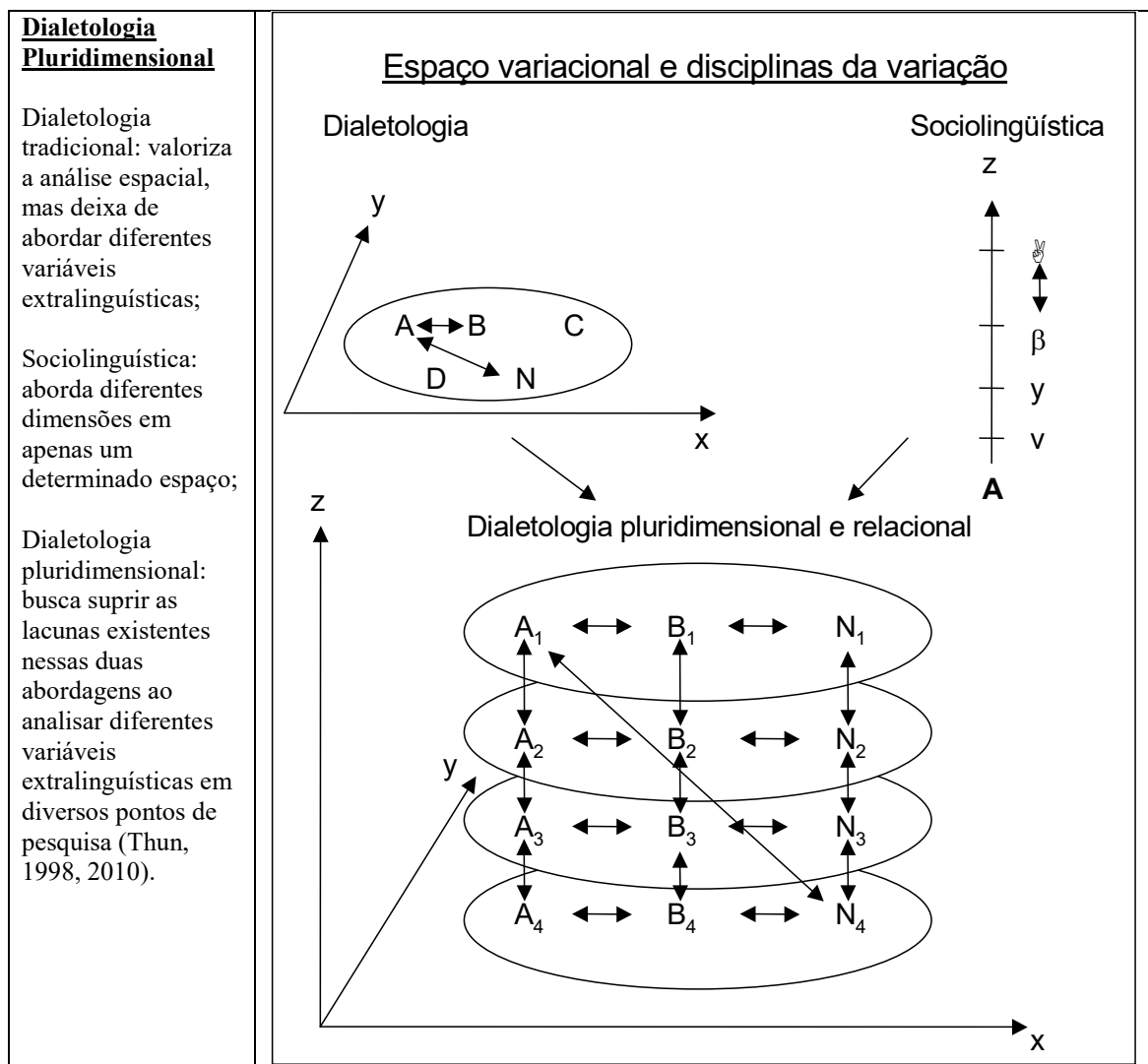


Figura 2: Modelo da dialetologia pluridimensional e relacional, segundo o esquema de Thun (1998:705)

Através desse modelo de macroanálise da variação e dos contatos linguísticos, foi possível identificar no comportamento linguístico variável das sete comunidades afro-brasileiras alguns fatores determinantes da variação e mudança do português,

apontados pelos dados dos diferentes pontos de pesquisa (dimensão diatópica), grupos etários GII e GI (dimensão diageracional) e falantes homens e mulheres (dimensão diassexual).

Frente à impossibilidade de se poder considerar o Rio Grande do Sul como um bloco linguístico uniforme, é preciso partir do pressuposto de que o português sul-riograndense comporta subvariedades que podem ser associadas à microáreas de variação, condicionadas por fatores históricos, sócio-culturais e geográficos, entre os quais áreas de fronteira, de campo, de serra e de litoral, bem como áreas de imigração, de colonização antiga e recente, urbanas e rurais.

As contribuições de projetos como o *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil* (ALERS, 2011a e 2011b) e *Variação Linguística Urbana da Região Sul* (VARSUL) têm mostrado a relevância dos contatos linguísticos para essa configuração linguística do território (Altenhofen, 2008). Torna-se necessário, assim, considerar a dimensão diatópica das comunidades afro-brasileiras, seu contexto histórico e geográfico, a fim de evitar generalizações que impediriam a observação e análise de processos regionais particulares que, além de caracterizarem as respectivas comunidades, permitem comparar e compreender melhor os diversos fatores sociais subjacentes ao comportamento linguístico dos falantes em cada ponto de pesquisa.

### **Afrodescendentes no contexto das línguas minoritárias**

Língua minoritária pode ser entendida como toda e qualquer língua falada por uma minoria num estado nacional. Partindo deste princípio, o Grupo de Trabalho da Diversidade Linguística do Brasil (GTDL), em Seminário realizado no ano de 2006, começou a discutir acerca da Criação do Livro de Registro das Línguas.

Segundo o Livro de Registro de Línguas do IPHAN, no Brasil, além da Língua Portuguesa, temos mais de 200 línguas sendo faladas. As nações indígenas do país falam cerca de 180 línguas (chamadas de *autóctones*), e as comunidades de descendentes de imigrantes cerca de 30 línguas (chamadas de línguas *alóctones*). Além disso, usam-se pelo menos duas línguas de sinais de comunidades surdas, línguas afro-brasileiras, e práticas linguísticas diferenciadas nos “quilombos”, muitos já reconhecidos pelo Estado, e outras comunidades afro-brasileiras. Finalmente, há uma

ampla riqueza de usos, práticas e variedades no âmbito da própria língua portuguesa falada no Brasil, diferenças estas de caráter diatópico (variações regionais) e diastrático (variações de classes sociais) pelo menos. Somos, portanto, um país de muitas línguas, tal qual a maioria dos países do mundo (em 94% dos países são faladas mais de uma língua).

No tocante a herança linguística africana, as línguas que aqui aportaram não se estabeleceram por vários motivos que não vem a propósito nesta pesquisa. A variedade dialetal falada em comunidades afro-brasileiras é designada pelo GTDL como *línguas de comunidades afro-brasileiras*. Essa definição se baseou na manifestação de usos específicos, seja como línguas rituais (por exemplo, as usadas nos cultos afro-brasileiros), seja como línguas secretas que identificam afrodescendentes como a Gira da Tabatinga fruto de remanescentes de uma das duas famílias de Bom Despacho/MG detentoras da tradição linguístico-cultural africana.

Essa língua de comunidade afro-brasileira é composta por um português rural do Brasil-Colônia e por línguas do grupo Bantu, com predomínio do quimbundo e umbundo, faladas até hoje em Angola. A língua praticada na Comunidade Afro-brasileira da Tabatinga é considerada uma língua minoritária de base africana, reconhecida por sua riqueza, sua função histórica e sua legitimidade. Mas ainda está longe o dia em que as línguas minoritárias, como indígenas e africanas, passarão a ser “línguas naturais” e não “dialetos” marginalizados e estigmatizados pela cultura dominante.

Porém, esse uso de uma língua de comunidade afro-brasileira, realizada somente pela prática oral perde cada vez mais espaço para a língua escrita, principalmente por sua prática nas escolas etc., e como critério de inserção social; colocando em desuso as línguas minoritárias. Está em jogo a questão do prestígio da escrita em relação as línguas africanas. A resistência para tratar de questões relativas às línguas africanas no Brasil começa, antes de tudo, pelo prestígio atribuído à escrita em detrimento da oralidade, a partir de uma pedagogia vigente no mundo ocidental, que sempre privilegiou o ler e o escrever diante da não menos importante e mais antiga arte do falar e do ouvir.

O plurilinguismo é uma característica que ocorre na grande maioria dos países e no Brasil não é diferente. Só que aqui, devido às repressões, os afrodescendentes, passaram obrigatoriamente a usar a língua portuguesa; deixando o uso de suas línguas ou códigos em grupos específicos, como a linguagem-ritual usada nos cultos de origem



afro e afro-brasileiro, e também como língua secreta, usadas, por exemplo, nas atuais comunidades afro-brasileiras, ou seja, as referidas representações linguísticas existentes hoje estão em grupos pequenos e com um número de léxico bastante reduzido:

I— Os cultos de tipo —candomblé das diferentes —nações (nagô-quetu, jeje, angola) utilizam diversas línguas: iorubá, em todos os cultos e principalmente na nação nagô-quetu; ewe-fon, nos cultos jeje; quimbundu e quicongo, no candomblé de Angola. No Maranhão, no tambor de mina, há um misto de língua mina-nagô.

II— Nos cultos de umbanda — religião brasileira formada do encontro de cultos africanos e tradições indígenas com o espiritismo e o catolicismo — fala-se português brasileiro popular, com vocabulário, semantismo e traços morfossintáticos particulares, próprios da entidade incorporada pelo médium no estado de transe (Bonvini; Petter, 1998:78).

III— Por comunidades negras rurais, como forma de resistência cultural foi registrado por duas obras: uma sobre a linguagem do Cafundó, em São Paulo (Vogt; Fry, 1996) e outra a respeito da linguagem da Tabatinga, em Minas Gerais (Queiroz, 1998). Em Minas Gerais há menções sobre situação semelhante no povoado de Milho Verde e em Capela Nova (Queiroz, 1998:32).

IV— [...] Vogt; Fry relatam a existência em Patrocínio (MG), de uma língua‘ identificada como calunga, com um léxico bastante semelhante ao do Cafundó, mas com um uso bastante distinto: ela é falada por brancos e negros, indistintamente (Vogt; Fry, 1996:234-255).

## **Espaço e sociedade na relação entre sociolinguística e dialetologia**

Conforme observa Altenhofen (2014), fronteiras políticas e fronteiras linguísticas dificilmente coincidem. Neste estudo, ao tratar desta temática percebemos que mesmo os quilombos dentro das áreas determinadas diferem linguisticamente. As línguas variam internamente e de *status*, podendo ser a) língua majoritária ou minoritária, b) central ou periférica, ou ainda c) língua oficial ou marginal”. As línguas que foram trazidas para o Brasil pelo escravizados nunca teve um status de majoritária, portanto, sempre fora considerada minoritária.

Isso faz com que línguas muito distintas ocupem territórios e constituam territorialidades

Por *territorialidade* entendo, aqui, o espaço de uso real ou potencial de uma variedade ou variante linguística. O *território* é, em contrapartida, a base físico-geográfica, a área onde se constituem territorialidades distintas. Consequentemente, a territorialização refere-se à ação de ocupar territórios e definir aí territorialidades, que, como veremos, podem ocorrer em diversos níveis, desde o situacional até o geográfico (Altenhofen, 2014:73).

A situação que se apresenta no Rio Grande do Sul é de contato do português com várias outras línguas, dentre elas com línguas indígenas num primeiro momento, línguas africanas num segundo momento, e por último, línguas de imigração (alóctones) vindas a partir da segunda metade do século XIX. O que está ocorrendo a partir do contato destas línguas é o que Altenhofen (2014) denomina de *territorialização horizontal*, ou seja, territorialidades com menor densidade de ocupação de espaço. Pesquisas atuais dão conta de que desde o séc. XIX passou-se ao processo de *territorialização vertical*, através do qual o português vem substituindo a territorialidade das línguas as com quais entrou em contato (Ponso, 2003; Margotti, 2004; Leão, 2007; Pertile, 2009; Dück, 2011; Horst, 2014).

### **Dimensões de análise**

De acordo com os objetivos propostos para esta pesquisa, serão controladas três dimensões e parâmetros da amostra, segundo o Quadro a seguir.

Além dos parâmetros elencados no Quadro consideramos o critério de ter nascido e vivido sempre ou a maior parte de sua vida na comunidade onde mora.

Quadro 1: Dimensões e parâmetros de análise da pesquisa

| <b>DIMENSÃO</b>               | <b>PARÂMETRO</b>  | <b>CRITÉRIO</b>  |
|-------------------------------|---|--|
| <b>diatópica</b>              | <b>Topostático</b> (informantes não trocam de quilombo)<br>quilombo rural – quilombo urbano   | Sete localidades de pesquisa:<br>RS01 Região do Litoral/Lagunas – Morro Alto (Osório).<br>RS02 Região Metropolitana – Família Fidelix (Porto Alegre).<br>RS 03 Região dos Pampas e Antigas Charqueadas – Maçambique (Canguçu).<br>RS04 Região da Campanha – Quilombo de Palmas (Bagé)<br>RS05 Região da Depressão Central – Cerro Formigueiro (Formigueiro).<br>RS06 Serrana /Imigração – São Roque (Arroio do Meio).<br>RS07 Região das Missões – Comunidade Quilombola Correa (Girúá). |
| <b>diastrática</b>            | <b>Se:</b> Sem Escolaridade<br><b>Ce:</b> Com Escolaridade  | <b>Se:</b> Sem Escolaridade<br><b>Ce:</b> Com Escolaridade<br>NÃO será considerada, pois um dos critérios para a entrevista era !escolaridade preferencialmente inferior a Ensino Médio.   |
| <b>diageracional</b>          | <b>GII</b> (geração velha)<br><b>GI</b> (geração jovem)   | <b>GII:</b> idade acima de 55 anos<br><b>GI:</b> idade entre 18 e 36 anos<br>Foram realizadas entrevistas separadas com os mais velhos e os mais jovens.   |
| <b>diassexual</b>             | <b>H:</b> Homens<br><b>M:</b> Mulheres  | A variação diassexual será observada apenas de forma qualitativa, por meio da pluralidade simultânea de informantes, que reúne homens e mulheres de mesma geração e perfil sócio-cultural na mesma entrevista.   |
| <b>diafásica</b>              | <b>Resp:</b> respostas ao questionário<br><b>Tx:</b> conversa livre (etnotextos)  | NÃO será considerada, apesar da atenção a dados de entrevista com questionário e conversa livre, porém de forma qualitativa.   |
| <b>diarreferencial</b>        | <b>Lg:</b> fala “objetiva”<br><b>MLg:</b> fala metalinguística  | Análise qualitativa de dados obtidos por meio da técnica de entrevista em três tempos: perguntar – insistir - sugerir  |
| <b>diareligiosa</b>           | <b>Mafri:</b> cultos de matriz africana<br><b>Crist:</b> cristão (católico, evangélico etc)   | NÃO será considerada, será dada atenção à religião, porém de forma qualitativa.  |
| <b>dialingual (contatual)</b> | <b>Conta:</b> monolíngues e/ou contato com língua alóctones<br><b>Lafri:</b> praticantes de línguas ritualísticas de religiões de matriz africana | NÃO será considerada, porém será dada atenção para situações de contato línguas autóctones e línguas alóctones e para praticantes de línguas ritualísticas de religiões de matriz africana.  |

## Coleta dos dados

Para a coleta de dados visitamos sete comunidades quilombolas em sete Regiões distintas do RS. Nossa intenção num primeiro momento, era entrevistar, um homem e uma mulher da geração mais velha juntos; e num segundo momento, um homem e uma mulher da geração mais nova; não necessariamente nesta ordem. A boa vontade em participar da pesquisa fez com que em algumas comunidades houvesse uma pluralidade de entrevistados. Nestes pontos houve a presença de informantes, como segue:

Quadro 2: Número de informantes.

| Ponto              | Comunidade                   | GIIm | GIIf | GIm | GIf | Total     |
|--------------------|------------------------------|------|------|-----|-----|-----------|
| RS01               | Morro Alto                   | 2    | 1    | 0   | 0   | 3         |
| RS02               | Família Fidelix              | 1    | 1    | 1   | 1   | 4         |
| RS 03              | Maçambique                   | 1    | 2    | 1   | 2   | 6         |
| RS04               | Quilombo de Palmas           | 1    | 2    | 1   | 1   | 5         |
| RS05               | Cerro Formigueiro            | 1    | 1    | 1   | 2   | 5         |
| RS06               | São Roque                    | 1    | 2    | 2   | 1   | 6         |
| RS07               | Comunidade Quilombola Correa | 1    | 2    | 1   | 1   | 5         |
|                    |                              | 8    | 10   | 7   | 8   |           |
| <b>Total Geral</b> |                              |      |      |     |     | <b>34</b> |

Esta pesquisa tem um caráter inovador, uma vez que fizemos uma macroanálise pluridimensional e relacional do português falado por afrodescendentes de comunidades afro-brasileiras do Rio Grande do Sul situadas em sete pontos distintos entre si.

Após a etiquetagem dos dados, investigamos ponto por ponto como se constituiu e constitui a variedade local das comunidades quilombolas, buscando descobrir se elas mantêm ou substituí variantes de origem africana ou mais arcaicas, ou seja, se configuram uma variedade mais conservadora ou mais contemporânea. Em seguida verificamos se a variedade local do português convergia ou divergia do português do entorno; por fim, se se distancia ou aproxima do standard/substandard do português do Brasil, ou melhor, se, mostram uma variedade mais normatizada ou mais popular, levando-se em conta os traços característicos:

|                          |                              |
|--------------------------|------------------------------|
| [+ peculiar]             | [+ nivelamento]              |
| [+ conservador/ arcaico] | [+ mudança linguística]      |
| [+ africano]             | [+ substituição linguística] |
| [+ popular]              | [+ normatização]             |

Essa identificação serviu de base para a cartografia e análises quantitativas.

## **Macrotendências observadas**

A análise particularizada de cada um dos mapas elaborados para este estudo permitiu observar algumas macrotendências que ou confirmaram ou rebateram expectativas formuladas no início da pesquisa:

a) No plano diatópico, podemos destacar as seguintes tendências:

- 1) RS01 (litorâneo) e RS02 (urbano) são os pontos que mais conhecem a forma [+afro]. Por extensão, parecem ser os pontos com maior consciência das marcas de africanidade (v. **mapas 028** e seguintes provam isso);
- 2) RS03 (charqueadas) e RS04 (pampas) sugerem um comportamento fortemente convergente e assimilável ao português do entorno. Têm, por isso, um comportamento regional próprio (cf. **mapas 028b**). RS04 parece ser o ponto mais conservador, mesmo que muitas vezes predomine uma variante que poderia ser não exclusiva da influência afro;
- 3) por fim, RS05 (região central) constituiu um ponto à parte, com um comportamento de perda acentuada, como em parte também RS07;
- 4) os pontos RS02, RS03 e RS05 muitas vezes compartilham comportamentos que parecem sinalizar uma influência dos centros urbanos em torno (Porto Alegre, Pelotas e Santa Maria);
- 5) O ponto RS06 (de imigração) parece ser o ponto que mais reflete a influência do contato com língua imigração, ao lado do ponto RS07 (missioneiro) que também possui influência de imigração, pelo menos na variação fonética (cf. **mapas 001-003, 015, 016**).
- 6) Os pontos situados mais ao norte (Litoral – RS01, Imigração – RS06, Missões – RS07) e, em posição intermediária, RS05, levantam a hipótese de influência paulista de um português popular de base caipira, provavelmente em virtude das rotas de tropeiros, por exemplo, na ocorrência de /r/ retroflexo. c ompartilham igualmente marcas que parecem contrastar com o português rio-grandense de influência paulista e de imigração
- 7) Os pontos RS05 e RS07 são os que menos conhecem a forma [+afro] (cf. **mapas 028d e 035**).

b) Na dimensão diasssexual, evidencia-se, de modo geral, que as mulheres, mesmo as GII, tendem a um comportamento de maior adesão às inovações ou às variantes do português do entorno, de fora das comunidades afro-brasileiras. Isso pode

se explicar pelo papel social das mulheres que mantinham um contato maior com falantes lusos, tendo em vista sua atividade como servindo os senhores/os donos.

c) Os falantes homens GII, em contrapartida, parecem constituir o grupo mais conservador. Entre os jovens, é também primordialmente o grupo GI<sub>m</sub> que mais mantém variantes [+afro] no português.

d) A análise da variação lexical do português das comunidades afro-brasileiras analisadas no RS sinaliza fortemente uma mudança em curso em dois sentidos:

- 1) de um lado constata-se, através dos dados cartografados, uma perda significativa de variantes [+ **afro**] da GII para GI;
- 2) de outro lado, verifica-se no sentido contrário uma reintegração de formas [+ **afro**], provavelmente resultantes em grande parte do português geral falado no entorno destas comunidades tanto de/quanto de uma consciência identitária acentuada por meio do movimento negro; a comparação diageracional permite levantar essa hipótese.

### **Considerações Finais**

À guisa de conclusão, vale destacar ao menos dois pontos relevantes que serviram de motivação à finalização deste estudo. Primeiro, tratar-se da linguagem de um tipo de minoria cuja linguagem não se encontra em um processo de obsolescência no que diz respeito à espacialidade sul-riograndense. Temos plena certeza que com esse trabalho, pelo menos parte de nossa riqueza linguística fica registrada. Em segundo lugar, o estudo tem seu valor como registro de uma fala regional brasileira, especificamente do RS; afinal, o que as comunidades afro-brasileiras estudadas falam é uma variedade do português.

Este trabalho foi a tentativa de romper paradigmas. Com todas as deficiências e lacunas que reconhecemos neste trabalho – e a pesquisa com os dados levantados deve continuar com certeza, visto que há ainda muitos dados por analisar no *corpus* levantado – se o presente estudo proporcionou um olhar e uma perspectiva diferente de estudo das relações entre língua e sociedade em comunidades afro-brasileiras do Brasil, em toda a sua diversidade representada, neste recorte do Rio Grande do Sul – litoral, metrópole, charqueada, pampa, imigração, planalto central e Missões (colônias novas) –

Eu enquanto autor, que se considera parte dessa história, já se dará por satisfeito pela contribuição prestada. Entender como se constitui ou desconstitui a língua de um grupo humano é, aliás, o primeiro passo para a afirmação de sua identidade.

A realização deste estudo permitiu, enfim, **entender um pouco melhor a dinâmica de formação do português em comunidades desse tipo, historicamente segregadas em virtude de sua condição de opressão, porém não descontextualizadas, tampouco tão isoladas que só se possa pensar em formas arcaicas.** Um ponto central que não se pode esquecer é que essas comunidades se constituíram, acima de tudo, “em situações de contato linguístico” com a sociedade do entorno. O **português dos afro-brasileiros**, nos dias atuais, é essencialmente o resultado dos contatos linguísticos desses grupos de fala com o português da sociedade e cultura dominante em que estão inseridos.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALERS, 2011a = Koch, Walter; Altenhofen, Cléo V. & Klassmann, Mário (Orgs.). *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS): Introdução, Cartas fonéticas e morfossintáticas*. 2<sup>a</sup>. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Editora da UFSC, 2011. 512 p.

ALERS, 2011b = Altenhofen, Cléo V. & Klassmann, Mário (Orgs.). *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS): Cartas Semântico-Lexicais*. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Editora da UFSC, 2011. 960 p.

Altenhofen, Cléo V. 2008. Os contatos linguísticos e seu papel na arealização do português falado no sul do Brasil. In: Espiga, Jorge; Elizaincín, Adolfo. (Org.). *Español y portugués: um (velho) novo mundo de fronteiras e contatos*. Pelotas, v., p. 129-164.

Altenhofen, Cléo V. 2014. O “território de uma língua”: ocupação do espaço pluridimensional por variedades em contato na Bacia do Prata. In: Fernández, Ana Lourdes da Rosa Nieves; Mozzillo, Isabella; Schneider, Maria Nilse & Cortazzo, Uruguay (orgs.). *Línguas em contato: onde estão as fronteiras?* Pelotas: Editora UFPel, p. 69-103.

Bonvini, Emilio. 2009. Línguas africanas e português falado no Brasil. In: Fiorin, José Luiz; Petter, Margarida Maria Taddoni. *África no Brasil – a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, p. 15-62.

Bonvini, E.; Petter, M. M. T. 1998. Portugais du Brésil et Langues Africaines. *Langages*, 130, Paris: Larousse.

Careno, M. F. do. 1997. *Vale do Ribeira: a voz e a vez das comunidades negras*. São Paulo: Arte & Ciência/UNIP.

Düek, Elvine Siemens. 2011. *Vitalidade linguística do Plautdietsch em contato com variedades standard faladas em comunidades menonitas no Brasil*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Horst, Aline. 2014. *Variação e contatos linguísticos do vestfaliano rio-grandense falado no Vale do Taquari*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Programa de Pós-Graduação em Letras.

Lucchesi, Dante. 1998. A contituição histórica do português brasileiro como um processo bipolarizado: tendências atuais de mudança nas normas culta e popular. In: Große, S.; Zimmermann, K. (Ed.) “Substandard” e mudança no português do Brasil. Frankfurt am Main: TFM.

Lucchesi, Dante; Baxter, Alan; Ribeiro, Ilza. 2009. *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA.

Margotti, Felício Wessling. 2004. *Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no sul do Brasil*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul; PPG-Letras.

Pertile, Marley Terezinha. 2009. *O Talian entre o italiano-padrão e o português brasileiro: manutenção e substituição linguística no Alto Uruguai gaúcho*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Pessoa de Castro, Yeda. 1990. *Os falares africanos na interação social dos primeiros séculos*. In: Sociedade, cultura e língua: Ensaio de sócio e etnolinguística. Org. por Linalda de Arruda Mello. João Pessoa : Shorin, p. 91-113.

Petter, M. M. T. 2001. Africanismos no português do Brasil. *História das idéias linguísticas: Construção do saber metalinguístico e constituição da língua nacional*. Eni P. Orlandi (org.). Campinas: Pontes; Cáceres: Unemat Editora.

Petter, M. M. T. 2002. Termos de origem africana no léxico do português do Brasil. In: Nunes, J. H. *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP: Pontes.

Petter, M. M. T.; Fiorin, J. L. 2009. *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. 1. ed. São Paulo: Contexto.

Ponso, Letícia Cao. 2003. *A variação do português em contato com o italiano na comunidade bilingue de São Marcos - RS*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

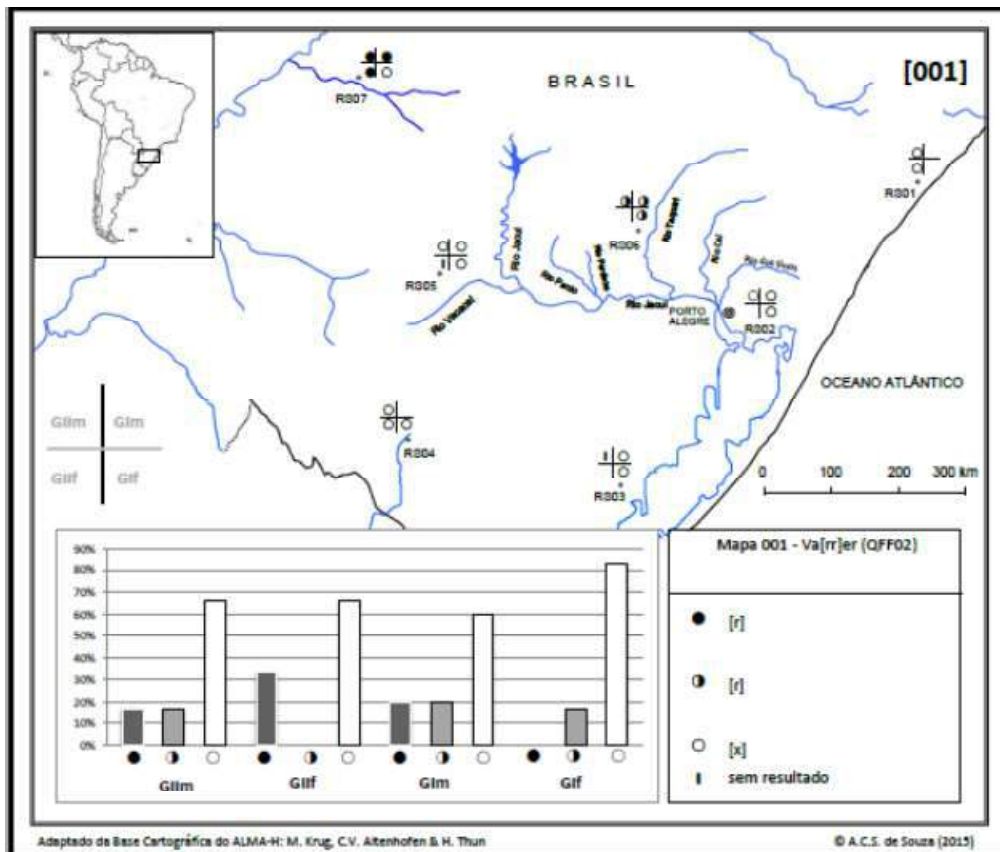
Thun, Harald. 1998. *La geolinguística como linguística variacional general (com ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay)*. In: International Congress of Romance Linguistics and Philology (21. : 1995 : Palermo). *Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza*. Org. Giovanni Ruffino. Tubingen : Niemeyer. v. 5, p. 701-729, incluindo resumo dos tópicos principais da seção 5, p. 787-789.

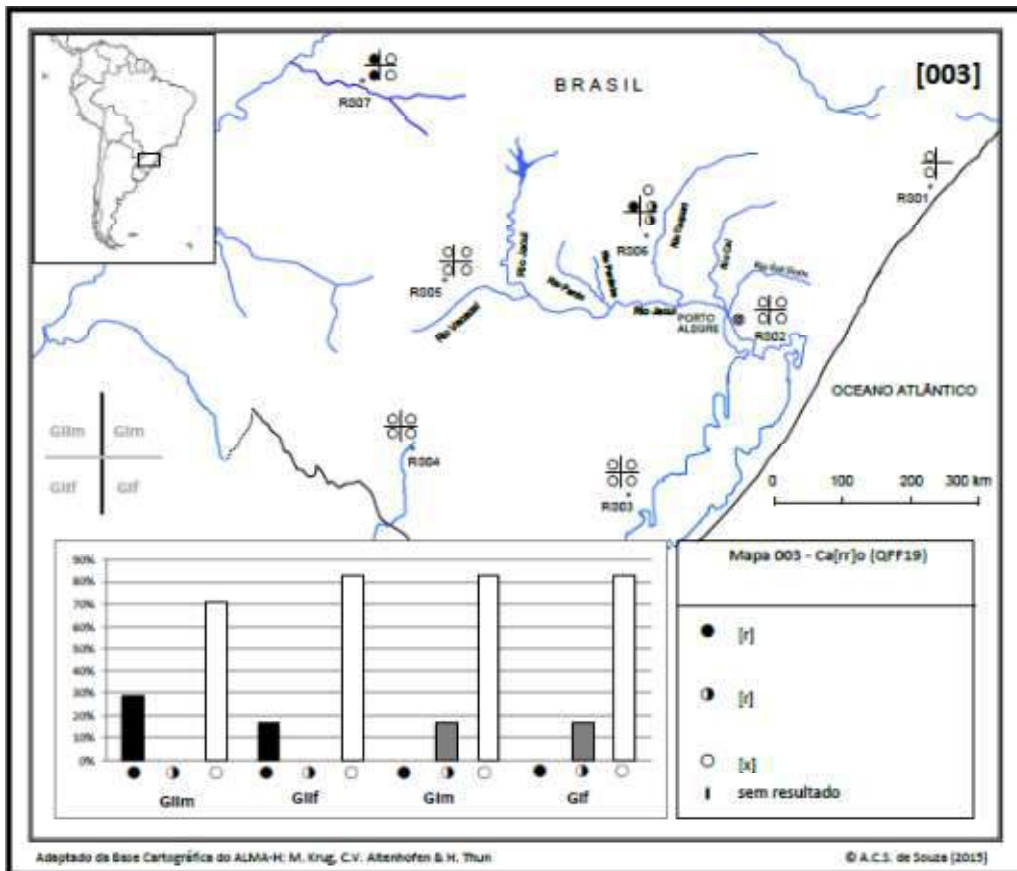
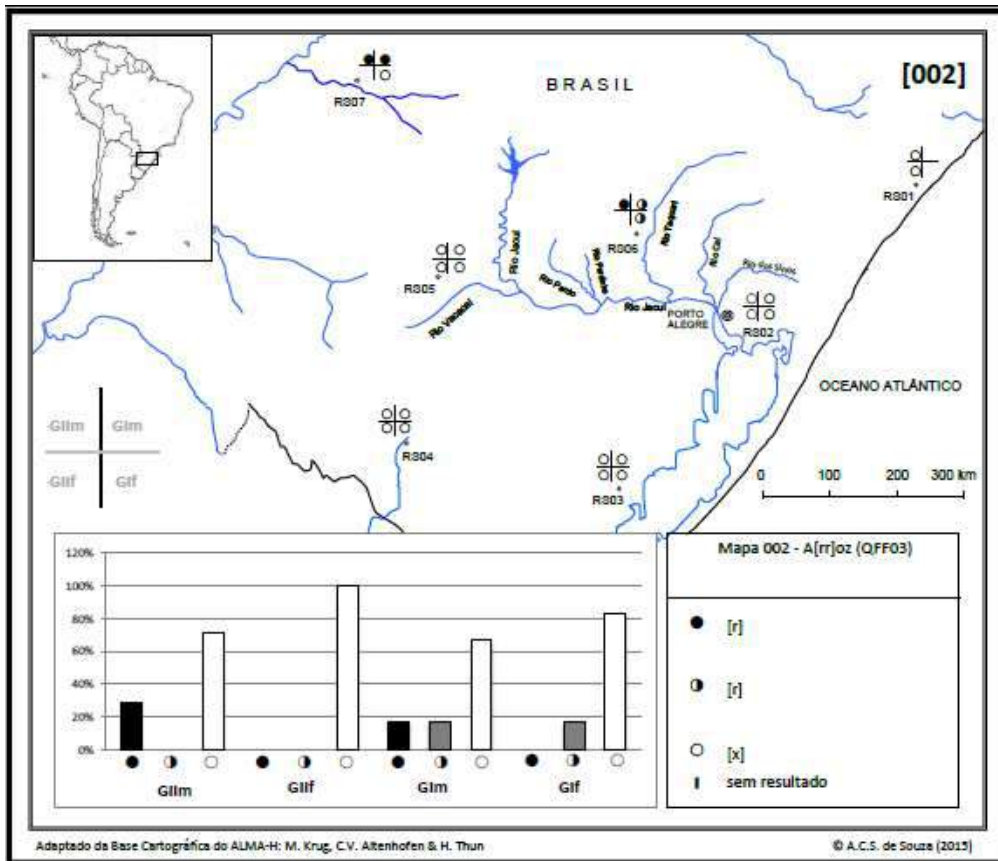


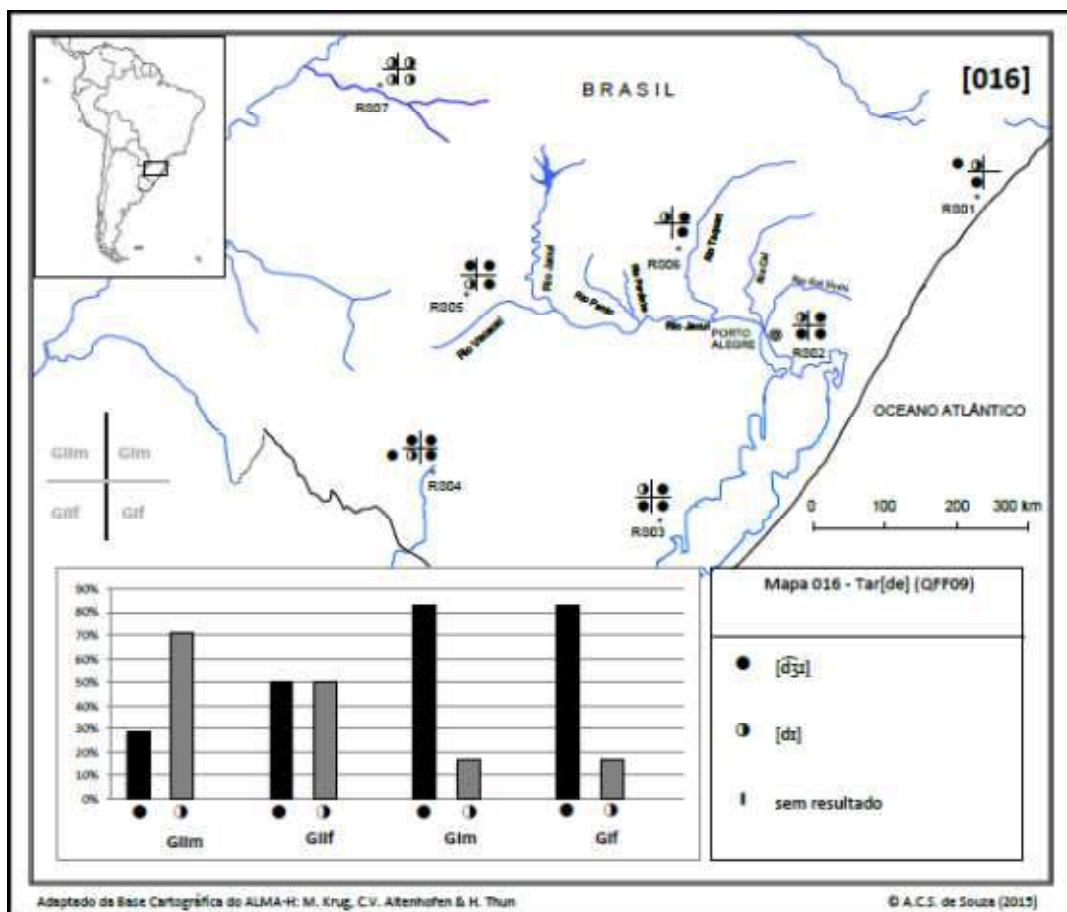
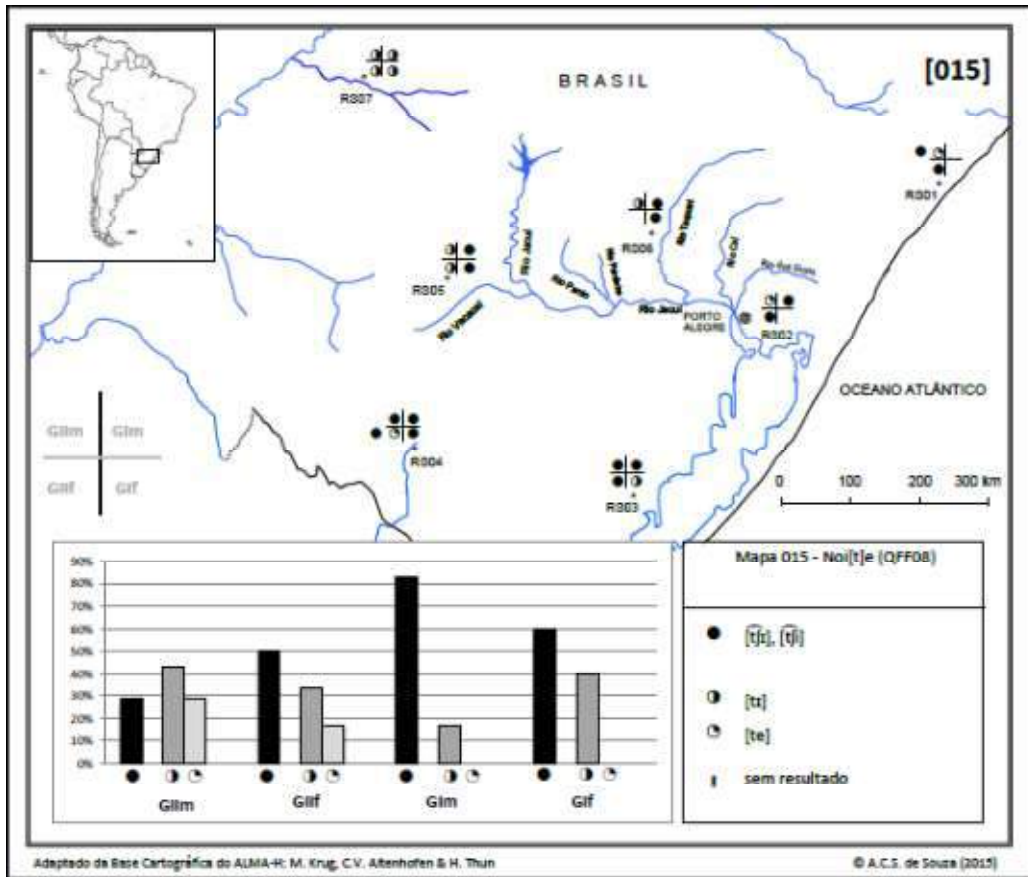
Thun, Harald. 1996. *Movilidad demográfica y dimensión topodinámica. Los montevideanos en Rivera*. In: Radtke, Edgar; Thun, Harald [orgs.]. *Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie*. Kiel : Westensee-Verl. p. 210-269.

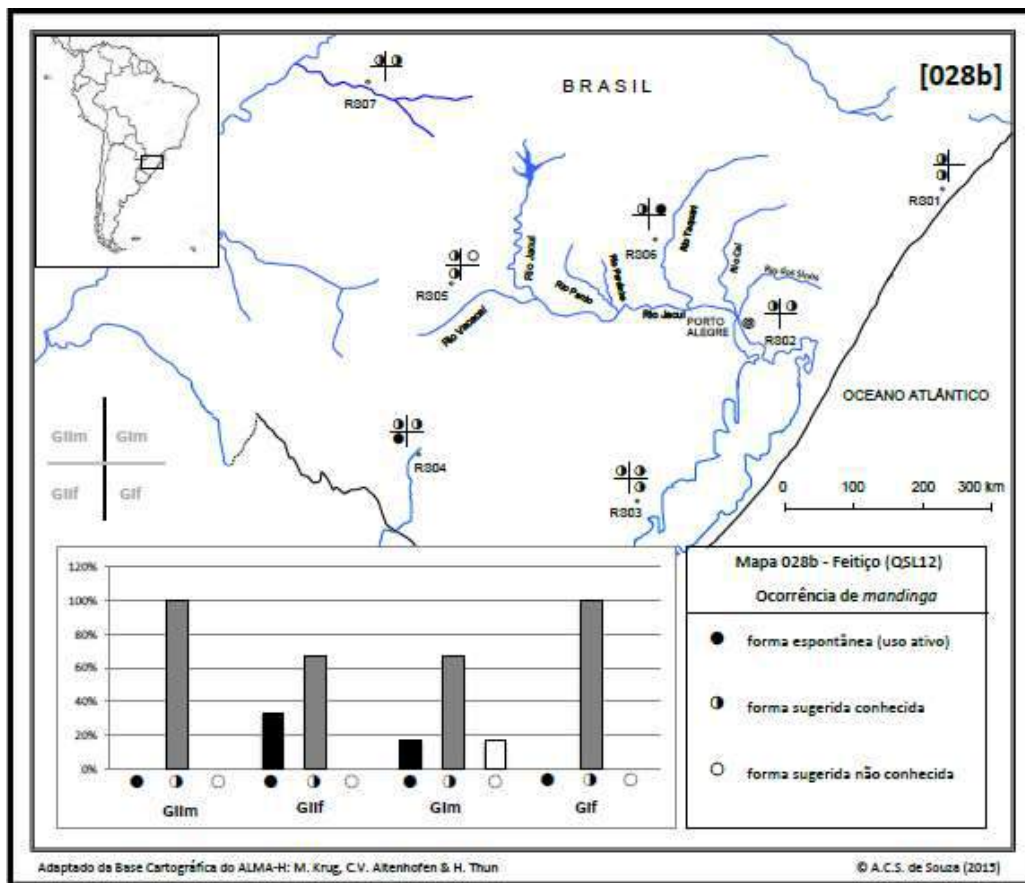
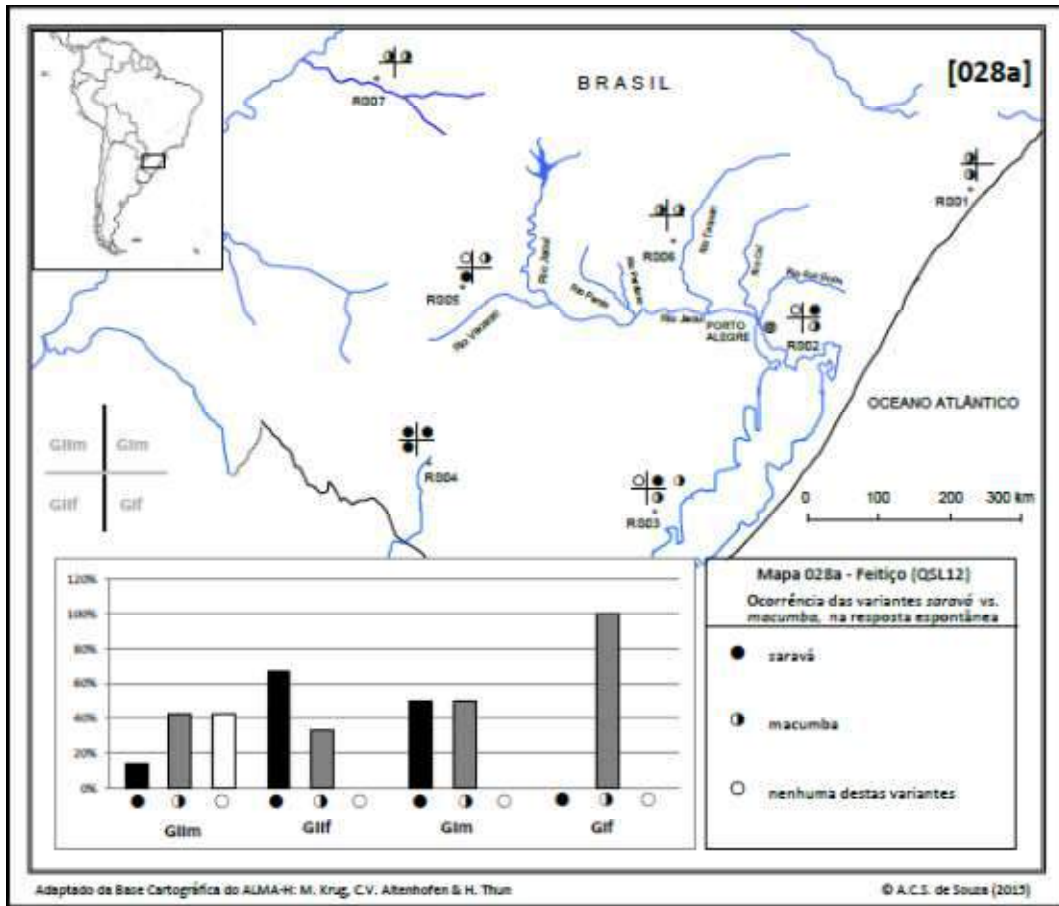
Vogt, C.; Fry, P. 1996. *Cafundó – A África no Brasil*. 1. ed. Campinas: Editora da Unicamp.

## Anexos

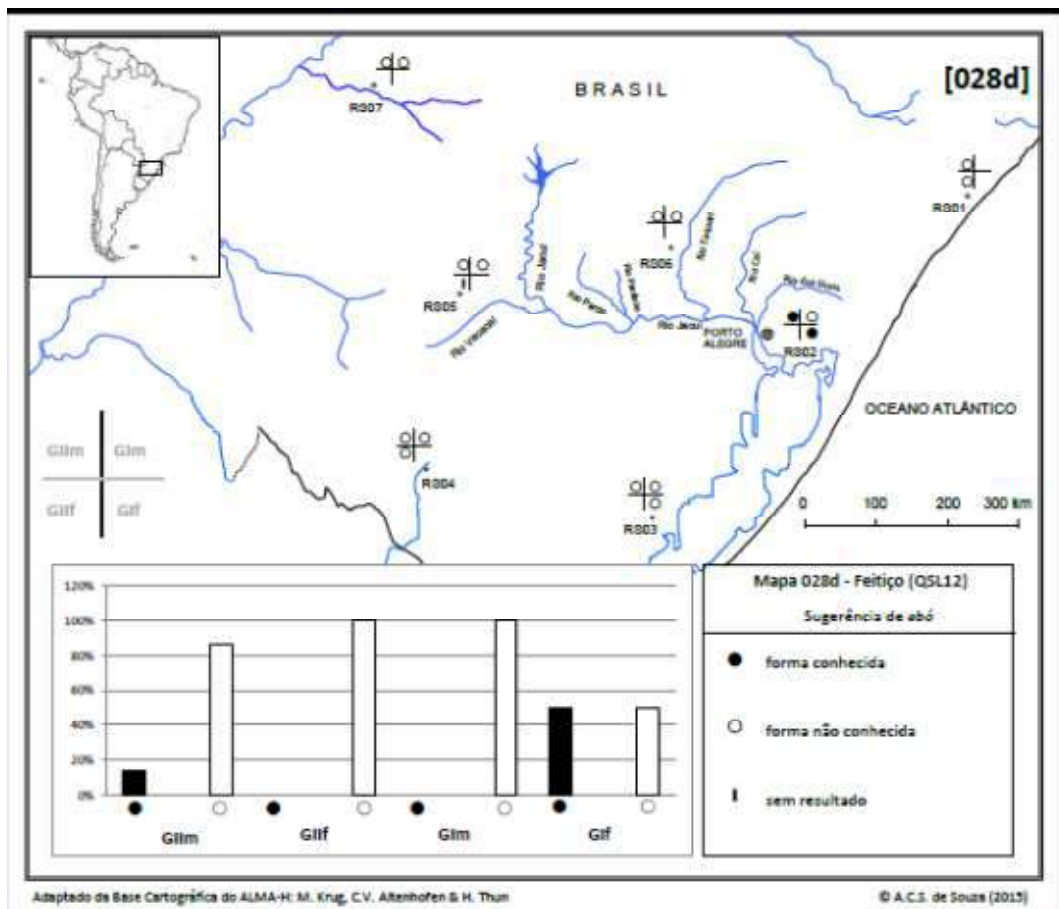
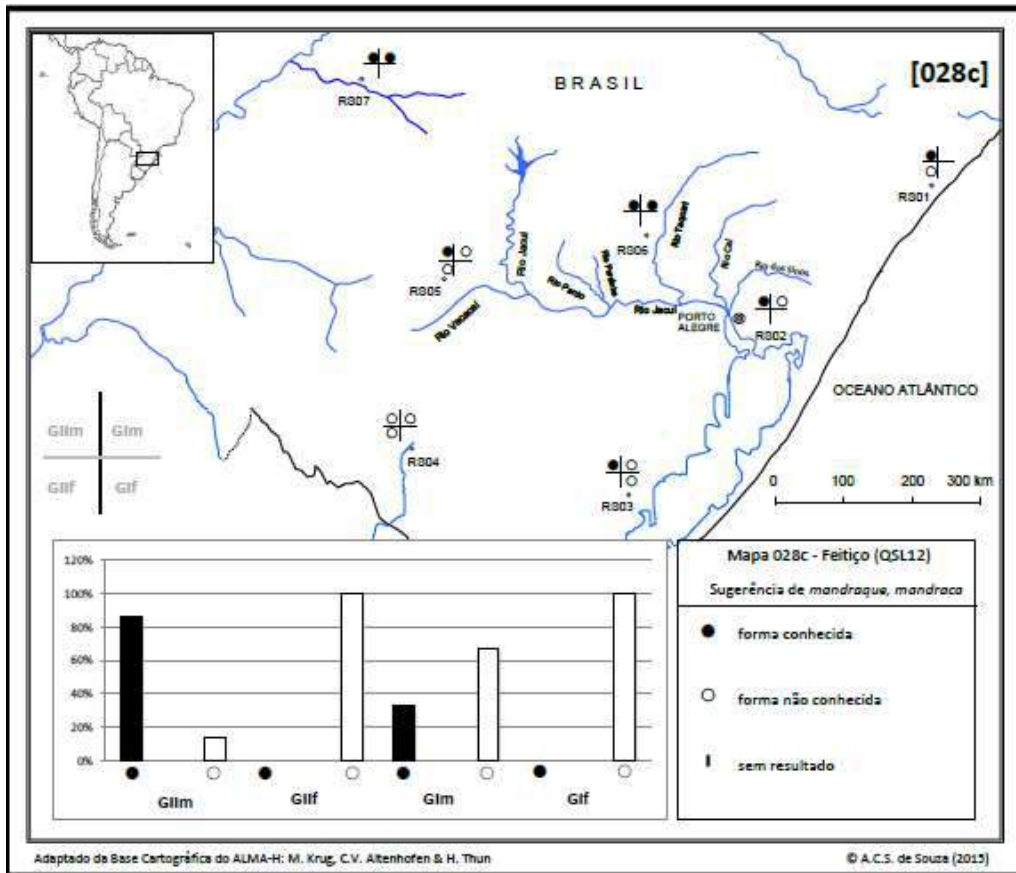


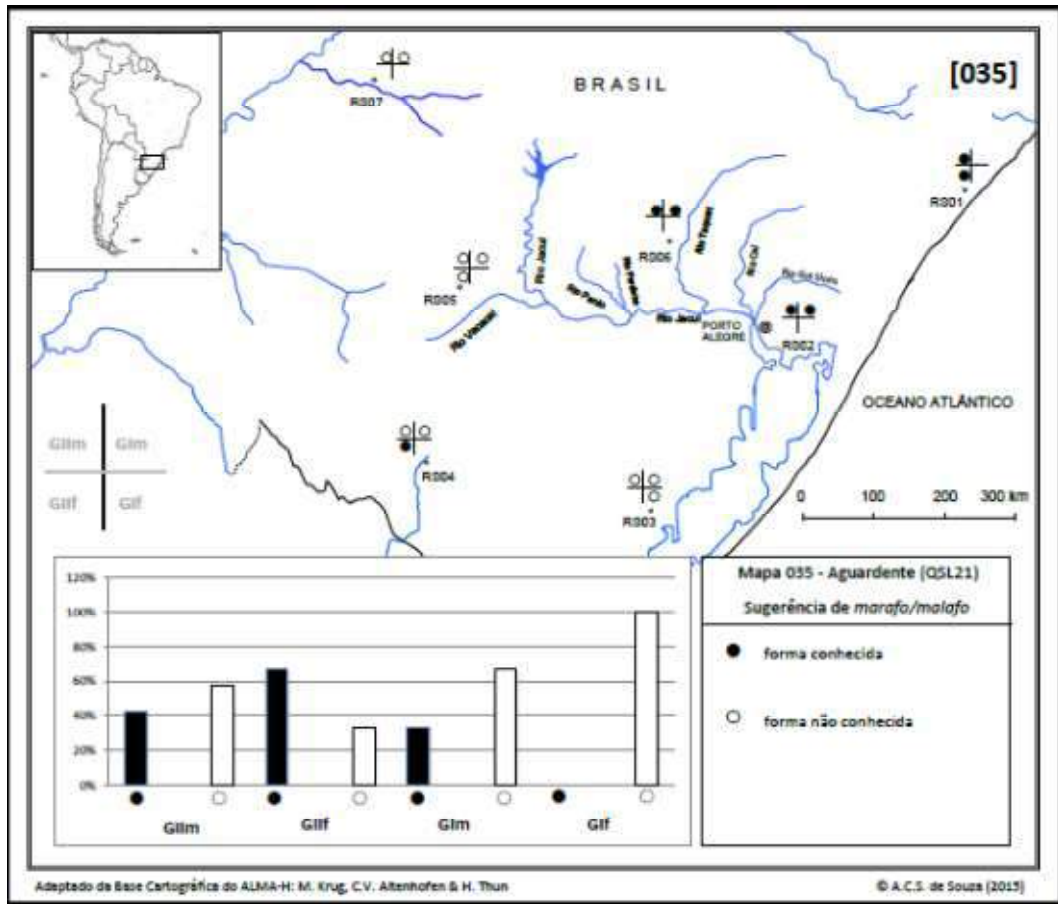












**“NACIONALIDADE É BRASILEIRA [...] ABER  
CORAÇÃO CHORA PROS DOIS”  
COCONSTRUÇÕES BILÍNGÜES – ATOS DE IDENTIDADES BICULTURAIS<sup>2</sup>**

Konstanze Brigitte JUNGBLUTH<sup>3</sup>

RESUMO<sup>4</sup>

Muito recentemente a sociedade brasileira se autopercebeu como uma comunidade de fala com uma só língua, o Português Brasileiro (PB). Nesse contexto, e também com a crescente divulgação dos meios de comunicação, a pressão para assimilar-se a essa sociedade monolíngue aumentou. As/os descendentes de imigrantes alemães, por exemplo, que durante três gerações conseguiram dar continuidade ao uso de sua língua de origem, agora já não podem assegurar a aquisição dessas competências (Zinkhahn-Rhobodes 2012). Hoje em dia, a preocupação das minorias no contexto nacional se volta também para as comunidades que falam outras línguas do/no Brasil: línguas autóctones amazônicas ou ameríndias, línguas crioulas ou línguas alóctones europeias ou asiáticas, entre outras. Todos esses contextos geram um espaço multilíngue no Brasil, fazendo com que os falantes bilíngues se afilem a duas culturas distintas: a de sua origem e a nacional. A partir de dados empíricos, a minha comunicação enfoca atos de fala de informantes bilíngues que expressam a sua ancoragem dupla. Há dados gravados no campo perto de Florianópolis onde escutamos: «*Halb das Blut ist Deutsch und nacionalidade é brasileira. Então sind wir so durchgeschnitten ne, aber coração chora pros dois.*» (Laudien 2010; Rosenberg 2015). Entretanto, nem sempre a divisão entre as duas línguas está tão nítida. A coconstrução entre interlocutores bilíngues mostra um uso bilíngue que não respeita fronteiras morfossintáticas. Parece que a penetração é muito mais forte. Os atos de identidade demonstrados pelos atos de fala, como esse, também revelam ser mais intercruzado. Diante desses dados, pretendo analisar as diferentes manifestações de realizações bilíngues ao nível do discurso, da sintaxe e da palavra.

**PALAVRAS-CHAVE:** línguas e culturas em contato; variedades teuto-brasileiras; biculturalidade; coconstruções; atos de identidade

---

2 Agradeço a Layla C. Iapechino Souto pelos comentários construtivos sobre o presente artigo.

3 Europa-Universität Viadrina (EUV), Fakultät für Kulturwissenschaften, Lehrstuhl für Sprachgebrauch und Sprachvergleich, Große Scharrnstraße 59, 15230 Frankfurt (Oder), Deutschland, [jungbluth@europa-uni.de](mailto:jungbluth@europa-uni.de)

4 Agradeço os comentários dos participantes do SIMPÓSIO 47 – PORTUGUÊS DO BRASIL: HISTÓRIA, CONTATOS E VARIEDADES no V Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa, 8-11 outubro de 2015, Lecce (Itália) <http://www.simelp.it>.

## Introdução

Essa contribuição é composta pelas seguintes partes: a) a primeira parte introduz o lugar onde os dados foram colhidos; b) a segunda fala da teoria da fronteira aplicada para a interpretação dos dados empíricos; c) a terceira parte apresenta as coconstruções e enquadra o discurso bilíngue; d) em seguida, apresento a análise das coconstruções bilíngues ao nível do sintagma e ao nível da palavra; d) e, finalmente, a perspectiva abre-se para os atos de identidade e eu pergunto se essa variedade teuto-brasileira claramente audível e evidenciada pelos dados empíricos será um *leto liminal* (compare dialeto; *fusion lect* Auer 1988) em fase de emergência.

## O lugar da pesquisa: Pelotas

A expressão «nacionalidade é brasileira [...] *aber* coração chora pros dois», que introduz o tema dessa contribuição, pode ser caracterizada como um ato de fala bilíngue representando também um ato de identidade (Le Page/Tabouret-Keller, 1985) que indica biculturalidade (Savedra 20XY). Esse trecho pertence a um *corpus* de dados colhido em Pelotas (Laudien, 2010), uma zona rural perto de Rio Grande na Região Sul do Brasil, não muito longe da fronteira com Uruguai, como ilustra a figura 1. Nesse lugar, moram descendentes de alemães da quarta geração e gerações mais novas. Os mais velhos ainda hoje falam o seu dialeto, o pomerano. Alguns sabem falar também o alemão padrão, em certa medida, e naturalmente todos falam português brasileiro.



Figura 1: A zona rural de Pelotas — local de coleta do *corpus* (Laudien, 2010).



Apesar de essa comunidade ser uma comunidade trilingue, nesta contribuição eu reduzo sua complexidade colocando, de um lado, o Platt (pomerano) e o Hochdeutsch (alemão padrão), e, de outro, o Português Brasileiro (PB).

## **Coconstruções**

Em sentido lato, todo discurso pode ser compreendido como uma coconstrução entre falante e o/s seu/s ouvinte/s. O ato da fala e o/s ato/s da recepção representam uma atividade igualmente importante para realizar o discurso (Mondada, 2015). Além disso, o fato da existência de pares de atos de fala como pergunta e resposta nas línguas do mundo evidenciam que a troca entre o papel do falante e do ouvinte deve ser considerada como básica para a comunicação humana.

O trabalho conversacional entre vários interlocutores negociando assuntos de trabalho pode ser observado nos dados seguintes, onde três pessoas pretendem projetar entre todos uma mudança de lugar. Resumindo o discurso, a proposta consiste em dar continuidade ao discurso em andamento almoçando juntos. A finalidade de atingir um acordo sobre atividades compartilhadas, no futuro, precisa de um entendimento anterior. Os turnos conversacionais mostram uma determinação progressiva que, passo a passo, avança do geral ao específico, sempre dependente da ratificação pelos atos de fala ou respostas multimodais com valor afirmativo dos outros.

1. B So, if we could, break it up in the, in the following kind of way. I mean, i', if all, if everybody's gonna be at lunch.
- 1c' C Right, then then the sounding out about current interest and available funds we could, that's sort of a joint thing.
- 1'' [<sup>5</sup>B Right.
- 1c'' [C So it could be the three of us together.
- 1''' B That's right.
- 1c''' C And so I don't know, a half hour or something on that during lunch.

---

5 A fala quase simultânea está marcada pelos colchetes abertos [.

1''' B Right.

Dados 1: **Co-constructing: adjustment between one and another** (Hobbs, 2012:39-40).

Nenhum dos interlocutores expressa de forma completa a proposta parafraseada em cima e titulada por ‘resumo’, e a terceira pessoa (A) não fala. Os passos podem ser extraídos da seguinte maneira: a cadeia semântica progride do geral *all* ‘todos’ (1), *everybody* ‘todo mundo’ (1), e é ratificada em um sintagma nominal *joint thing* ‘coisa compartilhada’ (1c’) por um dos seus interlocutores, até tomar a forma mais complexa *the three of us together* ‘os três em conjunto’ (1c’’).

O resumo está atingido combinando partes de turnos de ambos falantes. O discurso pode ter a forma de diálogo ou de polílogo. A finalidade da interação social de falar consiste em criar sentido, facilitando entendimento, e em chegar a um consenso entre os participantes. Não importa se esse objetivo está atingindo a base de contribuições de vários interlocutores ou se todos participam falando. Em caso extremo pode ser apenas um falante. O ajustamento recíproco (Hobbs, 2012) é fundamental para qualquer coconstrução (Vallentin, 2015). Eu me refiro a esse tipo processual de comunicação com o termo coconstrução.<sup>6</sup>

## A teoria da fronteira

Para a análise dos dados bilíngues estamos aplicando a teoria da fronteira (Schiffauer et al., 2011). Esse enfoque geral nos permite caracterizar os fenômenos linguísticos ao nível do discurso, da sintaxe, da morfologia e da fonologia sob um olhar novo e comum para todos os níveis. Analisamos se as línguas aparecem *separadas*, *combinadas* ou *integradas*. Diferenciamos se as fronteiras são mantidas, porosas ou se elas se dissolvem: no caso da manutenção, as fronteiras são qualificadas como *duráveis*; quando são perfuradas chama-se *permeáveis*; e quando desaparece a zona alargada pode ser denominada com o termo *liminal*.

Em certos contextos históricos, o caso liminal das línguas integradas pode coincidir ou ser transformado em uma nova língua, chamada *fusion lect* (Auer, 1988)

---

<sup>6</sup> Outros autores como Greco/Renaud/Taquechel 2012 usam o termo coconstrução para denominar neologismos criados em contextos multilíngues (veja mais embaixo; Jungbluth submitted).

por alguns autores. Essa fala emergente pode representar um protocriolo ou pode ter semelhanças com as línguas protoromanas (compare, por um lado, o *sermo vulgaris* do Latim tardio / proto-Romano ou, por outro lado, a emergência das glossas interpretando textos em língua latina a partir do séc VI). Eu proponho denominar uma variedade de fala com esse potencial como um *leto liminal*. O leitor pode ler a discussão mais adiante.

### Enquadrar o discurso bilíngue

Começando pelo discurso, a entidade linguística de maior extensão, vamos subordinar agora os dados bilíngues a uma análise aplicando a teoria da fronteira. Os fragmentos seguintes são retirados de uma entrevista com uma senhora de 64 anos de idade, trabalhadora na roça e moradora da região de Pelotas.

2. E...eu respond/ *auf Hochdeutsch oder auf Platt? Ach auf Platt* está bom  
'em alemão padrão ou em dialeto? Aí em dialeto'  
Dados 2: Língua padrão ou dialeto *Platt*? (0132\_Laudien\_RS\_Pelotas 64w POM\_4gen)

3. Hoje em dia assim ca.. *äh heiraten sie und kurze Zeit später sind sie schon*  
'se casam e pouco tempo depois já se separam'

3. *auseinander* né aqui muito é comum né.

Dados 3: **Hoje em Dia** (0246\_Laudien\_RS\_Pelotas 64w POM\_4gen)

Em conversas onde participam interlocutores falando fluidamente dois idiomas, as pessoas gostam de enquadrar o seu discurso em uma das línguas. Eu chamo isso enquadrar o discurso bilíngue porque aparece como uma moldura onde a outra parte do discurso está inserida. Neste caso, as línguas ficam *s e p a r a d a s* e as fronteiras devem ser caracterizadas como *d u r á v e i s*.

### Atos de fala bilíngues ao nível do sintagma

O mesmo não vale para o nível do sintagma. Os dados seguintes mostram que a

fronteira mostra-se porosa. Os traços gramaticais ultrapassam as fronteiras e aparecem concordâncias entre palavras de uma e outra língua.

4. [...] *tragen* ne, [*die Hose* cintura baixa]<sub>SN</sub> ne, *hängt der Speck so drüber*  
'estão vestindo calças a barriga sobressai de fora'

Dados 4: **Cintura Baixa 'Hüft hose'** (0339\_Laudien\_RS\_Pelotas 64w POM\_4gen)

5. [*die* fsg *neue* fsg *geração* fsg]<sub>SN</sub> *ist so* [...] *der Kerl tut auch kochen*  
'a nova é assim [...] o homem cozinha também'

Dados 5: **Die neue geração** (0438\_Laudien\_RS\_Pelotas 64w POM\_4gen)

A transferência dos traços de número e/ou gênero está evidenciado tanto nos dados 4 como nos dados 5. O artigo determinado *die* concorda em número e gênero com o substantivo *geração*, e o mesmo vale para o adjetivo. Tanto no sintagma nominal (SN), usado em dados 4, *die Hose* 'as calças' alargada com a determinação *cintura baixa*, como na forma ainda razoavelmente um grau mais integrada do outro sintagma audível nos dados 5, fica evidente essa combinação, mostrando que as fronteiras entre as duas línguas agora são permeáveis.

## Palavras bilíngues

Agora veremos as palavras bilíngues que os falantes habitualmente criam em comunidades multilíngues estáveis, revelando práticas de fala rotineiras. São o resultado da copresença das línguas faladas mais ou menos simultaneamente no mesmo espaço. Rampton (1995) observou o uso da linguagem dos jovens movendo-se em grupos multiétnicos em Londres e Barcelona. Ele escolheu o termo *crossing* para referir-se ao hábito de usar não só palavras das línguas próprias, mas também ao ato de integrar palavras inteiras ou parte de palavras das línguas dos outros em seu discurso. Um uso semelhante documenta Wiese (2012) em alguns bairros de Berlim. Ela fala do *Kiezdeutsch*, uma variedade nova, um socioleto urbano emergente (variedade diastrática). Os seus falantes são os vizinhos, moradores do mesmo bairro e falantes de línguas próprias distintas. Isso nos faz lembrar as falas locais (compare: *Mundarten*) que no tempo passado marcavam a origem das pessoas de forma muito destacada e tinham a

função de distinguir os aldeões de aldeias diferentes (variedades diatópicas em zonas rurais).

6. das Hoch ist (.) mais romântico, wenn ich so [...] Mädchen [..] namoriere  
'a língua padrão é' 'quando flerto com as moças'

Dados 6: **Namoriere** (0538\_Laudien\_RS\_Pelotas 64w POM\_4gen)

7. Meine ersten beiden Kinder [...] die sind ja auch grudiert  
'Os meus filhos maiores tiveram que reaprovar isso'

7. weil sie konnten kein Hiesig  
'porque não sabiam falar PB' [literalmente: a fala daqui]

Dados 7: **Grudiert** 'verklebt' > **Reprovar** (0633\_Laudien\_RD\_Pelotas 64w POM\_4gen)

Ao nível da palavra desaparece a fronteira. A fala torna-se enigmática de forma que quem está fora da comunidade não pode compreender. Esse fato é mais óbvio no caso do neologismo *grudiert* 'reprovado', que se refere ao fato de que os alunos precisam repetir a classe, na fala local. Ao lado desse verbo aparecem também *persequiert* (1448), *attendier* (0951), *respondieren* (1248) e [*einen Schwarzen*] *arrumier* [um homem preto] (1142). Em resumo, as línguas são integradas e as fronteiras entre as línguas, dissolvidas. A incompreensão e a transferência dos traços gramaticais (gênero, número) refletem os resultados das investigações e sugerem a emergência de uma língua nova. A minha proposta é denominar essa variedade teuto-brasileira como um *leto liminal*. Será a contraparte dos socioletos urbanos nas regiões rurais uma variedade diatópica com marcas étnicas, isto é, sociais?

### **Duas culturas, duas línguas: atos de identidade biculturais**

O uso de uma fala bilíngue já implica um ato de identidade. Mas os nossos informantes também deixaram explícito a sua dupla ancoragem na cultura alemã e na cultura brasileira:

8. Halb das Blut ist Deutsch und *nacionalidade é brasileira* o/  
'Metade da sangue é alemã e'

8. *então* sind wir so durchgeschnitten *né*, aber *coração chora pros dois*  
'somos cortados no meio'

Dados 8: **Coração Chora pros Dois** (1335\_Laudien\_RD\_Pelotas 64w POM\_4gen)

9. [...] ist halb brasilianisch und halb Herz is..ist Deutsch  
...‘metade é brasileira, metade da coração é alemã’

9. 'né então sempre dois corações

Dados 9: **Dois Corações** (0737\_Laudien\_RD\_Pelotas 64w POM\_4gen)

Esses fragmentos de uma informante entre os moradores de Pelotas mostram de forma muito linda o seu posicionamento e a autodefinição da sua comunidade. Fica evidente uma autoconfiança e um certo amor para com os moradores coétnicos e a sua terra. Não têm nada de híbrido, mas será outro exemplo para o aspecto de sincretismo (Gaio 2015; veja o termo *amalgama* Ronneberger-Sibold 2015) encontrado em outras comunidades de descendência europeia também em terra brasileira.

## Conclusões

Acho que a mudança evidente nesses dados refletem um leito liminal em *estatus nasciendi*. Faz pouco tempo que o Brasil mudou sua política linguística e o leito identificado só pode se fixar se as gerações novas continuarem a falar o alemão, seja na variedade padrão, seja em dialeto (o pomerano, nesse caso). Sem a continuação do uso, essa variedade vai desaparecer com os seus falantes.

Como todos os atos de fala representam ao mesmo tempo atos de identidade (Le Page/Tabouret-Keller 1985), essa prática precisa de uma revitalização por parte dos jovens. Os falantes decidem se acham importante preservar um uso bilíngue no futuro que lhes permita expressar a sua biculturalidade por meio de uma fala bilíngue.

Acabo com a citação de uma das informantes que expressa muito bem essa postura e as pertinências duplas que eles formaram:

«Nacionalidade é brasileira [...] *aber* coração chora pros dois»

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Auer, Peter. 1988. From Code-switching via Language Mixing to Fused Lects: Toward a Dynamic Typology of Bilingual Speech, *InList No. 6 Interaction and Linguistic Structures*.

Gaio, Mario Luis Monachesi. 2015. *Manutenção e perda das línguas e culturas italianas de imigração no eixo Rio de Janeiro-Juiz de Fora*. In: Anais do V Simpósio

Mundial de Estudos d Língua Portuguesa – SIMELP. Università del Salento, Lecce, Itália (No prelo)

Greco, Luca; Renaud, Patrick; Taquechel, Roxana. 2012. The Practical Processing of Plurilingualism as a Resource in Professional activities: ‘Border-crossing and Languaging’. In: Anne-Claude Berthoud / François Grin / Georges Lüdi (eds), *Multilingual Workplaces*. Amsterdam: Benjamins, 33-58.

Jungbluth, Konstanze. 2012. Aus zwei mach eins: Switching, mixing, getting different, In: Jańczak, Barbara / Jungbluth, Konstanze / Weydt, Harald (edd.), *Mehrsprachigkeit aus deutscher Perspektive*. Tübingen: Narr, 45-72.

Jungbluth, Konstanze. 2015. Crossing the Border, Closing the Gap: Otherness in Language Use, In: Jungbluth, Konstanze; Rosenberg, Peter; Zinkhahn Rhobodes, Dagna (eds.). *Linguistic Construction of Ethnic Borders*. Frankfurt am Main: Peter Lang, 209-227.

Jungbluth, Konstanze (submitted), Co-constructions in multilingual settings, In: Fernández-Villanueva, Marta; Jungbluth, Konstanze (edd.), *Beyond language boundaries: multimodal use in multilingual contexts*, Berlin: De Gruyter.

Laudien, Sarah. 2010. „*Halb das Blut ist Deutsch und nacionalidade é brasileiro,[..]*“. Eine empirische Studie zum Code Switching in einer deutschen Sprachinsel Brasiliens. Frankfurt (Oder), EUV: BA.

Le Page, Robert P.; Tabouret-Keller, Andrée. 1985. *Acts of identity: Creole-based approaches to language and ethnicity*. Cambridge: Cambridge University Press.

Mondada, Lorenza. 2015. Social interaction. In: Jungbluth, Konstanze; Da Milano, Federica (edd.). *Manual of Deixis in Romance Languages*. Günter Holtus; Fernando Sánchez Miret (edd.), *Manual of Romance Languages 6*, Berlin/Boston: MOUTON De Gruyter, 661-683.

Rampton, Ben. 1995. *Crossing: language and ethnicity among adolescents*. London: Longman.

Ronneberger-Sibold, Elke. 2015. Les amalgames français et allemands: une explication structurale des différences. In: *Neologica: Revue internationale de néologie*. Bd. 9 - S. 113-132.

Rosenberg, Peter. 2014. Regularität und Irregularität in der Kasusmorphologie deutscher Sprachinsularvarietäten (Russland, Brasilien). In: Köpcke, Klaus-Michael, Bittner, Andreas (edd.). *Regularität und Irregularität*. Berlin/New York, Akademie-Verlag.

Savedra, Mônica Maria G. 2009. Bilinguismo e bilinguagem: uma nova proposta conceitual. In: Savedra, M.M.G. & Salgado, A.C.P (eds.). *Sociolinguística no Brasil: uma contribuição dos estudos sobre línguas em/de contato*. Rio de Janeiro: 7Letras, 121-140.

Savedra, Mônica Maria G. 2011. O desenvolvimento da língua alemã no âmbito de sua Sprachpolitik e Sprachenpolitik atual. In: Lagares, Xoan; Bagno, Marcos. *Políticas da norma e conflitos linguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 277-298.

Schiffauer, Werner et al. 2011. *B/Orders in Motion, EXC 1106*. Frankfurt (Oder): Europa-Universität VIADRINA.

Tracy, Rosemarie. 2006. Sprachmischung: Herausforderung und Chance für die Sprachwissenschaft. In: *Deutsche Sprache* 34, 44-60.

Vallentin, Rita Tamara. 2015, Contando a própria identidade – uma narrativa quilombola como projeto colaborativo. In: Anais do V Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa – SIMELP. Università del Salento, Lecce, Itália (No prelo)

Wiese, Heike. 2012. *Kiezdeutsch*. Ein neuer Dialekt entsteht. München: C. H. Beck.

Zinkhahn-Rhobodes, Dagna (forthcoming). *Vom Code-switching über Code-mixing hin zum Fusionlect*. Die Permeabilität und Liminalität der sprachlichen Grenzen am Beispiel des Viadrinischen. Dissertatoin, Frankfurt (Oder), Europa-Unviersität VIADRINA.

Zinkhahn Rhobodes, Dagna. 2015. The permeability of language borders on the example of German-Polish language mixing. In: Rosenberg, Peter; Jungbluth, Konstanze; Zinkhahn Rhobodes, Dagna (eds.). *Linguistic Construction of Ethnic Borders*. Bern/Frankfurt a.M.: Peter Lang, 229-247.

Zinkhahn Rhobodes, Dagna. 2012. *Sprachwechsel bei Sprachminderheiten: Motive und Bedingungen*. Eine soziolinguistische Studie zur deutschen Sprachinselminderheit in Blumenau, Brasilien. Stuttgart: Ibidem. (Reihe Perspektiven Germanistischer Linguistik 6).



## VOCÁBULOS TRIVIAIS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: DA ORALIDADE AO DICIONÁRIO

Maria Cristina PARREIRA<sup>7</sup>  
Rosimar de Fátima SCHINELO<sup>8</sup>

### RESUMO

O dicionário de “vocábulo triviais” (VT) do português brasileiro é um projeto em desenvolvimento no âmbito do GAMPLE (GP-CNPq), que objetiva estudar os discursos engendrados no léxico e seu percurso histórico até a constituição atual, criando uma abordagem léxico-discursiva. Esse é um fator relevante para o reconhecimento de grande parte de vocábulos como “aperreado”, “atarantado”, “baita”, “boléu”, “cafundó”, “chuchar”, “danura”, “estropício”, “fiúza”, “inhaca”, “piti”, “ralé”, “tabefe” etc., muitas vezes marginalizados na escrita culta-formal, mas recorrentes na oralidade e na informalidade. Esses VT merecem destaque em um dicionário que contemple questões histórico-sociais da Língua Portuguesa do/no Brasil e podem ter origem clássica, indígena e africana como também estrangeira, além de outros tipos de criações vernáculas; geralmente são usados por todas as classes socioeconômicas, mais reconhecidos como variantes diafásicas que diastráticas ou diatópicas. Evidencia-se necessário um estudo histórico-discursivo visando a reconstituir a formação desses VT e sua representatividade enquanto caráter do povo brasileiro para reunir em uma obra esse rico material que leva ao autoconhecimento de nossa cultura e das diferentes ideologias. O resultado do projeto, o futuro *Dicionário de Vocábulos Triviais do Português Brasileiro* poderá congrega o português de uso e o português normativo, para que seja possível apresentar à escola um material de pesquisa e de aplicação, levando ao público um conhecimento sobre as diferentes identidades da Língua Portuguesa e seus múltiplos processos de construção de sentidos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Vocábulos triviais (VT); Português Brasileiro (PB); estudo histórico-discursivo; léxico e ideologia; dicionário e ensino.

---

7 UNESP– Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. Endereço: CEP 15054-000, Rua Cristóvão Colombo, 2265, São José do Rio Preto, SP – Brasil. E-mail: [cristinaparreira@sjrp.unesp.br](mailto:cristinaparreira@sjrp.unesp.br). Apoio: FAPESP e FAPERP.

8 FATEC– Faculdade de Tecnologia de Catanduva-SP. Endereço: CEP 15800-020, Rua Maranhão, 898, Catanduva-SP – Brasil. E-mail: [rosimar@fateccatanduva.edu.br](mailto:rosimar@fateccatanduva.edu.br). Apoio: FAPERP.

## Contextualizando a Pesquisa

Pensar o português brasileiro (PB) significa enveredar-se por múltiplos caminhos não só pelo processo histórico de sua formação, mas também pela dimensão geográfica gigantesca de suas fronteiras. Conforme afirma Dietrich e Noll (2015:7), no prefácio do Livro *O português e o Tupi no Brasil*: "O Brasil é um país de muitas cores. A formação de seu povo como o de sua língua, variante da portuguesa, no solo americano, está estreitamente ligada à população autóctone, sobretudo nos primeiros séculos da colonização." O encontro da Língua Portuguesa (LP) com as línguas indígenas, no início da colonização do Brasil, foi o primeiro marco linguístico da constituição de um PB. Outro momento histórico e de inferência linguística foi a chegada dos africanos que trouxeram consigo uma língua plena de significantes e significados e contribuíram para a formação dessa nova/velha língua. Além dessas etapas marcantes, evocamos aqui, também, os aportes linguísticos trazidos pela vinda de imigrantes de várias outras nacionalidades, no período pós-colonial, bem como as migrações internas desses falantes nos espaços geográficos.

Neste projeto voltamos nosso olhar para o léxico, uma parte da língua que vem recebendo mais atenção há algumas décadas, mas que ainda é pouco estudada sob a perspectiva das diferentes teorias linguísticas. Nesse viés de análise, que congrega áreas de estudos de diversos domínios, insere-se o grupo de pesquisa que lideramos: GAMPLE<sup>9</sup> – “Grupo Acadêmico Multidisciplinar – Pesquisa Linguística e ensino”. Especificamente neste projeto buscamos integrar duas áreas de pesquisa, a da Lexicologia e Lexicografia e a da Análise do Discurso, a fim de obter resultados que possam trazer informações, se não completamente inovadoras, suficientemente significativas sobre o *corpus* que vamos analisar: unidades lexicais frequentes no PB, de marcação predominantemente diafásica (linguagem informal), numa perspectiva sincrônica (séculos XX e XXI, ou seja de 1901 até os dias atuais), de registro oral ou em linguagem escrita de base oral.<sup>10</sup>

---

<sup>9</sup> <http://www.ibilce.unesp.br/#!/pesquisa/grupos-de-pesquisa/gample/>

<sup>10</sup> Consideramos linguagem oral de base escrita os textos informais, com marcas de oralidade, que circulam em espaços de comunicação virtual, notadamente a WEB.

Nosso propósito é elaborar um dicionário especial, inspirado na obra de Cellard e Rey (1991), o *Dictionnaire du français non conventionnel*,<sup>11</sup> em cuja introdução, os autores explicam que o título da obra não se trata de uma artimanha para enganar o leitor, mas da constatação de uma categoria de frases e/ou vocábulos que seriam excluídos do uso, marginalizados ou desvalorizados, mesmo se utilizados por pessoas com um alto grau de conhecimento da língua, denotando que poderiam representar um traço da evolução linguística.

Algumas pesquisas exploratórias e documentais já vêm sendo realizadas, partindo dos grandes dicionários mais usados no Brasil, o Ferreira (2004<sup>12</sup>) e o Houaiss e Villar (2009), sendo que Mattos e Parreira (2012) levantaram mais de 500 vocábulos com marcas de uso diatópicas, diaevalutivas ou diafásicas e diastráticas. Verificamos então que há duas maneiras de um dicionário apresentar os vocábulos não convencionais (doravante, VNC), ou triviais (VT): 1) nos dicionários gerais, com marcas de uso apontando a que perspectiva pertence ou podem ser usados; 2) nos dicionários parciais, ou especiais, em que apenas uma parcela do léxico é registrada, ou seja, somente as unidades lexicais sob uma ou mais perspectivas. Nos dois tipos de dicionários o lexicógrafo pode ou não ter uma visão descritiva (somente indicar o uso) ou prescritiva (emitir juízo de valor, dizendo o que deve ou não ser usado).

Ressaltamos que há, dentro da classificação das obras lexicográficas, critérios que concorrem para definir a organização de cada dicionário e, desse modo, seu conteúdo. Inicialmente seguimos um critério que consideramos o mais relevante aqui: trata-se da “seleção do léxico” (Parreira da Silva, 2007:285). Um dicionário pode conter seja o vocabulário geral de uma língua seja um vocabulário parcial, que, devido às características que o identificam denominamos de léxico especial, a saber, uma parcela do léxico reunida sob características específicas. Esse léxico pode ser reunido sob várias perspectivas como, por exemplo, sob os níveis e registros de língua, para citar os mais conhecidos: a) diatópico - com relação ao léxico dos regionalismos; b) diastrático - de grupos sociais distintos; c) diafásico - de diferentes níveis de língua.

---

11 Em uma tradução livre: Dicionário do Francês não convencional.

12 Indicamos aqui as obras utilizadas no trabalho anterior, em novos estudos incluiremos as versões mais recentes dos dicionários consultados.

No Brasil, há ainda poucos estudos que revelam a importância de se contemplar o uso da língua oral em uma obra lexicográfica. O lugar da pesquisa é bastante marcado pelo registro escrito. Mesmo quando se constitui um *corpus* oral, ele passa pelo processo de transcrição para ser estudado (Cf. Berber Sardinha, 2003:196). Essa situação nos leva a alguns apontamentos sobre a metodologia de coleta e análise de *corpora* orais: é possível trabalhar com questões discursivas em textos orais tendo que transcrevê-los dentro das normas da escrita? Não estaríamos assumindo a autoria do sujeito-falante no momento em que transcrevíamos seus textos? Como marcar na escrita aspectos característicos da oralidade como a percepção das informações extralinguísticas e pragmáticas?

Mesmo tendo a linguística assumido seu olhar teórico para a oralidade, a partir da década de 70 no Brasil, a maioria dos *corpora* existentes constitui-se de textos escritos. Pensando na LP e no seu acontecer cotidiano, pode-se afirmar que a construção de *corpus* a partir de textos escritos segue em caminho inverso ao uso dos falantes (Schinelo, 2005). Podemos citar aqui, como exemplo de iniciativa de pesquisa a partir de *corpus* oral o projeto NURC (Norma Urbana Culta), com gravações de fala de cinco capitais do país<sup>13</sup>. A fala de Teixeira (2006), apenas antevê o que o progresso tecnológico causou, ao afirmar que a oralidade passou a ser objeto de estudo científico com o advento do gravador de voz<sup>14</sup> e isso é muito mais evidente hoje com a Internet que dá voz ao falante na sua linguagem mais cotidiana.

Ainda nesse contexto, certamente há grupos de pesquisa que reúnem *corpora* locais, como por exemplo de Schinelo (2003, noroeste paulista) e o de Raso e Mello (UFMG-CNPq, <http://www.c-oral-brasil.org/>); mas, em termos de Brasil, não há um *corpus* oral extenso o suficiente para abarcar toda a riqueza lexical do PB. Seguramente os recursos da informática possibilitarão criar, com mais facilidade, *corpora* orais de grande extensão, mesmo porque, por enquanto é uma tarefa extremamente complexa a transcrição e armazenamento desses *corpora*. Embora já existam esforços nessa direção, como é o caso do projeto citado de Raso e Mello

---

13 Cujo histórico pode ser lido em <http://www.letras.ufrj.br/nurc-rj/>

14 [http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp\\_hoje/ju/junho2006/ju328pag4-5.html](http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/junho2006/ju328pag4-5.html)

(2012) e o *Corpus Brasileiro*, parcialmente oral, coordenado por Berber Sardinha, disponível em: <http://corpusbrasileiro.pucsp.br>, ainda há muito a se fazer.

Estudos teóricos sobre língua e linguagem possibilitam afirmar que entre os níveis linguísticos, o lexical é ainda um universo dos mais complexos para se analisar, devido a seus “limites imprecisos e indefinidos” (Biderman, 2001:179), como também por seu caráter dinâmico e variável. Esses aspectos levam a encontrarmos dificuldade para validar as análises das pesquisas, dado que grande parte dos resultados é parcial e vista sob um olhar específico que poderá ser refutado ou enriquecido por outras pesquisas que considerem outros métodos e fundamentos, assim, nenhuma resposta é verdadeira ou definitiva.

O dicionário que propomos coloca-se como uma obra que permitirá ao falante uma melhor compreensão desses vocábulos na língua, seja para o uso cotidiano ou para um estudo mais aprofundado. Realçando esse discurso sobre o léxico e buscando explicações para seu uso, o DVT do PB pode auxiliar também no ensino de LP, que por uma tradição normativa, tende não raramente a impedir o uso de certos vocábulos como se eles não fizessem parte do acervo vocabular da língua.

Nesse contexto, ao observarmos que o falante usa determinadas unidades lexicais e relata dificuldade em encontrá-las no dicionário, percebemos que poderíamos contribuir elaborando uma obra descritiva, sincrônica, de uma seleção lexical de uso diafásico que auxiliaria também para a função prescritiva, uma vez que proporcionaria o acesso ao conhecimento mais aprofundado não só do significado, da história e uso dessas unidades, mas também das razões que as levaram a serem marginalizadas e/ou terem formas diferentes na escrita e na oralidade.

Se por um lado, de tanta intimidade com esses vocábulos, não parece necessário consultar seu significado em um dicionário, por outro, muitos aspectos interessantes sobre essas unidades são obscuros. É nesse ponto que acreditamos que é importante a realização de uma obra que possibilite e facilite a consulta dessas unidades mais coloquiais, tanto para incluir o léxico desse falante no universo da LP quanto para auxiliá-lo na compreensão de sua ortografia, de seus sentidos e de seu percurso histórico-discursivo.

### **Uma abordagem léxico-discursiva**

Muitos falantes, por purismo ou por necessidade de marcarem-se como pertencentes a um grupo de elite, não se assumem enquanto usuários das trivialidades da língua. Nesse sentido, investigar VT é realizar pesquisa linguística, considerando, ao mesmo tempo, registros lexicográficos e o acontecer da língua, é o diacrônico explicando o sincrônico, numa sucessão de sincronias constituindo a diacronia.

Os estudos sobre a língua, propriamente a Análise do Discurso (AD), têm considerado questões como heterogeneidade discursiva, formação ideológica e formação discursiva, estabelece-se um percurso de análise que deve considerar a inserção do contexto histórico e cultural no contexto linguístico. Na observação de Pechêux (1990) o discurso não é somente uma transmissão de informações, mas um efeito de sentidos entre locutores. Trabalhar a discursividade no léxico é deparar-se com diferentes formações ideológicas e discursivas constituídas em distintos momentos da história cronológica do vocábulo e ao mesmo tempo entender em que contexto esse vocábulo se instala na situação atual de uso na/da língua. Nesse sentido, tratar de discursividade lexical é considerar aspectos diacrônicos constitutivos de sentidos sob um olhar sincrônico.

A teoria da enunciação coloca uma nova condição para o estudo dos textos e Bakhtin (2008) propõe que um “eu” (autor) dialogue com um “tu” (leitor) nos meandros de um contexto. Esse viés teórico abarca os estudos sobre o léxico e, a partir de então, léxico, cultura e discurso podem ser estudados intrinsecamente na Linguística. O sentido do léxico se constitui e vai se resignificando à medida que se depara com o outro, seja esse outro o tempo, o espaço ou os diferentes contextos, ou seja, conforme aponta o autor,

Não há uma palavra que seja a primeira ou a última, e não há limites para o contexto dialógico (esse se perde num passado ilimitado e num futuro ilimitado). Mesmo os sentidos passados, aqueles que nasceram do diálogo com os séculos passados nunca serão estabilizados (encerrados, acabados de uma vez por todas). Sempre se modificarão (renovando-se) no desenrolar do diálogo subsequente, futuro. (Bakhtin, 1992:414).

A relação entre léxico e discurso tem sido tratada em diferentes perspectivas, por vários autores. O termo “lexicografia discursiva”, por exemplo, já havia sido abordado por Orlandi, como se pode ratificar quando a linguista afirma que:

“A lexicografia discursiva vê, nos dicionários, discursos. Desse modo, na escuta própria à análise do discurso, podemos ler os dicionários como textos produzidos em certas condições, tendo o seu processo de produção vinculado a uma determinada rede de memória ante a língua.” (Orlandi, 2000:97).

Essa afirmação valida nossa pesquisa de modo que, pela relevância metodológica que se tem na elaboração de um dicionário, propõe-se, então, uma organização dos vocábulos do PB com discursos evidenciados em determinadas épocas e culturas. Aspectos dessa natureza podem ser encontrados nos dicionários etimológicos que subsidiarão, ancorados em teorias discursivas, um estudo que considere os diferentes níveis de análise linguística desembocando no discursivo.

O percurso léxico-discursivo difere de outras propostas de análise por distinguir-se do “puramente linguístico” e considerar aspectos sociais, históricos e culturais como elementos intrínsecos à semântica lexical. Conforme Parreira e Schinelo:

Podemos afirmar, então, que um olhar discursivo sobre o léxico nos permite: a) perceber que a relação entre linguagem e cultura não se dissocia; b) acompanhar o léxico como acontecimento de linguagem, ou seja, seu sentido se faz no presente a partir de um passado e já possibilitando significados futuros; c) questionar como o desenvolvimento tecnológico interfere na relação homem, cultura e linguagem. (Parreira e Schinelo, 2014:193)

A proposta de organização desses vocábulos em categorias discursivas considerando a não estaticidade dos sentidos apreendidos no léxico de uma língua constitui-se em grande desafio teórico deste projeto. A ideia inicial, passível de reflexões e conseqüentemente alterações, será descrita a seguir:

### **Categorias discursivas (CAD) dos vocábulos não convencionais:**

#### **2. CAD rural/ urbano – vocábulos de origem campestre e/ou**

relacionados às atividades desenvolvidas pelo homem do campo e sua transposição para o espaço urbano, como *campear*, *matutar*, *geringonça*;

**CAD tecnológica** – vocábulos que tiveram sua origem com as inovações da mecânica e da tecnologia, em uma determinada época, e que sua evolução propiciou o surgimento de novos vocábulos, como *destrambelhado*, *desengonçado*;

**CAD moda/comportamento** – vocábulos, normalmente originários em outra CAD, mas que são transpostos para a etiqueta do comportamento social, como *inhaca*, *desengonçado*, *sirigaita*;

**CAD mítico/religiosa** – vocábulos constituídos pelo comportamento de grupos sociais que desenvolvem rituais de cura e/ou espiritual ou rezas relacionadas às crenças ou religiões, como *zoró*, *atarantado*;

**CAD cotidiano** – vocábulos usados no universo dos fazeres e dizeres do diaadia como *badulaque*, *gambiarra*, *marafunda*;

**CAD lúdica** - vocábulos de formação onomapaica ou considerados expressivos, como *blá-blá-blá*, *cri-cri*, *borogodó*.

A classificação inicial será realizada em grandes categorias e no decorrer do trabalho faremos uma classificação mais detalhada à medida que os estudos permitirem traçar o percurso de sentidos de cada VNC e identificar a comunidade linguística da qual eles fizeram/fazem parte. Já é possível observar que haverá unidades que necessitarão de classificações especiais, específicas e/ou híbridas – neste caso estabeleceremos classe que as contemple – como por exemplo uma CAD hierárquico-institucional.

Os vocábulos que não estão registrados em dicionários, mas que têm uso corrente no PB, serão analisados sob o viés teórico da morfossintaxe, no que se refere a sua



formação etambém sob os aspectos sociais e discursivos quanto ao uso e à construção de sentidos. Trazemos, como exemplo, o percurso dos vocábulos “aperreado” e “atarantado”, sob o ponto de vista histórico-discursivo, a que denominamos na microestrutura de *percurso léxico-discursivo* (PLD):

#### **APERREADO**

Adjetivo **1.** tratado como um perro ('cão') ou perseguido por perros. **2.** Derivação: sentido figurado - sem liberdade; oprimido, preso. **3.** sujeito a, subordinado a (alguém ou alguma coisa). Ex.: aperreado às formalidades. **4.** Derivação: sentido figurado - que foi vítima de alguma contrariedade; aborrecido, apoquentado. Ex.: criança aperreada.

PLD ?A formação discursiva e ideológica desse vocábulo é marcada pela relação país colonizador e país colonizado. A origem espanhola do vocábulo e a formação pela ação realizada pelos *perros* remetem a uma relação de poder entre grupos sociais distintos. O sentido migra, mas o discurso subliminar permanece no vocábulo.

#### **ATARANTADO**

Adjetivo. aturdido, atrapalhado, estonteado.

PLD □O sentido se constitui a partir de uma ação para eliminar o veneno da tarântula na região da Sardenha, sul da Itália, migra para uma ação lúdica coletiva e acaba chegando ao Brasil, com os imigrantes italianos. Ficar atarantado em nossos dias significa estar zozno, decorrente historicamente do efeito do veneno da tarântula e, além disso, confuso pelo movimento rápido da dança (Tarantela).

### **A organização do dicionário**

As informações resultantes desta pesquisa serão organizadas em um tipo especial de dicionário, ao qual daremos o nome comercial de *Dicionário de Vocábulos Triviais do Português Brasileiro* (DVT do PB), considerando que os vocábulos não convencionais são trivialidades que despertam a curiosidade dos falantes e amantes do PB, dado o sucesso do Dicionário InFormal<sup>15</sup> e, sobretudo, que

---

15 De caráter colaborativo, trata-se de uma obra em constante elaboração pelos falantes comuns, *online* desde 2006, disponível em <http://www.dicionarioinformal.com.br/>, sendo que o linguista Marcelo Muniz concebeu e

contribuirá tanto para pesquisadores quanto para professores em sua atuação na docência. Convém reforçar que o dicionário que propomos não coincide com a obra que acabamos de citar, uma vez que faremos a seleção dos vocábulos segundo alguns critérios e que o aspecto discursivo não consta de nenhum dicionário que conhecemos.

Um levantamento de dicionários publicados sobre o PB visualizou, de maneira geral, que existem dicionários históricos, de gírias, terminológicos, de usos, de termos discursivos etc., mas não há obras que relacionem, em um mesmo verbete, informações linguísticas (de vários níveis) e informações discursivas.

Em trabalhos anteriores, Parreira e Schinelo (2013, 2014) iniciaram uma proposta preliminar de classificação dos VNC, na qual consideraram necessária uma distinção da origem dessas unidades e da formação do PB. Pretende-se que o dicionário atinja em torno de mil entradas, organizadas onomasiologicamente e semasiologicamente, ou seja, inicialmente por grupos alocados de acordo com as classificações lexicais e discursivas e depois, dentro de cada classificação em ordem alfabética. O quadro a seguir reúne alguns VNC em suas classificações preliminares, podendo ser alteradas posteriormente após estudos mais aprofundados, sobretudo no que concerne as indicações de africanismos e tupinismos:

Quadro 1: exemplo de VNC de diferentes classes gramaticais e classificação lexical preliminar

| <b>CLÁSSICAS</b> –<br>Latim / grego –<br>via vulgar | <b>AFRICANISMOS</b><br>– várias origens<br>relacionadas aos<br>escravos de origem<br>Africana em solo<br>brasileiro | <b>TUPINISMOS</b><br>– indígenas do<br>Brasil de<br>família Tupi | <b>ESTRANGEIRISMOS</b><br>– em várias etapas –<br>pelos povos que vieram<br>para o Brasil ou<br>influenciam a língua<br>portuguesa do Brasil<br>culturalmente: italianos,<br>espanhóis, franceses,<br>árabes, japoneses,<br>alemães etc. | <b>OUTROS</b><br><b>fenômenos</b><br><b>morfológicos</b> –<br>vocábulos<br>expressivos de<br>criação interna –<br>origem imprecisa<br>ou controversa |
|---|---|--|--|--|
| <i>acabrunhar</i>                                   | <i>banzé</i>  | <i>butuca</i>  | <i>aperreado</i>   | <i>bafafá</i>  |
| <i>arribar</i>                                      | <i>caçula</i>   | <i>coroca</i>  | atarantado   | <i>borogodó</i>  |
| <i>badulaque</i>                                    | <i>cafundó</i>  | <i>cutucar</i>   | <i>bugiganga</i>   | <i>capenga</i>   |
| <i>bafafá</i>                                       | <i>cafuné</i>   | <i>jururu</i>  | <i>estropício</i>  | <i>gambiarra</i>   |
| <i>chinfrim</i>                                     | <i>cafungar</i>   | <i>muquirana</i>   | <i>fajuto</i>  | <i>mequetrefe</i>  |
| <i>cricri</i>                                       | <i>fofoca</i>   | <i>pereba</i>  | <i>fricote</i>   | <i>pechincha</i>   |
| <i>desengonçado</i>                                 | <i>futum</i>  | <i>pindaíba</i>  | <i>lorota</i>  | <i>piripaque</i>   |
| <i>embromar</i>                                     | <i>inhaca</i>   | <i>piroca</i>  | <i>piti</i>  | <i>supimpa</i>   |
| <i>destrambelhado</i>                               | <i>marafunda</i>  | <i>taioba</i>  | <i>sirigaita</i>   | <i>trambique</i>   |

investiu na criação da página. Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/tec/2007/10/332802-dicionario-faz-sucesso-com-verbetes-de-girias-e-palavros.shtml>.

|                      |               |             |                |                  |
|----------------------|---------------|-------------|----------------|------------------|
| <i>escarafunchar</i> | <i>títica</i> | <i>zoró</i> | <i>tramóia</i> | <i>trambolho</i> |
|----------------------|---------------|-------------|----------------|------------------|

Essa classificação prévia ainda terá mais subdivisões, como, por exemplo, a separação das línguas-fonte dos estrangeirismos, os tabuísmos e a inclusão de fraseologismos com unidades que não são usadas livre e sincronicamente na língua (“dar na veneta”, “meter o bedelho”, “estar nos trinquês”), conforme analisamos em trabalho apresentado na Europhras, 2014<sup>16</sup> e em artigo aceito para publicação nos anais do evento.

### Paradigma do verbete

É importante incluir informações, como a(s) acepção(ões), que antes acreditávamos ser(em) desnecessária(s), dado o conhecimento pressuposto das unidades pelos falantes, além de incluir categorizações não só do grupo a que pertence, mas também do contexto histórico-discursivo, com a finalidade de auxiliar o leitor-consulente a compreender melhor os caminhos percorridos pelo VNC. Desse modo, antes de apresentarmos a microestrutura final do dicionário, pensamos em alimentar um banco de dados com várias informações que poderão ser posteriormente organizadas de acordo com as decisões editoriais que forem tomadas:

|                |                                    |           |            |   |            |                 |
|----------------|------------------------------------|-----------|------------|---|------------|-----------------|
| <i>Entrada</i> | VARIAÇÃO1                          | VARIAÇÃO2 | VARIAÇÃO3  | Classificação Lexical<br>(origem/, etimológica) |            | Marca(s) de uso |
|                | ACEPÇÃO/1                          | ACEPÇÃO/2 | ACEPÇÃO/N. | ABONAÇÃO/1                                      | ABONAÇÃO/2 | ABONAÇÃO/N.     |
|                | Classificação histórico-discursiva |           |            | Percurso léxico-discursivo                      |            |                 |

Figura 1: Modelo de verbete do DTV do PB

De acordo com o modelo, a entrada é o lema do VNC encontrado em dicionários, seguida das variantes orais ou escritas encontradas na Web, em *corpora* orais a que

16 La phraséologie dans le « Dictionnaire des mots non conventionnels du portugais brésilien » M.-C. Parreira, 2014 - <http://www.europhras.org/>.

tivermos acesso e em observações empíricas dos pesquisadores envolvidos. A classificação lexical apontará a origem do VNC, consultando também para isso dicionários históricos e etimológicos.

Quanto às marcas de uso, buscaremos contemplar principalmente os VT com marca diafásica, ou seja, aqueles que denotam o aspecto informal da comunicação espontânea, que sejam de uso abrangente ou geral no território brasileiro e VT que sejam também amplamente usados por locutores independentemente de classe social, nível educacional ou origem, reduzindo, dessa forma, marcas diatópicas de variantes restritas de certos locais e marcas diastráticas relativas às gírias de grupos determinados, evidentemente entendendo como Ettinger (1982) que há sobreposições das classificações, mas acreditando ser possível fornecer especificações, dentro de critérios preestabelecidos. Registraremos as acepções do vocábulo e sempre que houver mais de uma, incluiremos uma abonação (ou exemplo) de cada acepção. Por fim, uma parte inovadora do dicionário será a inclusão de uma classificação histórico-discursiva, bem como a apresentação do percurso léxico-discursivo que o VNC perfaz no PB, com manutenção de seu uso na linguagem oral.

### **Contribuições do Dicionário dos Vocábulos Triviais do Português Brasileiro**

O dicionário proposto neste projeto contribuirá para que o professor considere o ensino de LP como interação de linguagem para que o aluno possa sentir o texto/discurso, ou seja, recuperar sua história de leitor/falante e, a partir dela, entrelaçar novas leituras, alçando sua linguagem do diaadia a uma posição mais confortável. Essa ação interativa acontece somente se o professor tiver conhecimento da variação que existe no universo linguístico de seus alunos e é o pesquisador que lhe dará suporte para isso.

A relevância deste estudo firma-se na importância de se trabalhar a linguagem escrita associada à linguagem oral na pesquisa e no ensino. Um trabalho dessa natureza contribui para que professores-pesquisadores observem os seguintes aspectos: a) as características peculiares da língua oral e escrita manifestadas no léxico; b) o processo de

construção de palavras da LP (variante brasileira) e c) o reconhecimento de que a língua não é estática, mas que é viva e é mutante.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

Aulete, C. 1958. *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. 4 ed. (Edição brasileira). Rio de Janeiro: Delta, 5 volumes.

Bakhtin, M. 1997. *Estética da criação verbal*. 2. ed. Trad. Maria Galvão Pereira. São Paulo: Martins Fontes.

Biderman, Maria Tereza Camargo. 1984. O dicionário padrão da língua. *ALFA: Revista de Linguística*, v. 28, n. 1, 1984.

Bizzocchi, A. 1997. *Léxico e ideologia na Europa Ocidental*. São Paulo: Annablume.

Correia, Margarita. 2008. Lexicografia no início do século XXI—novas perspectivas, novos recursos e suas consequências. *Lexicon—Dicionário de Grego-Português*, Actas de Colóquio. Lisboa: Centro de estudos Clássicos/ FLUL, p. 73-85.

Cunha, A. G. 2010. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. 4ª. ed. Rio de Janeiro, Lexikon.

Ettinger, S. 1982. La variación lingüística em lexicografía, In: Haensch, G.; Wolf, L.; Ettinger, S.; Werner, R. *La lexicografía – de la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Gredos, p. 359-394.

Ferreira, A. B. de H. 2004[2012]. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. Curitiba: Positivo.

Franchi, E. P. 2001. *Pedagogia da Alfabetização*. Da oralidade à escrita. São Paulo: Contexto, 194.

Haensch, G.; Wolf, L.; Ettinger, S.; Werner, R. 1982. *La lexicografía – de la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Gredos.

Houaiss, A.; Villar, M. S. 2009. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.

Kilgarriff, Adam; Grefenstette, Gregory. 2001. Web as corpus. In: *Proceedings of Corpus Linguistics 2001*. Corpus Linguistics. Readings in a Widening Discipline, p. 342-344.

Mattos, G. Y.; Parreira da Silva, M. C. 2012. “Pesquisa lexicográfica: levantamento de palavras de origem espanhola, francesa, inglesa e italiana em dicionário de Língua

- Portuguesa”. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. [MANUSCRITO]
- Nascentes, A. 1955. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Nunes, J. H.; Petter, M. (Org.) 2002. *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*. São Paulo, Humanitas /FFLCH/USP: Pontes.
- Orlandi, E. 2010. Lexicografia Discursiva. In: *ALFA*, 2010. Acesso em 02-07-2015. <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/viewFile/4201/3797>.
- Parreira da Silva, M. C. 2007. Para uma tipologia geral de obras lexicográficas. In: Isquendo, A. N.; Alves, I. M. (Orgs.) *As Ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Vol. III. Campo Grande/MS: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas.
- Parreira, M.C.; Schinelo, R.F. 2014. Entre a fala e a escrita o lugar dos vocábulos “triviais” da língua portuguesa. In: *Léxico e Ensino*. Rio de Janeiro: Dialogarts. Acesso em 02-07-2015. [http://www.dialogarts.uerj.br/arquivos/Livro\\_Lexico\\_e\\_Ensino.pdf](http://www.dialogarts.uerj.br/arquivos/Livro_Lexico_e_Ensino.pdf)
- Raso, Tommaso; Mello, Heliana (Ed.) 2012. *C-oral-Brasil: corpus de referência do português brasileiro falado informal. I*.
- Sardinha, AP Berber. 2012. Que tipo de corpus é a Web?. *Revista Anpoll*, v. 1, n. 15, 2012.
- Schinelo, R.F. 2005. *Memória oral: a mítica arte de tecer palavras*. Tese de doutorado, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara.
- \_\_\_\_\_. *Em busca de definições: o culto e o popular*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 1996.
- Silva, Maria Cristina Parreira da. 2001. Para uma tipologia geral de obras lexicográficas. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*, v. 3, p. 283.
- Welker, H. A. 2004. *Dicionários – Uma pequena introdução à Lexicografia*. Brasília, Thesaurus.

## MANUTENÇÃO E PERDA DAS LÍNGUAS E CULTURAS ITALIANAS DE IMIGRAÇÃO NO EIXO RIO DE JANEIRO-JUIZ DE FORA

Mario Luis Monachesi GAIO<sup>17</sup>

### RESUMO

A partir da segunda metade do século XIX o Brasil recebe um número expressivo de imigrantes italianos, muitos deles direcionados ao estado de Minas Gerais por conta de um acordo assinado entre os governos mineiro e italiano. A principal porta de entrada dos imigrantes nesse estado era a cidade de Juiz de Fora, que se ligava ao Rio de Janeiro pela estrada União-Indústria, primeira estrada pavimentada da América Latina. O perfil dos italianos era marcado pelas diferenças culturais e linguísticas. Provinham de toda a península itálica e eram, na maioria, dialetófonos. Embora o escopo do governo mineiro fosse enviar os imigrantes para a lavoura, muitos deles acabaram por ocupar áreas urbanas, onde houve intenso contato com as diversas variedades do italiano e o português brasileiro (PB), o que levou os imigrantes à apropriação da variedade da língua majoritária (PB) e consequente não transmissão da língua de origem às gerações seguintes. Entretanto, há sentimento de italianidade entre os descendentes (Gaio, 2013), que vem se transformando ao longo das gerações e sugere o reconhecimento de uma identidade sincrética, marcada em comunidades de prática de imigrantes urbanos. Com auxílio do referencial teórico e metodológico de Redes Sociais (Milroy; Milroy, 1985; Milroy, 2003; Bortoni-Ricardo, 2011) e Comunidades de Prática (Wenger, 2006; Eckert, 2000), investigamos em que medida as gerações mais jovens representam uma “etnicidade em movimento”. A pesquisa é parte da tese de doutoramento. Tem cunho etnográfico e pretende buscar evidências que endossem a importância das Redes Sociais/Comunidades de Prática na transmissão linguístico-cultural no eixo Rio-Minas.

**PALAVRAS-CHAVE:** línguas em contato; etnicidade em movimento; comunidades de prática; imigração italiana; transculturalidade.

---

17 Doutorando em Estudos de Linguagem em cotutela pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense (UFF) e pela Kulturwissenschaftliche Fakultät da Europa-Universität Viarina (EUV). Endereço: Rua Dr. Gilson Salomão, 200, Chalés do Imperador, CEP 36036-360, Juiz de Fora/MG, Brasil. Email: [mlmgaio@id.uff.br](mailto:mlmgaio@id.uff.br) / [euv153772@europa-uni.de](mailto:euv153772@europa-uni.de)

## Introdução

O Brasil, com seus mais de oito milhões de km<sup>2</sup> - quase a metade de toda a América do Sul - tem sua população formada por diversas etnias, provenientes de diversas partes do mundo. No fim do século XIX um acordo entre os governos do estado de Minas Gerais e o governo italiano promoveu um fluxo migratório muito importante de italianos em direção a esse estado brasileiro e o município de Juiz de Fora se destacou na recepção de muitos desses imigrantes. A cidade, localizada quase na divisa com o estado do Rio de Janeiro, já se destacava como polo industrial e ali foi instalada uma hospedaria<sup>18</sup> para a recepção e triagem desses imigrantes. Embora o objetivo primeiro do governo do estado fosse suprir as fazendas de café com mão de obra imigrante, muitos desses italianos acabaram por se estabelecer em área urbana, o que gerou incômodo nas relações entre os dois governos (Gaio, 2013).

Hoje o Brasil é um país plurilíngue e pluricultural, rico e diverso etnicamente, onde coexistem línguas autóctones, alóctones, línguas de contato com fronteiras hispanófonas, francófonas (Guiana Francesa) e anglófonas (Guiana).<sup>19</sup> Sua população é composta por elementos étnicos de quase todas as partes do mundo. A sociedade brasileira é multiétnica em movimento (Savendra; Gaio, 2013). Essa pesquisa de doutorado, ainda em desenvolvimento, trata dos processos de transculturalidade, como definida por Welsch (1999),<sup>20</sup> característicos de sociedades como a brasileira. A transculturalidade, numa macro visão, é “uma consequência da *distinção interna e da complexidade das culturas modernas*<sup>21</sup>”. Culturas que se interpenetram ou emergem umas das outras (Welsch, 1999). Também no nível do indivíduo, ou numa micro visão, a transculturalidade está ganhando terreno porque a sua formação cultural vem sendo cada vez mais influenciada por múltiplas conexões culturais. “Somos híbridos culturais<sup>22</sup>”, como afirma o mesmo autor, e a população brasileira é certamente um bom exemplo. Acreditamos que a etnicidade híbrida

---

18 Hospedaria Horta Barbosa (Cf. Gaio, 2013)

19 Há também a fronteira com o Suriname, mas trata-se de região praticamente inabitada.

20 Alguns autores (Cf. Risager & Dervin, 2015) não fazem a mesma distinção de Welsch e consideram a transculturalidade como apenas mais um termo para nomear processos de mistura cultural. Nesse trabalho optamos pela diferenciação proposta por Welsch. Salientamos que esse termo foi proposto pela primeira vez pelo cubano Fernando Ortiz, em 1940, que buscava explicar a formação do povo e da cultura de seu país.

21 Tradução nossa. Original: “Transculturality is (...) a consequence of the *inner differentiation and complexity of modern cultures*”

22 Tradução nossa: Original: “We are cultural hybrids”



que permeia a assimilação cultural dos imigrantes com os costumes brasileiros e a valorização do legado cultural dos povos que construíram o Brasil atual por parte dos seus descendentes sejam os próprios processos de transculturalidade que constituem o ser brasileiro e sejam merecedores de estudos mais aprofundados. Assim, questionamos: Qual a relação entre a língua e o legado (trans)cultural transmitido pelos imigrantes? O que veio? Do que veio, o que permaneceu e o que se perdeu? O que se misturou e com o que se misturou? Como ficou? Em que medida esse legado (trans)cultural pode ser identificado em marcas linguísticas e culturais nas gerações posteriores à imigração? Como se manifestam os processos de sincretismo cultural (Canevacci, 2004) em núcleos de descendentes de italianos no *locus* da pesquisa?

Antes de prosseguir, é importante esclarecer uma questão terminológica. Em um primeiro momento de nossa pesquisa utilizamos os termos ‘hibridismo’, ‘hibridização’, ‘híbrido’ para nos referir à miscigenação étnica e cultural brasileira. Investigando mais a fundo, temos preferido o termo ‘sincretismo’ e seus correlatos por nos parecerem mais adequados. Hibridismo, a nosso ver, carrega a ideia de impureza e não queremos que essa ideia seja sequer cogitada. Portanto, nesse momento da pesquisa, uso esse termo com parcimônia. Frello (2015) faz um interessante contraponto de interpretações sobre o uso de hibridismo neste contexto. Há quem o defenda (Ang, 2001) e há quem o critique (Friedman, 1999). Recentes leituras (Canevacci, 2004) têm me levado a preferir ‘sincretismo’ para expressar a mistura étnica e cultural. Podemos falar em ‘sincretismo cultural’ para explicitar a configuração brasileira atual, motivada pelas diásporas, pela etnicidade em movimento, pela transculturalidade.

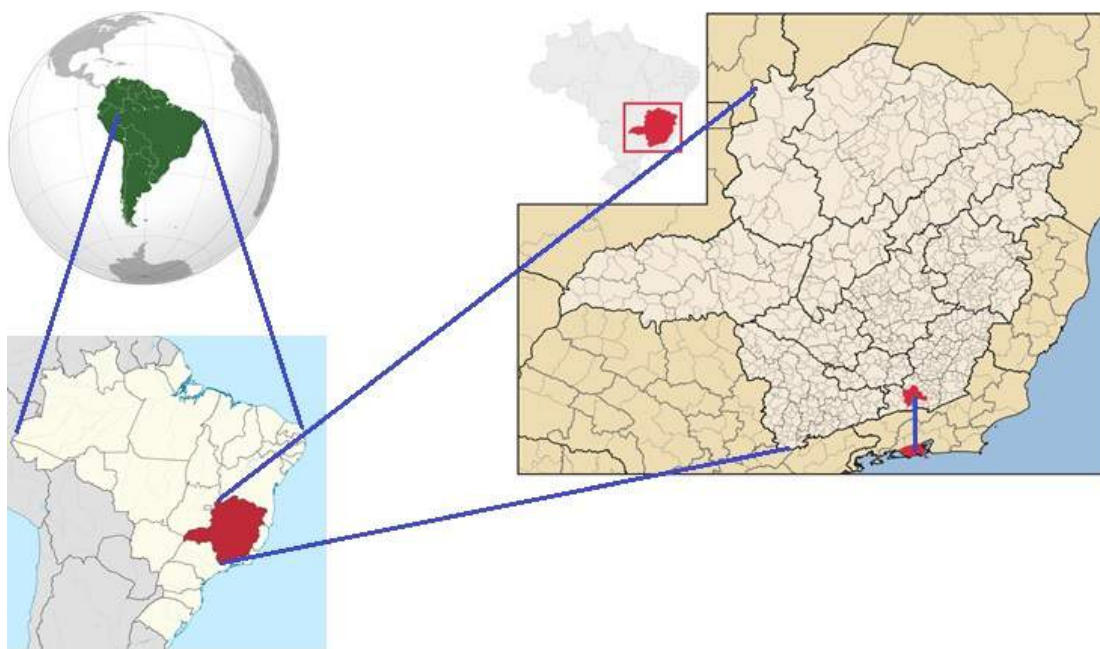
Nosso ponto de partida é a cidade de Juiz de Fora, localizada no estado de MG a cerca de 30 km da divisa com o estado do RJ. O eixo proposto na pesquisa vai até a cidade do Rio de Janeiro e passa por Petrópolis, percorrendo o caminho da estrada União-Indústria. Juiz de Fora conta hoje com cerca de 600.000 habitantes, Petrópolis com cerca de 300.000 e o Rio de Janeiro com 6.500.000.

### **Delimitação e objetivos**

Delimitamos nosso estudo aos núcleos de descendentes de italianos que se

estabeleceram no eixo Rio de Janeiro-Juiz de Fora. A importância dos imigrantes italianos na formação da população brasileira é indiscutível e o *locus* escolhido é motivado pela história da região, ligada pela estrada União-Indústria, a primeira estrada pavimentada da América Latina, que promove até hoje uma vinculação de influência da ex-capital nacional com os municípios da Zona da Mata mineira, como retrata o REGIC – 2007, documento publicado pelo IBGE após ampla pesquisa de campo.<sup>23</sup> Neste trabalho não nos interessamos por divisões político-administrativas estaduais, posto que sua natureza é arbitrária. Nas relações sociais e humanas, onde se encaixam os trabalhos em sociolinguística, interessam as influências e os vínculos reais percebidos pelos indivíduos dentro de suas comunidades. A divisão proposta no REGIC leva em conta as áreas de influência das diversas cidades brasileiras, manifestada pelos cidadãos.

Discutiremos os processos de transculturalidade identificados na formação e manutenção de núcleos compostos por descendentes de imigrantes italianos no eixo Rio de Janeiro – Juiz de Fora.



23 REGIC: Região de Influência das Cidades.  
Cf. <http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/geografia/regic.shtm?c=6>

## **Metodologia**

Nossa pesquisa tem cunho etnográfico e pretende buscar evidências que endossem a importância das Comunidades de Prática (CP) (Wenger, 2006; Eckert, 2000) na transmissão linguístico-cultural no eixo Rio de Janeiro-Juiz de Fora. A Comunidade de Prática como entendida por nós pode ser associada a Redes Sociais como definida por Milroy & Milroy (1985) e Milroy (2003), e também explorada por Bortoni-Ricardo (2011). É nossa opção usar a terminologia Comunidade de Prática pela característica particular dessa última. Acreditamos que toda CP seja uma Rede Social, mas nem toda Rede Social é uma CP. O ponto de partida são as Associações que promovem a cultura italiana na região delimitada. Através de seus responsáveis queremos identificar possíveis CP existentes e/ou existentes cujo mote seja a relação com o legado cultural deixado pelos imigrantes. Identificadas as CP, pretendemos, através de uma enquete sociolinguística, identificar qualitativamente marcas linguístico-culturais nas CP e avaliar os processos de transculturalidade ocorridos/em andamento.

## **Identidade**

Para tratar de etnicidade em movimento, de legado cultural e de migração é preciso falar sobre identidade. É uma questão que não se punha num passado pouco distante, na era pré-moderna e pré-mobilidade (Bauman, 2005:29), pois era comum nascer, crescer e morrer dentro da mesma comunidade. Assim, a identidade estava ligada intrinsecamente aos costumes da comunidade da qual se fazia parte. Hoje essa questão vem à tona porque a mobilidade dos indivíduos mostra que a identidade não é algo fixo. É um eterno moldar-se e é cercada de conflitos. Identificar-se com um grupo, ou com uma comunidade é uma necessidade de segurança e conforto e cria a expectativa de que haja solidariedade entre os membros (Bauman, 2005).

O migrante vivencia pessoalmente a mutabilidade da própria identidade, de acordo com as provas pelas quais passa ao longo da vida. Deixar sua minissociedade para viver em outro ambiente social, com outro *modus vivendi* transforma a própria visão da relação ‘nós’

e ‘os outros’. Imigrantes italianos que se deslocaram para o *locus* da pesquisa não se identificavam como ‘iguais’, havia diferenças linguísticas e culturais muito importantes (Bertonha, 1998; Gaio, 2013), enfatizadas pela célebre frase de Massimo d’Azeglio<sup>24</sup> ainda na época da Unificação Italiana:<sup>25</sup> “fizemos a Itália, agora é preciso fazer os italianos”. Nesse caso, apesar da origem nacional comum (mesmo passaporte, no fim das contas), os grupos eram divididos pelas origens, o que enfraquecia o sentimento de ‘identidade nacional’. Porém, características comuns a vários membros de uma comunidade podem criar laços afetivos e identitários, o que, no nosso caso, podem vir a criar CP espontaneamente, cujo mote de pertencimento seja a ascendência italiana e a busca por resgate dessa cultura já entranhada nos costumes locais.

Embora a língua dos imigrantes tenha desaparecido na região, motivada sobretudo pela não transmissão intergeracional e por fatores inerentes à migração do tipo urbana (Gaio, 2013), há indícios de núcleos ligados pela ascendência comum no *locus* de nossa pesquisa.

Certamente a língua é um forte elemento de referência identitária, mas não é imprescindível para a manifestação da própria identidade. Do ponto de vista de quem não migra o contato com imigrantes revela que um grupo social tem diversas maneiras de manifestar a sua identidade e os membros desse grupo social devem perceber que esse sentimento de identificação com o seu próprio grupo se manifesta de diversos modos, dos quais um deles é a língua (Jungbluth, 2007).

### **A ascensão do Fascismo e as *Case d’Italia***

Com a ascensão do fascismo, Mussolini pretendeu unificar os italianos, dando sentido nacionalista à cidadania italiana. Nessa conjuntura, nos anos 30 do século XX surgem as *Case d’Italia*. Sua função era abrigar as diversas associações de italianos das suas cidades. Foram concebidas para unir os italianos, desenvolver sentimento de italianidade.

---

24 Importante político e escritor italiano.

25 A Unificação Italiana, também chamada de *Risorgimento*, aconteceu em 1861.



No Brasil, as associações de italianos se destacaram pela quantidade e pela característica regional, manifestada através de seus nomes: *Legha Lombarda, Meridionali Uniti, Trinacria, Campania, Veneta San Marco...* Trento (1989, *apud* Bertonha, 1998:142) destaca também os diversos problemas que tais associações apresentavam, tais como dificuldade de trabalho em conjunto, rivalidade profunda e baixa adesão. As *Casa d'Italia*, abrigando as diversas associações, teriam um papel centralizador, meio paternalista, assim como se propunha ser o governo fascista, com a intenção de enaltecer a suposta ‘etnia’ italiana, o sentimento patriótico italiano. A tentativa de resgate da italianidade por parte do governo de Mussolini colheu alguns frutos e há várias *Casa d'Italia* no Brasil. Nesse artigo, vamos falar especificamente da que foi construída em Juiz de Fora.



A instalação da *Casa d'Italia* de Juiz de Fora contou com grande envolvimento de muitos italianos, os quais se juntaram para adquirir o terreno. Posteriormente fizeram doações, dentro da possibilidade de cada um, para que o prédio fosse construído. O governo

italiano colaborou financeiramente, mas com parcela pequena. A *Casa* funcionou durante poucos anos, mas foram certamente muito intensos do ponto de vista cultural. Colhemos relatos documentados de italianos que frequentaram a escola italiana mantida na época. Percebe-se o tom nacionalista e patriótico do governo.

“Eles [os professores] despertavam na criança um amor pela Itália muito grande, maior do que o amor pelo Brasil. Os professores que vinham de lá já vinham preparados para isso, e então (...) na hora de cantar um hino, por exemplo italiano, você cantava com muito mais satisfação do que o hino brasileiro. Isto é errado, depois com o tempo é que vi que estava errado – nós somos brasileiros e não temos intenção nenhuma de voltar para a Itália, absolutamente” (Processo de tombamento da *Casa d’Italia*, p. 10)

Os relatos, porém, indicam pormenores que apontam para a etnicidade em movimento através de um já aflorado sentimento de brasilidade mesclado com a valorização do legado cultural dos antepassados italianos. O primeiro deles, a evidência de que a língua, fosse qual fosse, não era transmitida no núcleo familiar, como, aliás, já havia detectado Gaio (2013). Os depoimentos enfatizam o aprendizado do italiano na escola e não fazem nem mesmo menção a dialetos. Diferentemente dos modelos de escolas internacionais de hoje, o governo italiano pretendia que as escolas fossem italianas, como se observa a partir dos depoimentos colhidos em documento anexado ao Processo de Tombamento do prédio da *Casa d’Italia*:

“... Na idade de 9, 10... Anos você aprende com muita facilidade tudo o que ensinam (...) e eu aprendi a falar italiano”. (Dante Zanzoni)

“eu estudava numa escola (italiana, Umberto I) de Juiz de Fora e **aprendi o italiano** porque os **meus pais tinham interesse...**” (Tisio Arcuri)

“... Além da parte cultural de **ensinar os (sic) filhos a língua** e as canções italianas...” (idem)

“eles tinham (...) a oportunidade de **convivência nos moldes da Itália**” (idem)  
(todos os grifos são nossos)

A *Casa d’Italia* de Juiz de Fora funcionou de 1939 até 1942, quando o Brasil entrou na 2ª guerra mundial. A *Casa*, então, foi tomada pelo governo brasileiro e passou a abrigar o Círculo Militar. Foram apenas três anos de funcionamento, mas certamente muito intensos e profícuos (Ferenzini, 2008). Em 1955 o governo brasileiro devolve a *Casa* ao governo italiano. Houve então uma tentativa de retomada dos ideais de centro cultural e de conagração de italianos, mas já sem intenção nacionalista. Buscava-se um centro com

marcas italianas, que pudesse reunir os italianos e fosse voltado à cultura. A década de 60 foi marcante e a *Casa d'Italia* permaneceu como importante centro cultural até meados dos anos 70, quando entrou em decadência. Já nos anos 80 suspeitou-se de que havia tratativas para venda do prédio e alguns italianos e descendentes, além de outras pessoas ligadas à cultura da cidade, se mobilizaram para buscar seu tombamento como patrimônio cultural municipal.<sup>26</sup> A movimentação deu certo e o prédio foi tombado em 1985.

### **Momentos históricos diferentes, Comunidades de Prática semelhantes**

O que se depreende da história da *Casa d'Italia* de Juiz de Fora é que independentemente das ideias fascistas, muitos italianos se reuniram em torno dela, seja na época em que servia aos propósitos de Mussolini ou na retomada após a guerra, ou ainda no aparente desinteresse do governo italiano em manter o funcionamento das suas instalações. São momentos históricos importantes durante os quais houve formação de CP, todas de alguma forma bem sucedidas.

Na sua estrutura original, a *Casa d'Italia* de Juiz de Fora foi certamente marcante para os italianos e descendentes que optaram por usufruir de suas instalações, como atesta Dante Zanzoni em depoimento constante no Processo de Tombamento da *Casa d'Italia*:

“Era uma segunda casa. Você trabalhava de dia e de noite ia pra lá, (...) inclusive aos domingos que havia uma sessão cinematográfica. Por causa da guerra fecharam a *Casa d'Italia* e para nós, filhos e descendentes de italianos houve esse hiato, uma coisa tremenda. Não houve mais aquele conagraçamento, não havia como se reunir.”

Atualmente a *Casa d'Italia* de Juiz de Fora tem funcionado nos mesmos moldes de como foi concebida no tempo de Mussolini, com a vantagem de não estar impregnada de ideias fascistas, muito pelo contrário. Em 1990 foi fundada a Associação Ítalo-brasileira *San Francesco di Paola*, que é responsável pela sua gestão. No prédio funcionam ainda a Associação de Cultura Ítalo-brasileira, uma escola de língua italiana como língua estrangeira, o Grupo de Dança Folclórica Italiana Tarantolato e um restaurante

---

26 Jornal “Tribuna de Minas”, edição de 03/05/1984.

especializado em cozinha italiana, com ênfase na calabresa. Funciona ainda o Vice-Consulado da Itália, ou Agência Consular, vinculado ao *Consolato d'Italia di Belo Horizonte*, a capital do estado.

## **Resultados iniciais**

Apesar do título, acreditamos que seja prematuro falar em resultados, embora sejam dados importantes que nos direcionam na identificação das CP a partir da cidade de Juiz de Fora. A partir da observação do atual funcionamento da *Casa d'Italia* ali presente, identificamos núcleos potencialmente importantes para a manutenção e divulgação de língua e cultura na cidade. Igualmente, buscamos informações a respeito de núcleos culturais na cidade de Petrópolis, que é bem mais conhecida pelo seu legado de história alemã. Na cidade serrana do estado do Rio de Janeiro identificamos o *Circolo Italiano di Petropolis* e a *Casa d'Italia Anita Garibaldi*. Essa última, embora carregue o nome *Casa d'Italia*, não tem relação com as *Casa d'Italia* criadas pelo governo de Mussolini. No estágio atual de nossa pesquisa, temos alguns dados somente de Juiz de Fora. Realizamos um questionário simulando uma entrevista que foi enviado aos principais responsáveis pelas três Associações que funcionam no prédio da *Casa d'Italia* atualmente. Observamos perfis de associações diferentes, mas que apontam para a existência de CP motivadas pela italianidade.

A Associação San Francesco, no seu papel de gestora da *Casa d'Italia*, tem em seu quadro 250 associados. Chama a atenção, porém, o fato de que a maioria dos associados tem mais de 50 anos de idade e não tem havido renovação. Segundo o seu responsável, 35% dos associados “falam ou entendem bem o italiano”<sup>27</sup> e 34% tem dupla cidadania. O dado mais relevante é a existência de um grupo de oito associados que se reúne semanalmente para a prática de bocha e de jogos de cartas. Esses associados são italianos,

---

<sup>27</sup> Evidentemente não aprofundamos a questão de forma a entender o que o informante quer dizer com ‘falar ou entender bem’ a língua. O valor da resposta é demonstrar que uma parte consistente dos associados tem interesse, de alguma forma, pela língua.



de idade mais avançada. Mantém hábitos que indicam uma CP bastante viva, mas frágil pela falta de renovação.

A Associação de Cultura Ítalo-brasileira é um curso privado de língua e cultura italiana e é mais conhecido pelo nome de ‘Cultura Italiana’. Funciona ininterruptamente há mais de 60 anos, conseguiu superar a pior fase da *Casa* nos anos 70. Usam as mesmas dependências da escola *Umberto I*, da época do fascismo. Gaio (2013) relevou que 60% dos seus alunos são descendentes de italianos, 63% têm mais de 40 anos e 70% são mulheres. No entanto, sua presidente nos revela que a descendência, embora seja motivo de procura pelo aprendizado da língua, não é o mais relevante, e que atualmente tem aumentado o número de jovens em busca do aprendizado da língua por conta dos programas universitários de internacionalização. Já em 2013 Gaio observou que 29% dos alunos matriculados tinham até 30 anos de idade. Porém, o número total de alunos tem diminuído ao longo dos anos, mesmo com mensalidades mais baixas do que a média cobrada por outros cursos de idiomas. Isso não nos autoriza a relacionar esse decréscimo ao desinteresse pela língua, uma vez que nossa análise está restrita apenas à ‘Cultura Italiana’. Detectamos um indício da formação de CP dentro da escola a partir da necessidade de formação de turmas chamadas ‘suplementares’, surgida entre os próprios alunos, após o término do curso regular. Essa interação, que permite e estimula a manutenção de alguns alunos, tem como mote o interesse comum, motivador de prazer, pela língua e cultura italianas.

A Associação Cultural Grupo de Dança Folclórica Italiana Tarantolato, conhecida como Grupo de Dança Tarantolato, ou simplesmente Tarantolato, nasceu no ano 2000, por iniciativa de uma professora da ‘Cultura Italiana’. Segundo a própria idealizadora, era uma vontade antiga que pôde se concretizar a partir de um convite de um órgão da Prefeitura. O grupo é amador, mas a organização tem nível profissional. Já se apresentaram inúmeras vezes em diversos eventos em todo o Brasil. Por razões logísticas o grupo nunca ultrapassa a quantidade de nove pares de dançarinos. Atualmente tem quinze membros (sete pares mais uma pessoa de apoio). Estão constantemente renovando figurinos, coreografias e buscando novas danças. É um grupo muito dinâmico. Os componentes pertencem a faixas etárias variadas e equilibradas, e há sempre interessados em tomar parte do grupo, o que garante a renovação quando necessária. Seus trabalhos já foram aceitos em eventos internacionais, embora não tenham conseguido participar por falta de patrocínio. Percebe-se

uma CP bastante forte, criada a partir do interesse pela dança. Entre os componentes não há italianos, mas alguns<sup>28</sup> são descendentes. Através do grupo alguns membros se interessam em aprender italiano, mas o foco principal é a dança. O objetivo do grupo, quando da sua criação, era a divulgação da cultura italiana através da dança.

### **Considerações finais**

Neste trabalho pudemos verificar alguns pontos importantes para o prosseguimento de nossa pesquisa, quais sejam a identificação de núcleos onde há indícios da formação de CP cuja razão de existir está relacionada à italianidade. Como foi observado, tanto no passado mais longínquo como no mais recente a dispersa comunidade italiana de Juiz de Fora (Gaio, 2013) se mobilizou em CP, quando achou necessário, motivada pela relação direta com as origens italianas dos membros, numa demonstração de que talvez essa coletividade de italianos não seja tão dispersa quanto possa parecer. Em Juiz de Fora, como vimos, há fortes indícios de que tais núcleos tenham origem no maior símbolo de representação da coletividade italiana da cidade, que é a *Casa d'Italia*. No nosso percurso histórico percebemos que a representação simbólica do prédio para a cidade foi provavelmente determinante para que as novas iniciativas de divulgação cultural tivessem força e pudessem ser retomadas. A partir de agora, além de estendermos nossa busca por CP a Petrópolis e ao Rio de Janeiro, é nosso escopo investigar marcas linguísticas que identifiquem essas CP para podermos responder às perguntas propostas nesse trabalho.

Na nova formação da *Casa d'Italia* de Juiz de Fora a 'Cultura Italiana' permanece sendo a principal referência da cidade no ensino de língua italiana. O grupo Tarantolato mantém tradições culturais e as transmite às novas gerações. Mantém viva a cultura da dança folclórica de um tempo, mas sempre renovada por participantes jovens, o que garante a sua manutenção ao longo do tempo. São brasileiros, não necessariamente descendentes de italianos, absorvendo e transmitindo cultura italiana, que compõe a formação do povo brasileiro. É sem nenhuma dúvida uma CP motivada por cultura italiana.

---

28 A informante não soube precisar quantos são descendentes.

Nossa investigação deverá chegar a Petrópolis e então buscaremos entender se o funcionamento do *Circolo Italiano di Petropolis* e da *Casa d'Italia Anita Garibaldi* podem ser caracterizados como CP. Do ponto de vista linguístico chama-nos a atenção o cuidado com a grafia totalmente italianizada do nome do 'Circolo', com o detalhe da não acentuação do próprio nome da cidade, diferentemente das associações juiz-foranas, as quais mantêm seus nomes grafados em português.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

Ang, Ien. 2001. *On not speaking Chinese. Living between Asia and the West*. London: Routledge.

Bauman, Zygmunt. 2005. *Identidade*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar.

Bertonha, João Fábio. 1998. *Sob o signo do Fascio: O fascismo, os imigrantes italianos e o Brasil, 1922-1943*. (s. n.). Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas.

\_\_\_\_\_. 2005. *Os Italianos*. São Paulo: Contexto.

Bortoni-Ricardo, Stella Maris. 2011. *Do campo para a cidade: estudo sociológico de migração e redes sociais*. São Paulo: Parábola.

Canevacci, Massimo. 2004. *Sincretismi. Esplorazioni diasporiche sulle ibridazioni culturali*. Milano: Costlan editori.

Dervin, Fred; Risager, Karen (orgs.). 2015. *Researching Identity and Interculturality*. Abingdon: Routledge.

Eckert, Penelope. 2000. *Linguistic variation as social practice*. Oxford: Blackwell

Ferenzini, Valéria Leão. 2008. *Os italianos e a Casa d'Italia de Juiz de Fora*. Locus: revista de história, v. 14, n. 2. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, p. 149-159.

Frello, Birgitta. 2015. *On Legitimate and Illegitimate Blendings: Toward an Analytic of Hybridity*. In: Dervin, Fred & Risager, Karen (orgs.). 2015. *Researching Identity and Interculturality*. New York: Routledge.

Friedman, Jonathan. 1999. *The Hybridization of the Roots and the Abhorrence of the Bush*. In: Featherstone, Mike; Lash, Scott. (orgs.) 1999. *Spaces of Culture. City, Nation, World*. London: Sage, p. 230-256.

Gaio, Mario Luis Monachesi. 2013. *Imigração italiana em Juiz de Fora: manutenção e perda linguística em perspectiva de representação*. 111f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) - Universidade Federal Fluminense, Niterói.

\_\_\_\_\_; Savedra, Mônica Maria Guimarães. 2013. *Língua e cultura em contato na Zona da Mata mineira: a imigração italiana em Juiz de Fora*. Veredas, v.17, n. 2. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, p. 357-375.

Jungbluth, Konstanze. 2007. *Doing Identities in Regional, National and Global Contexts: The Catalan Case in Spain*. In: Jungbluth, Konstanze; Meierkord, Christiane. *Identities in Migration Contexts* (orgs). Tübingen: Gunter Narr Verlag.

Milroy James; Milroy Leslie. 1985. *Linguistic change, social network and speaker innovation*. *Journal of Linguistics*, v. 21, n. 2, Cambridge: p. 339-384.

Milroy, Leslie. *Social Networks*. 2003. In: Chambers, J. K., Peter Trudgill And Natalie Schilling-Estes (Orgs). *The Handbook of Language Variation and change*. Blackwell Publishing.

Ortiz Fernández, Fernando. 1999 [1940]. *Contrapunteo Cubano del Tabaco y el azúcar*. Madrid: EditoCubaEspaña.

Processo de Tombamento da *Casa d'Italia* de Juiz de Fora. 1984. Prefeitura de Juiz de Fora, Número 006372, vol. 1.

Thomason, Sarah. Grey. 2001. *Language Contact: an introduction*. Edinburgh: Edinburgh University Press.

Weinreich, Uriel. 1953. *Language in contact*. The Hague: Mouton Publishers.

Welsch, Wolfgang. 1999. *Transculturality – the Puzzling Form of Cultures Today*. *Spaces of Culture: City, Nation, World*. Mike Featherstone and Scott Lash. London, Sage, p. 194-213.

Wenger, Etienne. 2006. *Comunità di Pratica: apprendimento, significato e identità*. Traduzione R. Merlini. Milano: Raffaello Cortina Editore.

Winford, Donald. 2003. *An introduction to contact linguistics*. Oxford: Blackwell.

## CONTANDO A PRÓPRIA IDENTIDADE – UMA NARRATIVA QUILOMBOLA COMO PROJETO COLABORATIVO<sup>29</sup>

Rita Tamara VALLENTIN<sup>30</sup>

### RESUMO

Na sociedade brasileira as comunidades de quilombos formam parte importante da população. Hoje em dia muitos quilombolas ainda reivindicam direitos e terras, conforme o artigo 68 do Ato das Disposições Transitórias da Constituição Federal de 1988. Alcançar a auto-sustentabilidade em cada âmbito da vida (trabalho, alimentação, educação, cultura, religião...) é o principal objetivo de muitos Quilombolas o que ainda se revela difícil em vista de conflitos socioculturais, racismo e preconceitos: "É necessário então entender a constituição da identidade quilombola face à necessidade de luta pela manutenção ou reconquista de um território material e simbólico" (Rezende da Silva 2012: 7). Nesse artigo quero concentrar-me na construção desse "território simbólico". A memória cultural muitas vezes é transmitida oralmente pelos *griôs* – as pessoas mais velhas e sábios da comunidade. Então, a cultura quilombola deve-se manifestar nas narrativas dos próprios quilombolas. Vou analisar um fragmento de um corpus da língua falada gravado durante meu período de pesquisa de campo etnográfica em setembro de 2012, seguindo a metodologia da análise de conversação „enriquecida“ (Deppermann 2000). Nas narrativas (Georgakopolou 2006), alguns quilombolas contam a história do seu quilombo, das lutas, das condições de vida e das tradições africanas que tentam resgatar. Empregam narrativas para marcar o seu "território simbólico" como população quilombola. Partindo do exemplo de uma narrativa sobre o evento da "Folia de Reis" no quilombo mostrarei como os falantes participantes desenvolvem a narrativa como um projeto de co-construção.

**PALAVRAS-CHAVE:** quilombos no Brasil; narrativa; co-construções; análise de conversação; etnografia

### **Quilombos no Brasil - Entre "território material e simbólico"**

Baseado nos dados da Fundação Cultural Palmares, de setembro de 2015, existiam 2607 comunidades quilombolas "certificadas"<sup>31</sup> no Brasil. Nos textos jurídicos

---

<sup>29</sup> Agradeço a Konstanze Jungbluth da Viadrina e Mario Luis Monachesi Gaio da UFF pelos comentários construtivos sobre o presente artigo.

<sup>30</sup> Europa-Universität Viadrina (EUV), Fakultät für Kulturwissenschaften, Lehrstuhl für Sprachgebrauch und Sprachvergleich, Große Scharrnstraße 59, 15230 Frankfurt (Oder), Deutschland, [vallentin@europa-uni.de](mailto:vallentin@europa-uni.de)

que tratam o reconhecimento das comunidades remanescentes dos quilombos (CRQ) como "quilombolas" a referência a um direito a uma propriedade territorial é sempre ligada à questão quilombola: "Aos remanescentes das comunidades de quilombos que estejam ocupando suas terras, é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes títulos respectivos" (artigo 68 do Ato das Disposições Transitórias da Constituição Federal Brasileira 1988). Os procedimentos para o esse artigo são regulamentados no Decreto nº 4887/2003. Além de apresentar os passos a serem seguidos para a obtenção do título de propriedade, esse decreto define a identidade quilombola da seguinte maneira:

Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste Decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida (Decreto nº 4887/2003, Art. 2º).

As terras que são consideradas no processo devem ser "utilizadas para a garantia de sua reprodução física, social, econômica e cultural" (ibid.). Afinal a titulação também necessita ser definida pela própria comunidade. Deixando o conteúdo jurídico e consequências técnicas de lado, o que chama a atenção é o relacionamento de "terra" com uma certa "reprodução" de aspectos culturais e tradicionais. Numa outra definição dada pela Fundação Cultural Palmares (2015), "Quilombolas são descendentes de africanos escravizados que mantêm tradições culturais, de subsistência e religiosas ao longo dos séculos". Parece que, pelo menos nos textos oficiais do governo, para ser uma comunidade quilombola é necessário comprovar uma "continuidade" cultural e espacial, reproduzir certos modos de viver e haver uma representação (física e/ou cognitiva). O relacionamento dessa reprodução cultural com um determinado lugar, uma terra, é "essencial" (Rezende da Silva, 2012:2) para a identidade quilombola. A terra quilombola é um território demarcado de proteção, de luta, de reinvenção. É um espaço bem vinculado com a identidade quilombola:

É necessário então entender a constituição da identidade quilombola face à necessidade de luta pela manutenção ou reconquista de um território material e simbólico (Rezende da Silva, 2012:7).

---

31 A titulação se realiza pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) em colaboração com a Fundação Cultural Palmares. Só depois de um largo processo de assessoramento técnico e jurídico as comunidades podem ser certificadas como "remanescentes das comunidades de quilombos" (Art. 68 do Ato das Disposições Transitórias da Constituição Federal Brasileira) com a concessão do título da terra respectiva.

As práticas sociais, culturais e econômicas (como estabelecido pelo decreto nº 4887) - que pertencem ao "território simbólico" – precisam da terra "materializada" para a sua realização. Por exemplo, os rituais religiosos e uma certa forma de cultivar a roça ou a agrofloresta têm o seu espaço no território quilombola. O foco desse artigo é a parte do território simbólico que se vincula à terra material: a "recriação de histórias narradas" (ibid.:3). A terra, que muitas vezes é a materialização da resistência e da luta coletiva, forma parte dessas narrativas. A memória representada nas histórias narradas tem várias funções na (re)invenção da identidade quilombola. Por um lado adquire a sua devida importância, pois foi sempre marginalizada pelo discurso dominante (ibid.:3). Ouvir e reconhecer essas histórias como parte da História do Brasil significa integrá-las no discurso "oficial" que as tem ignorado por tanto tempo. Por outro lado uma demonstração da própria história comunitária é fundamental para a auto-compreensão como quilombola. A narrativa torna-se o meio para a legitimação da reivindicação identitária. É recurso para a demarcação de outros grupos e característica de singularidade de cada quilombo. Ela constrói uma coerência entre o passado e o presente e, então, também funciona, em sentido mais amplo, como parte do reconhecimento do status de "remanescente".

A seguir, apresento um fragmento de uma narrativa quilombola em forma de análise de conversação. Mostrarei como os falantes tratam uma narrativa como um projeto em conjunto e, então, criam o seu próprio "território simbólico".

### **O campo da pesquisa e o corpus**

O corpus linguístico e etnográfico foi constituído a partir de um período de pesquisa de três semanas em setembro de 2012 em um quilombo fluminense, localizado perto da cidade de Paraty. Seis entrevistas semi-estruturadas com quilombolas ativos na Associação de Moradores da comunidade e três gravações de narrativas comunitárias formam o conteúdo do corpus de dados orais.

O quilombo foi titulado em 1999 e é um dos primeiros no estado do Rio de Janeiro. Desde então a Associação de Moradores iniciou vários projetos para melhorar a situação econômica dos moradores da comunidade criando emprego e fontes de renda a longo prazo. O quilombo conta com uma casa de artesanato, uma agrofloresta ecológica

e um restaurante que oferece especialidades locais. Como a região em torno de Paraty é marcada por intenso turismo, a associação também promove visitas turísticas ao quilombo. Grupos de visitantes podem assistir a um "roteiro etno-ecológico" começando com uma "contação de história" com griôs e seguida por uma visita a diferentes lugares na comunidade.

A pesquisadora passou três semanas no quilombo acompanhando as pessoas nos seus trabalhos cotidianos. Depois de um período de conhecimento mútuo, fez seis entrevistas com membros da associação cobrindo os campos da história do quilombo, da luta pela terra e titulação, da organização comunitária e dos projetos em andamento. Também assisti às sessões com os grupos de visitantes, gravando as narrativas dos griôs e dos outros quilombolas presentes. O ponto focal da pesquisa era identificar se as práticas sociais e linguísticas dos quilombolas são usadas na marcação das diferenças em relação a outros grupos. Em caso afirmativo, como contróem uma "identidade quilombola" em presença de um *alius* (Jungbluth, 2015) personificado pela pesquisadora.

### **A narrativa como prática identitária**

A base de dados analisada aqui vem de uma das narrações de história com griôs para um grupo de visitantes. Neste caso, era um grupo de estudantes do Ensino Fundamental com três professores que vieram para aprender sobre a história quilombola. A situação pode ser entendida como uma "encenação" de uma prática identitária. A história (comunitária) concebida oralmente e contada pelos velhos da comunidade – os griôs – forma parte de um gênero cultural nos quilombos no Brasil (e em outras comunidades tradicionais). Os velhos nas comunidades quilombolas, tendo ligação mais direta ao passado, têm um papel bem importante na construção da "identidade quilombola":

Particularmente a questão da “memória dos velhos” nos interessa, [...] ela teve lugar de destaque, não só porque os velhos, os antigos, como preferem dizer boa parte dos recordadores, foram testemunha de outros tempos, mas também porque quando exercem sua função social de recordar, ou refazer o passado eles impulsionam o seu entorno social a agir no presente. Eles são como alicerces em uma casa em construção (Rezende da Silva, 2012:12).



No caso do quilombo pesquisado, a prática da griô contando uma narrativa é "encenada" para um público exterior. É uma apresentação (*performance*) em sua forma mais literal. Apesar disso, a prática não perde o seu poder de representar e formar uma identidade específica no momento da narração contando a narrativa para um público que não pertence à comunidade, que forma um *out-group*: "identity performances are *relational* with respect to different dimensions of alterity [...] delineating stances both with respect to others against whom one defines oneself" (Hastings; Manning, 2004:304). A narrativa contada repetitivamente para "pessoas de fora" (assim os não-quilombolas são definidos pelos entrevistados) é parte vital da auto-definição e reafirma a identidade quilombola que se baseia e se renova nessas práticas. O público visitante funciona como uma tela sobre a qual o sentimento de grupo dos quilombolas é projetado e, então, posicionado e delimitado.

### **Aspectos metodológicos**

A seguir analiso um fragmento dessa narrativa produzida pelos turistas que visitavam o quilombo. Antes, devo esclarecer o método de análise. Foi escolhida uma análise de conversação „enriquecida“ com dados etnográficos ("ethnographische Gesprächsanalyse", Deppermann, 2000:104). Essa abordagem considera “[...] a perspective on language as intrinsically tied to context and to human activity“ (Blommaert, 2005:233). A análise de conversação 'clássica' pressupõe que os falantes mostrem "sentido e ordem" na conversação para o interlocutor, e que o pesquisador possa "ler" essa apresentação (conceito do "display", Deppermann, 2000:99). Entretanto, a análise de conversação costuma ignorar que o pesquisador, incluso nessa situação simplificada de "ler" o que está se passando na conversação, precisa de um certo fundamento interpretativo. Muitas vezes se argumenta que o pesquisador só reconstrói a realidade comunicativa da conversação. Mas a própria reconstrução deve ser considerada uma interpretação. Então, vale a pena considerar que "Conhecimento e sua aplicação ativa em atos interpretativos é a condição sine qua non para qualquer análise de conversação" ("Wissen und seine aktive Anwendung in interpretativen Akten ist die unabdingbare Voraussetzung für jegliche Gesprächsanalyse", *ibid.*:101, tradução própria de RV). Esse conhecimento se encaixa em vários contextos. Se o pesquisador

pode encaixar a conversação em um campo de prática linguística e/ou social, pode se aprofundar sobre a relevância, a frequência e a tipicidade do fenômeno linguístico em relação à prática social (ibid.:105f.). Além disso, pode aplicar o conhecimento que tem a respeito dos falantes, observando se a fala na conversação em questão é típica desse falante ou se provém de outros contextos. Partindo dessa análise "enriquecida" o pesquisador pode incluir informações relevantes para a interpretação, que de outra forma teriam sido omitidas. Esse conceito se beneficia quando o próprio pesquisador que faz a análise estava presente na situação. Para concluir, o método explicado aqui situa a conversação num contexto específico e exige mais que "bom senso" do pesquisador. Requer conhecimento etnográfico para interpretar os atos linguísticos dos falantes:

[...] our events are human events, events of meaning. Their description, explication, and analysis require a synthesis of ethnography - with its concern for context, meaning, history, and intention - with the sometimes arid and always exacting techniques that conversation analysis offers for locating culture *in situ* (Moerman 1988: xi).

### **Análise do exemplo: A narrativa "Folia de Reis"**

Tem sido argumentado que os griôs (os "antigos"/os "velhos") representam parte importante na construção e conservação do „território simbólico“ das comunidades quilombolas no Brasil. Na apresentação desse gênero discursivo para um público externo certas pessoas da comunidade falam sobre assuntos diferentes da comunidade, geralmente: 1. a história do quilombo relacionada à sua fundação por três mulheres escravas; 2. a luta pela terra, começando nos anos 70, relacionada com o desenvolvimento da região, especialmente no âmbito do turismo, e a especulação imobiliária concomitante; e 3. a situação do quilombo hoje em dia, a organização social e política e os projetos iniciados pela associação de moradores. Existem vários idosos na comunidade que trabalham para a associação com foco no turismo sustentável. Curiosamente, pelo menos de acordo com minhas observações, há mais mulheres assumindo a função de griô. Elas são procuradas pela associação, se tiverem tempo e disposição para contar a narrativa a um grupo de visitantes. Nas três sessões que eu observei como pesquisadora, há várias pessoas da associação que acompanham a griô.

Os grupos são recebidos com cantos acompanhados por um tambor numa sala do restaurante comunitário. Depois que todos se sentam, começa a narrativa. Geralmente, a parte da fundação e da luta pela terra é narrada pela quilombola que acompanha a griô. A griô então é apresentada como uma testemunha dos tempos passados que pode dar um toque pessoal, completando a narrativa oficial do quilombo. Elas realizam um "trabalho de memória", contando histórias pessoais da sua infância, ou histórias que elas conhecem, contadas pelas suas avós. A colega quilombola retorna para falar da organização atual do quilombo, que acompanha a griô na sessão. Ela também modera as discussões e perguntas que emergem na sessão e intermedia entre a griô e o público se for necessário.

No caso que vamos analisar agora, a griô "Di" está sentada na frente do público, que forma um semicírculo. Ao seu lado se senta "Da", uma quilombola muito mais jovem e que é membro da associação. Sentada com o público e posicionada do lado oposto às duas oradoras "oficiais" se encontra "Ga", outra quilombola que trabalha na associação. Os professores dos estudantes, que formam parte do grupo também estão sentados no semicírculo. Antes do fragmento sobre a "Folia de Reis", Da já contou a história da fundação do quilombo e falou sobre a luta pela titulação da terra. A griô é apresentada como personagem que pode contar sobre "a vivência que ela tem de lá para cá". Di começa narrando como era o quilombo no passado, antes do auge do fluxo turístico, como eram as práticas sociais diárias e as festas. Ela menciona rapidamente a festa da Folia de Reis no quilombo no passado. Depois de uma intervenção de Da, ela aprofunda a descrição da folia para o público.

É interessante para nosso foco de pesquisa que Di tenha o direito de falar nessa passagem da sessão. Também pode-se supor que ela seja a única com um direito "legítimo" de falar na passagem porque é a única que realmente vivenciou o tempo narrado. Num contexto planejado e encenado assim a observadora pode assumir que a narrativa tem uma qualidade monológica. Por isso, é surpreendente que na narrativa de Di várias vezes surgem sequências de "condensação". Nessas passagens os outros participantes da cena empenham-se em uma co-construção da narrativa e a transformam em um projeto colaborativo. Mesmo que a organização e a estrutura na narrativa de Di siga uma definição "clássica" (Labov, 1972), nas sequências de condensação se encontram traços de uma construção interacional (Georgakopolou, 2006:85). A seguir apresento a transcrição da sequência correspondente.

[3]

|   |             |
|---|-------------|
| 7 [18:21.4]   | 8 [18:24.1] |
| Di [v] A folia de reis aqui ••• a nOssa ((1,4s)) agora tem • a bandeira , né, • tem a |             |
| [k] <i>coughing in the background ongoing coughing</i>                                |             |

[4]

|   |              |              |
|---|--------------|--------------|
| 9 [18:26.1]   | 10 [18:27.9] | 11 [18:31.1] |
| Di [v] bandeira •• mas aquele tempo • do meu pessoal • não tinha bandeira ••• então • era |              |              |

[5]

|  |              |              |              |
|--|--------------|--------------|--------------|
| 12 [18:33.7]   | 13 [18:35.1] | 14 [18:36.2] | 15 [18:38.9] |
| Di [v] só pelaa ••• pelos canto (sic!) •• , née um tocava_o tamboor outro a vioola • |              |              |              |

[6]

|   |              |
|---|--------------|
| 16 [18:41.6]  | 17 [18:45.6] |
| Di [v] cavaquiinho pandeeiro ° e nós companhAva nós/ • ah nós perdia a noite •• |              |
| [k] <i>voices and giggling in the background</i>                                |              |

[7]

|  |
|--|
| 18 [18:47.6]   |
| Di [v] acompanhando sabes/? • Olha! • Esse lugar que a gente até • na Independência... |

1. Fragmento de Transcrição 1, Narrativa "Folia dos Reis"<sup>32</sup>

Nessa parte da narrativa Di começa a elaborar a descrição da festa comunitária. A folia dos reis não é uma festa especial quilombola. É uma manifestação cultural e religiosa que faz parte do folclore brasileiro. Então ela enfatiza que vai falar sobre "A folia de reis aqui ••• a nOssa ((1,4s))". Com o advérbio de lugar *aqui* Di delimita o espaço narrativo. O pronome possessivo "nossa" reforça a delimitação e define o grupo de "nós" (*we-group*) frente ao grupo de "outros" oculto no enunciado. Ela prossegue com uma comparação entre os tempos presente e o passado e se relaciona a "aquele tempo do meu pessoal" [9]. Com o advérbio "aqui" e o pronome "nossa" Di marca o tempo presente da comunidade e estabelece distância com o passado, que é marcado em seguida com o uso do pronome demonstrativo "aquele". É a comunidade quilombola nos tempos "do meu pessoal", que é representada pelos idosos da comunidade. Com essa expressão Di marca o seu estatuto de expert sobre o tema e assegura a legitimidade de poder falar a respeito do assunto. Depois que a função de Di é estabelecida ela continua com uma descrição mais detalhada da folia [10-18].

32 Os dados orais são transcritos com o pacote do programa EXMARaLDA (Schmidt; Wörner, 2009, [www.exmaralda.org](http://www.exmaralda.org)). As convenções de transcrição se encontram no anexo do artigo e se orientam no sistema HIAT (Ehlich; Rehbein, 1976) e GAT2 (Selting et al., 2009).

[8]

|         | 19 [18:51.6]                              | 20 [18:54.6]  |
|---------|---|---------------|
| Di [v]  | Aí vai passando de casa em caasa, né?     |               |
| Da [v]  | E vai passando em casa em casa, né, Dita? | Vai           |
| Da [k]  |   |               |
| Tu3 [v] | ((inc.0,4s))bebeendo ((inc.0,5))          |               |
| [k]     |   | <i>people</i> |

[9]

|         | 21 [18:58.5]  |
|---------|---|
| Di [v]  | Aíí! Aquele acor/... oolha, às vezes a gente tava num |
| Da [v]  | bebendo hahaha  |
| Da [k]  |   |
| Ga [v]  | (já)? raiaando (inc. 0,3s)                            |
| Ga [k]  | <i>quietly</i>  |
| Tu3 [v] | comendo também  |
| [k]     | <i>smiling in the background</i>                      |

[10]

|        | 22 [19:04.1]  | 23 [19:06.5] |
|--------|---|--------------|
| Di [v] | sono tão bom, né? Aquela cantoria na porta da gente • a gente se assustava "O que |              |
| Ga [v] |   |              |
| Ga [k] |   |              |

[11]

|        | 24 [19:08.3]  | 25 [19:10.9] | 26 [19:12.7] |
|--------|---|--------------|--------------|
| Di [v] | que é isso? Ahh, é o reis que tá chegando!" •Dali levantava •companhava também j/ |              |              |
| Di [k] | <i>clapping her hands</i>   |              |              |

2. Fragmento de Transcrição 2, Narrativa "Folia dos Reis", sequência de "condensação"

Enquanto Di fala, a segunda falante, Da, a interrompe. Da dirige a narrativa de Di num foco temático diferente, inserindo uma pergunta: "E vai passando em (sic!) casa em casa, né, Di?" [19]. A tomada do turno de Da não é sancionada ou marcada por Di. Em vez disso, Di "ecoa" a frase de Da: "Aí vai passando de casa em caasa, né?" [19-20]. Di, então, aceita o câmbio temático introduzido por Da e ratifica o turno dela. A formação da narrativa em conjunto não é fechada nesse momento. Já durante a ratificação do turno de Da, um dos professores dos estudantes visitantes, aqui marcado com a sigla Tu3, se envolve na interação. Ele completa e concretiza a narração, participando com seu conhecimento sobre o decurso da festa ("((inc.0,4s)) bebeendo ((inc.0,5)) comendo também" [20]), embora ele pertença ao grupo exterior, não-quilombola. Essa contribuição do professor é mais uma vez ecoada, desta vez pela falante Da, repetindo "Vai bebendo" [20]. A contribuição de ambos os falantes é também ratificada pela griô Di, usando o advérbio "aí" como conector discursivo

(Jungbluth, 2013). A expressão de Da tem uma perceptível carga emocional identificada na prosódia chamativa e na vogal estendida em "AÍÍ!" [20]. A sequência se pode entender como um ponto culminante da integração de "vozes múltiplas". Nesse momento, há uma participação multimodal dos ouvintes não audível e, por isso, não percebida na gravação. A narrativa se torna mais animada ao ponto de integrar mais vozes e o resto do público reage com um sorriso [20], parcialmente dissolvido numa risada sutil. A falante Da fecha o seu turno com uma risada muito clara e acentuada [20]. A risada pode ser interpretada como uma revelação de um consentimento entre os falantes e os ouvintes (Roth, 2005:238). É uma contextualização humorística do que já havia sido narrado, ratificada pelo riso (não audível) da plateia.

A griô prepara-se de novo para continuar a narrativa, mas a sequência interacional é retomada pela segunda quilombola acompanhante, Ga. Ela literalmente "corta" a palavra de Di, inserindo outro aspecto novo no modo gerúndio, como Tu3: "(já)? raiaando ((inc. 0,3s))" [21]. Esta vez, a inserção de Ga não é ecoada por Di, mas processada interacionalmente. Di não completa o início da frase que começou mas reage à inserção de Ga de cara ao conteúdo: "oolha, às vezes a gente tava num sono tão bom, né?". Pode-se concluir do contexto que Ga fala sobre o sol que já raia e Di refere-se então ao "sono" que era interrompido quando os foliões "de Reis" chegavam. Só depois dessa alteração temática Di pode recuperar a autoridade de fala e continuar a sua narrativa numa forma monológica [22f].

Essas sequências de condensação, ou de vozes múltiplas, podem ser encontradas em vários instantes durante essas sessões de griôs com turistas. A presente transcrição foi somente um exemplo entre muitos de co-construções de narrativa executadas por vários falantes. Destacadamente, essas passagens (também em outros exemplos) não são problematizadas pelos falantes presentes. As transições entre os turnos na maioria das vezes sucedem "sem atritos". As expressões são reintegradas nos turnos subsequentes ou, pelo menos, o seu conteúdo é incorporado. Essas estratégias linguísticas também estendem-se aos falantes do *out-group*. Nesse caso, as contribuições do turista são refletidas e ratificadas pelas falantes quilombolas. Elas aceitam o visitante como participante na co-construção da narrativa.

Em relação às considerações sobre a construção do "território simbólico" dos quilombolas pode-se fazer várias observações nesse fragmento. Geralmente a tarefa de relembrar o passado, diretamente ligada à identidade quilombola, é privilégio dos idosos das comunidades, os griôs. Eles contam com um acesso mais direto ao passado e com

vivências próprias da luta pela terra e a titulação. Entretanto, na sequência analisada, há exigências de participação das quilombolas mais jovens no "projeto de lembrar". Elas parcialmente co-constroem o meio usado para a lembrança – a narrativa. A falante mais velha integra essas exigências e incorpora as inserções com respeito ao conteúdo nos turnos dela. O fato de que as quilombolas jovens não tenham participado no evento contado pela griô é compensado pela participação na construção da sua narrativa. De frente ao público externo (os turistas) as falantes quilombolas assim sinalizam o seu pertencimento ao grupo quilombola, mostrando um conhecimento sobre o decorrer da festa. A cena da "Folia de Reis" é recriada em conjunto por todas as falantes e, então, é reatualizado. Isso também se manifesta gramaticalmente: enquanto Di aplica o pretérito imperfeito na parte monológica da narrativa, que enquadra a sequência de condensação, as inserções de Da e Ga são realizadas no tempo presente ou na forma de gerúndio. A escolha das formas gramaticais assim sugere um estado contínuo no presente.

Falta considerar o papel do falante Tu3 nesse fragmento. Ele também participa na interação e contribui para a narrativa com os gerúndios "bebendo" e "comendo". A sua inserção é ratificada pelas duas falantes situadas de frente ao público. A pesquisadora pode presumir que o Tu3 cumpre uma promessa anunciada por ele antes do fragmento. Quando Da perguntou ao grupo visitante se alguém tinha conhecimentos sobre a folia de Reis, Tu3 era o único a responder que sim, que sabia um pouco sobre a prática. Então, aproveitando a "janela" para a participação aberta por Da, ele mostra o que sabe sobre a folia, mesmo que seja apenas conhecimento da cultura geral.

## **Síntese**

Nesse artigo mostrei a função da narrativa na construção e conservação de um "território simbólico" em comunidades quilombolas no Brasil. As narrativas enquadram lembranças do passado, muitas vezes lembranças de tempos difíceis de luta, preconceito e resistência. Nelas é construída uma continuidade entre o passado e o presente, necessária para a legitimação dos quilombolas. Geralmente, a narração cabe aos mais velhos, os griôs das comunidades, porque eles têm acesso mais direto às vivências contadas. Na análise do fragmento de uma narrativa quilombola, que é encenada para um público externo, vimos que a narrativa também pode tornar-se um projeto

colaborativo com vários participantes. Os quilombolas jovens presentes na sessão participam na elaboração da narrativa. Se reconhecemos a narrativa, como referido anteriormente, como meio para a legitimação identitária, as falantes narradoras marcam a relevância de seu pertencimento ao *we-group* de quilombolas com o seu envolvimento.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

Anjos de Borba, Carolina de . 2006. Território Quilombola: identidade e inclusão social – O caso de Rincão dos Martimianos, Restinga Seca/RS. Em Tese, Vol. 3/1 (1), p. 86-99.

Blommaert, Jan. 2005. Discourse. A Critical Introduction. Cambridge: Cambridge University Press.

Deppermann, Arnulf. 2000. Ethnographische Gesprächsanalyse: Zu Nutzen und Notwendigkeit von Ethnographie für die Konversationsanalyse. Gesprächsforschung - Online-Zeitschrift zur verbalen Interaktion 1, p. 96-124.

Ehlich, Konrad / Rehbein, Jochen. 1976. Halbinterpretative Arbeitstranskriptionen (HIAT). Linguistische Berichte, 45, p. 21-41.

Fundação Cultural Palmares. 2015. Proteção ao Patrimônio. Informações Quilombolas. Disponível em: [http://www.palmares.gov.br/?page\\_id=37551](http://www.palmares.gov.br/?page_id=37551). Acesso em: 15 oct. 2015.

Georgakopoulou, Alexandra. 2006. Small and large identities in narrative (inter)action. In: De Fina, A.; Schiffrin, D.; Bamberg, M. (Org.). Discourse and Identity. Cambridge: Cambridge University Press, p. 83-102.

Hastings, Adi; Manning, Paul. 2004. Acts of Alterity: Introduction. Oxford: Elsevier, p. 291-311.

Jungbluth, Konstanze. 2015. Crossing the border - Closing the Gap. Otherness in Language Use. In: Rosenberg, P.; Jungbluth, K.; Zinkhahn Rhobodes, D. (Org.). Linguistic construction of ethnic borders. Bern/Frankfurt a.M.: Peter Lang, p. 209-227.

Jungbluth, Konstanze. 2013. Compartir el espacio – Continuar el discurso. Las formas, funciones y usos de la partícula *ái* en el portugués brasileño. Sharing space – Continuing discourse. Forms, functions and uses of the particle *ái* in Brazilian Portuguese. Lingüística, 29:1, p. 143–163.

Labov, William. 1972. Language in the inner city. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

Moerman, Michael. 1988. Talking Culture. Ethnography and Conversation Analysis. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.



Rezende da Silva, Simone. 2012. Quilombos no Brasil: A memória como forma de reinvenção da identidade e territorialidade negra. Bogotá: Actas do XII Coloquio de Geocrítica. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/coloquio2012/actas.htm>. Acesso em: 15 oct. 2015.

Roth, Marita. 2005. Stereotype in gesprochenener Sprache. Narrative Interviews mit Ost- und Westberliner Sprechern 1993-1996. Tübingen: Stauffenburg.

Schmidt, Thomas; Wörner, Kai. 2009. EXMARaLDA - Creating, analysing and sharing spoken language corpora for pragmatic research. *Pragmatics*. 19(4), p. 565-582.

Selting, Margret et al. 2009. Gesprächsanalytisches Transkriptionssystem 2 (GAT 2). *Gesprächsforschung - Online-Zeitschrift zur verbalen Interaktion*, 10, p. 353-402.

## **Anexo**

### Convenção de Transcrição (segundo HIAT e GAT)

|                   |  |
|-------------------|--|
| .                 | - micro-pausa  |
| ..                | - pausa mais breve que 0,5 segundos                      |
| ...               | - pausa entre 0,5 e 1 segundos                           |
| (1s)              | - pausa mais longa que 1 segundo                         |
| (inc. 0,5s)       | - duração de partes incompreensíveis                     |
| tenhaa or tenhaaa | - vogais estendidas                                      |
| carlOca           | - ênfase   |
| tiv/tem           | - auto-correção do falante                               |
| °                 | - inspiração audível                                     |
| ...               | - ruptura no final do turno (perda ou renúncia do turno) |

.



## A DÊIXIS DE PESSOA NA COMUNIDADE DE SIRICARI-PA: UMA VARIAÇÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Walkíria Neiva PRAÇA<sup>33</sup>  
Cristiane Torido SERRA<sup>34</sup>

### RESUMO

Este trabalho tem como propósito descrever as ocorrências de uso dos verbos irregulares *fazer, ter e ir* no pretérito perfeito do indicativo verificadas na fala da comunidade quilombola Siricari-PA. Siricari está situada no município de Salvaterra, na ilha de Marajó, estado do Pará, Brasil. Constatamos que as formas verbais *fiz:fez e fui:foi* são empregadas indistintamente, tanto para indicar a primeira pessoa, quanto a terceira pessoa do singular, como por exemplo em alternâncias do tipo: (*eu, ele*) *fiz* ora (*eu, ele*) *fez*; bem como, (*eu, ele*) *fui* ora (*eu, ele*) *foi*. Também verificamos a alternância das formas *tive:teve* diante de pronome de primeira pessoa: eu (*tive, teve*) ao passo que em presença de pronome de terceira pessoa ocorre tão somente a forma *teve: ele (teve)*. Essas ocorrências nos têm conduzido à hipótese de que algumas variações do português falado em Siricari podem estar relacionadas a resquícios de herança linguística decorrente de situação de línguas em contato ocorrida no passado. O contexto da investigação aponta estratos sociais, culturais e étnicos da inter-relação entre descendentes africanos e indígenas. Com isso, este estudo toma como enfoque a etnolinguística e princípios relativos ao *Português Afro-Indígena*, adotando como fundamento estudos de Oliveira & Praça (2013), Silva (2014), Campos (2015), entre outros.

**PALAVRAS-CHAVE:** morfossintaxe; línguas em contato; português afro-indígena; comunidade de Siricari-PA.

### 1. Introdução

A temática do *Português Afro-Indígena* defendida por Oliveira & Praça (2013), Praça, Araújo & Oliveira (2013), Campos (2015), Silva (2014), Oliveira *et al* (2015)

---

33 Doutora em Linguística. (UnB) Instituto de Letras - Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas. ICC Sul B1 – 61 a 64 – Campus Universitário Darcy Ribeiro - CEP 70910-900 – Brasília – DF – Brasil. walkiria@unb.br

34 Mestranda em Linguística. (UnB) Instituto de Letras - Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas. ICC Sul B1 – 61 a 64 – Campus Universitário Darcy Ribeiro - CEP 70910-900 – Brasília – DF – Brasil. cristorido@gmail.com

entre outros se projeta sobre os falares de comunidades rurais que detêm evidentes traços de miscigenação indígena e africana. A presença de espaços inter-relacionais dessas matrizes é apontada por Salles (*apud* Pacheco, 2011), o qual nos revela uma constituição étnica particular no *corredor da Amazônia*<sup>35</sup> desde o período colonial, destacando um cenário pluriétnico com a presença de:

Nações indígenas Aruans, Cajuais, Marauanás, Sacacas, Caias, Araris, Anajás, Muanás, Mapuás, Mamaianases, Chapounas, Pacajás, dentre inúmeras outras, erigiram por campos, rios e florestas “zonas de contato” com nações africanas de Angola, Congo, Guiné, Benguela, Cabinda, Moçambique, Moxinongo, Mauá ou Macuá, Caçanje, Calabar ou Carabá, de origem banto, e Mina, Fãnti-Achânti, Mali ou Maí ou Mandinga, Fula, Fulope ou Fulupo, Bijogó ou Bixagô, de origem sudanesa, além de indicações duvidosas como Bareua ou Barana, Lalu ou Lalor, Pabana ou Babana. (p.45)

Este exemplar revela a sobreposição de terras de índio e terras de preto, como aponta Almeida (2002:70). Entretanto, apesar de se tratar de uma visão geral amazônica, o estudo do historiador é um referente para a composição étnica do arquipélago de Marajó, região no qual nos debruçamos para este estudo. Nela, reconhecemos histórica formação étnica entre povos indígenas e africanos, resultando em uma constituição cultural e linguística fortemente miscigenada.

Com vistas ao exame da variação linguística nesta região de Marajó elegemos, como campo de investigação, a comunidade quilombola de Siricari por: (i) situar em uma localidade com registros históricos de confronto entre grupos sociais minoritários, *a priori* negros, indígenas e mestiços, como a Revolta dos Cabanos, do qual nos serviu de subsídio etnográfico; e, (ii) por encontrarmos uma língua portuguesa mantida ao longo dos tempos apenas por meio da oralidade, haja vista a baixa ou quase nenhuma escolaridade, fator que contribuiu para a manutenção de uma variação particular do português nesta comunidade.

A escolha do quilombolo Siricari deu-se em virtude de sua localização geográfica e histórica. Está situado no município de Salvaterra – pertencente à região amazônica de Marajó - estado do Pará, e particulariza-se pelos acentuados fatores de miscigenação herdados desde a sua formação anterior ao ano de 1835 (*sic* moradores). A proposta de se observar aspectos linguísticos em uma comunidade quilombola com

---

35 Expressão cunhada por Pacheco (2011) ao referir-se a ambientes de interações afro-indígenas.

traços de descendência indígena e africana chama a atenção para o caráter etnolinguístico desta pesquisa e acende a discussão sobre a possibilidade de algumas variações linguísticas verificadas em Siricari acenarem para eventos relacionados à herança decorrente de contato entre estes povos.

Apesar de este trabalho trazer dados parciais de fenômenos ainda em verificação, observamos os seguintes aspectos morfossintáticos do português falado na comunidade de Siricari, a saber: (i) alternância das formas verbais *fui:foi* (verbo “ir” no pretérito perfeito do indicativo) em relação à primeira e terceira pessoa do singular. Ou seja, a forma *fui* - tida como flexão de 1ª pessoa do singular - ocorre com pronome de 3ª pessoa do singular como: *ela fui embora* ou com pronome de 1ª pessoa do singular como: *eu fui embora*. Do mesmo modo, a forma *foi* - tida como flexão de 3ª pessoa do singular – aparece empregada com pronome de 1ª pessoa do singular como: *eu foi pra Belém* e, com pronome de 3ª pessoa do singular como: *ele foi pra Belém*. Tal ocorrência chama a atenção pela alternância vocálica < u:o > na 1ª e 3ª pessoa do singular do verbo “ir” no IdPtp tal como ocorre também em Siricari, com a alternância vocálica < i:e > na 1ª e 3ª pessoa do singular do verbo “fazer” no IdPtp, resultando em: (*eu, ele*) fiz, fez.

A descrição dos aspectos morfossintáticos apontados neste estudo parece-nos revelar marcas condizentes com a proposta do *Português Afro-Indígena*, do qual julga ser possível encontrar dialetos do português arcaico.

## 2. Referencial teórico e metodológico

Este trabalho trata-se de uma investigação etnolinguística em L<sub>1</sub>,<sup>36</sup> cujo interesse concentrou-se na observação de aspectos morfossintáticos do português oral na comunidade quilombola de Siricari-PA.

O estudo baseia-se em preceitos teórico-metodológico funcionalista amparado na perspectiva linguística de Benveniste (2005), Givón (2012), Mattoso Câmara (2001), Castilho (2012), Levinson (2007), Anderson & Keenan (1985) entre outros. Já para o estudo etnolinguístico adotamos Salles (1971), Oliveira & Praça (2013), Roncarati & Abraçado (2003), Gomes (1997), Pacheco (2010), Lucchesi *et al* (2009),

---

36 L<sub>1</sub>: relativo à língua primária; e L<sub>2</sub>: relativo à segunda língua

Baxter (1995), Mattos e Silva (2004), Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA-UFPA) entre outros.

Os dados linguísticos utilizados neste estudo foram coletados em trabalho de campo entre os meses de março de 2014 a abril de 2015, em aproximadamente 10 horas de gravação em modo digital. O *corpus* foi obtido a partir de gravações de conversas livres *in loco* em gênero narrativo de informações colhidas sobre o modo de vida, atividades habituais, tradição, mitos, saberes amazônicos, entre outras. O alvo das gravações consistiu na obtenção de registros de fala espontânea como amostragem linguística em narrativas que descrevessem a história da comunidade. Abaixo listamos os temas mais abordados na constituição das amostras de fala espontânea.

3. História da comunidade: trajetórias como a cabanagem, desafios no início da vida na comunidade, primeiras casas, etc.
4. Costumes e tradições: festas locais, narrativas populares (lendas e mitos) o modo de vida na comunidade, o extrativismo, a caça, o trabalho.
5. Sabedoria adquirida dos antepassados: desafios das parteiras, conhecimento das ervas, as doenças e as curas, a religião, o sobrenatural.
6. Desafios: dificuldade de acesso à cidade, escolarização deficiente, invasões, reconhecimento da posse da terra, carência de investimento público, projetos federais “Luz para todos” e “Minha casa minha vida”.

Como se pretendiam narrativas de modo informal, os locais em que elas se realizaram foram os mais diversos como na cozinha, no quintal, na mesa do café, no caminho para o tanque escavado, na carroça de búfalo etc. Com isso, em alguns momentos tivemos ruídos de crianças, de chuva, de animais entre outros elementos que nos levaram a inutilização de alguns trechos ininteligíveis.

O critério de seleção dos informantes priorizou a variante idade ou aqueles que tivessem maior tempo de permanência na comunidade. Posteriormente, registramos depoimentos de familiares com idade mínima de 40 anos, com vistas a obter dados linguísticos para um possível cotejo destes com os primeiros.

Deste modo, tivemos para a variante idade o seguinte arranjo (faixa 1: 40 a 59 anos; faixa 2: 60 a 79 anos; faixa 3: acima de 80 anos). A amostra consistiu em três células, com três informantes em cada uma, num total de 09 informantes. Apesar de atender para o foco na variante demonstrada, destacamos no quadro abaixo informações adicionais que adiante vimos importantes para as considerações de análise, tal como a variante escolaridade.

Quadro 1: Características do Corpus do Português Afro-indígena da Comunidade de Siricari – Marajó-PA

| 40 a 59 anos |    |     |    |    | 60 a 70 anos |    |     |    |   | acima de 80 anos |    |     |    |   |
|--------------|----|-----|----|----|--------------|----|-----|----|---|------------------|----|-----|----|---|
| SR-INF3      | Fe | 53a | Fd | Fr | SR-INF7      | Fe | 73a | Fd | N | SR-INF1          | Fe | 90a | Af | N |
| SR-INF5      | Fe | 47  | Fd | N  | SR-INF10     | Fe | 72a | Fd | N | SR-INF2          | M  | 94a | Fd | N |
| SR-INF9      | Fe | 56a | Sp | Fr | SR-INF4      | M  | 59a | Fd | N | SR-INF8          | Fe | 80a | Af | N |

- a. **Comunidade:** SR, Siricari.
- b. **Identificação da entrevista na amostra original:** SR-INF1, por exemplo.
- c. **Sexo do informante:** Fe, feminino; M, masculino.
- d. **Idade do informante:** 94a, noventa e quatro anos, por exemplo.
- e. **Nível de escolaridade:** An analfabeto; Af, alfabeto funcional; Fd, ensino fundamental; M, ensino médio; Sp, ensino superior.
- f. **Tempo fora da comunidade:** Fr, o informante viveu fora da comunidade pelo menos de seis meses; N, o informante nunca viveu fora da comunidade.

Para a constituição da base de dados fizemos a transcrição das gravações de fala utilizando o programa *Transcriber*, distribuído como *software* livre. Atentamos para que fossem preservadas, o quanto possível, a transcrição característica da fala dos informantes no nível morfossintático e fonológico. Para a reprodução escrita dos depoimentos gravados seguimos a referência da *Chave de Transcrição do Libolo*, elaborado pelo Grupo de Estudos de Línguas em Contato (GELIC-USP), coordenado pela Profa. Dra. Márcia Santos Duarte de Oliveira. Como identificação do *corpora* foram atribuídas siglas para identificação tais como: à comunidade (SR), número do inquérito (Inq01), mês e ano da gravação, resultando no seguinte modelo: SR-Inq01\_abril2014. Quanto à organização do *corpus* específico para este trabalho levamos em conta o critério: (i) ausência de concordância verbal de 1ª e 3ª pessoa do singular.

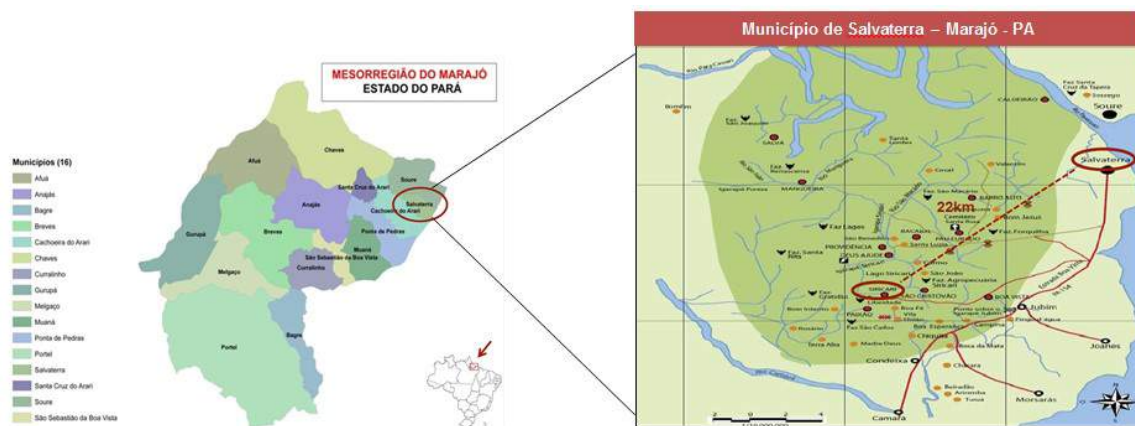
### 3. Breve histórico da Comunidade Quilombola de Siricari e terras marajoaras

Siricari situa-se na região de Salvaterra, uma das dezesseis comunidades pertencentes à mesorregião amazônica de Marajó. A comunidade de Siricari se

autodenomina quilombola e detém o título<sup>37</sup> de Remanescente Quilombola pela Fundação Palmares desde 2011. Tendo como base a constituição histórica da comunidade, Siricari reconhece seus estratos sociais, culturais e étnicos da inter-relação entre negros e índios. Sua área abrange 1.089 hectares e situa-se cerca de 22km do porto de Camará, único acesso à ilha de Marajó. A comunidade caracteriza-se pelo modo de vida de campesinato e tem como cercanias igarapés, matas, fazendas e proximidades com outras doze comunidades aquilombadas.

Abaixo localizamos a comunidade de Siricari no município de Salvaterra – Marajó/PA.

Mapa 1- Localidade quilombola de Siricari em Salvaterra – Marajó – PA



A exploração do solo ocorre de modo consensual entre os moradores da comunidade. As famílias têm seu espaço para roça, criação de pequenos animais, pesca, bem como área para extrativismo. Conforme Acevedo (Godoi *et al*, 2009:218) “os sistemas de uso comum representam soluções elaboradas historicamente [...] e seguem os ditames de uma cooperação ampliada e de formas de uso comum da terra, dos recursos hídricos e florestais”. Essa organização não ocorre apenas em relação ao espaço comum, mas igualmente nas relações sociais e econômicas, haja vista a edificação de tanque escavado para criação de peixe em forma cooperativa.

A comunidade de Siricari, juntamente com as demais comunidades quilombolas pertencentes ao município de Salvaterra, realiza todos os anos a Festa da Tradição, no mês de julho, e a Festa dos Quilombolas, nos meses de novembro. Esta acontece durante três a quatro dias de comemoração, finalizando no Dia da Consciência Negra. Cada ano uma comunidade se responsabiliza pela organização destas festas e, conforme seus

37 Comunidade de Siricari, localizada no município de Salvaterra/PA, registrada no livro de cadastro geral nº 14, registro n.1.639, fl.056 –Fundação Cultural Palmares - portaria fcp nº 211 de 21/12/2011.



moradores, elas existem há muitos anos. Algumas das atividades representam um resgate à tradição e preservação da cultura e historicidade quilombola. Em forma de torneios ou “jogos quilombolas” as atividades envolvem habilidades como canoagem, mergulho, corrida rústica, luta marajoara, corrida de búfalo que, além de marcarem o costume deste povo constituem vestígios de cultura miscigenada resultante do contato interétnico. Destacamos, como exemplo, costumes verificados na Festa da Tradição como a (i) Tiborna, bebida de procedência indígena; e, em comemorações tradicionais as danças típicas da região como o (ii) carimbó e o (iii) Siriá fazem parte da festa.

Como se vê, esses elementos sinalizam a mescla das culturas africana e indígena. A (i) *tiborna*, bebida feita da mandioca ralada e fermentada, dizem ser uma especiaria da culinária indígena, apesar de estar presente nos festejos quilombolas. A dança (ii) *Carimbó*<sup>38</sup> representa, seguramente, um misto cultural africano e indígena por ter sido criada pelos índios Tupinambá e aperfeiçoada pelos negros africanos, que em seu ritmo passou a vibrar como uma espécie de variante do batuque africano. Já o *Carimbó*, remete a traços de expressão corporal de danças lusitanas no que se refere aos dedos castanhando na marcação do ritmo. O (iii) *Siriá*, considerada uma dança folclórica do norte constitui, do ponto de vista musical, uma variante do batuque africano. Essa dança surgiu como um tipo de comemoração pela fartura de alimento conseguido pelos escravos no final do dia decorrente da captura de siris na praia. O nome vem de siri (crustáceo) e a tonicidade decorre da analogia a *cafezá* remetendo ao local da plantação de café; *arrozá*, para o local da plantação de arroz; *canaviá* para o local plantação de cana e, assim, passaram a chamar de *siriá*, para o local onde todas as tardes encontravam os siris com os quais preparavam seu alimento (cf. Governo do Estado do Pará Portal Amazônia 01.09.2005-GC).

Nas Festas da ‘Tradição’ há, ainda, a presença da célebre figura do Búfalo-bumbá. Essa figura faz alusão ao boi-bumbá e é representado pela alegoria de Mestre Damasceno. Considerado emblemático, mestre Damasceno se autodenomina afro-indígena e se distingue como grande incentivador da manutenção das culturas marajoaras e das africanidades e indigenismos, retratando em seus repentes o cenário afro-indígena de Marajó.

---

38 Ver mais: <http://www.portalamazonia.com.br/secao/amazoniadeaz/interna.php?id=850>

Historicamente, registros indicam que as áreas que circundam a comunidade de Siricari eram antigos aldeamentos indígenas, hoje grande parte é terra quilombola. Informações do Ensaio Corográfico da Província do Pará (2004:280) mostram que

- (i) a região de Salvaterra, antes mesmo de receber este nome era aldeia dos Sacácas, pertencentes às missões dos capuchos; (ii) a região de Soure, habitava a antiga aldeia dos Maranauazes; (iii) em Chaves (Ilha grande de Joanes - antigo) habitavam os Aruãs e era também aldeia de Pyié.

No que diz respeito à presença dos negros na ilha temos um impasse cronológico. Pacheco (2010:91) assinala que “é possível que os primeiros africanos tenham sido introduzidos na região a partir de 1644, junto com as primeiras cabeças de gado *vacum* transportadas das Ilhas de Cabo Verde”. Entretanto, lê-se no Ensaio Corográfico sobre a província do Grão-Pará (*apud* Baena 2004:272) que o gado *vacum* e cavalari, trazidos de Cabo Verde em 1644, foram transmutados de Belém para Marajó no ano de 1702. Neste período a atividade pastoril ainda era missionária e contava com milhares de cabeças de gado *vacum* e cavalari (cf. Salles, 1971:124). Portanto, no que tange à demanda de escravos relativo a este período, parece-nos remeter à escravidão indígena.

Para sair desse impasse, consideramos o sequestro das fazendas missionárias, ocorrido em 1758, como marco que instituiu donatários régios à administração das fazendas. A partir desse período e, conforme nos mostra Salles (1971:30), houve grande incentivo aos carregamentos de navios negreiros vindos da África para o Estado do Pará. Em 1798 os navios que saíssem da África e viessem “diretamente para o Pará, transportando escravaria, estavam isentos de pagar direitos de entrada e saída”. Com isso intensificou-se o incremento do tráfico negreiro em todo o Estado, estendendo às fazendas marajoaras onde se mantinham extensas áreas de criação, plantação e extração.

O aparecimento de mocambos e quilombos compartilhados pelas matrizes africanas e indígenas ocorreu em todos os espaços da ilha de Marajó. Antes mesmo da abolição da escravidão indígena (1755), encorajados pelo comportamento dos negros e pela oportunidade de fuga muitos “mocambos de índios” surgiram ao lado de “mocambos de índios e negros” em uma clara demonstração de reorganização étnico-social (cf. Gomes, 1997:76-78).

Notadamente esses movimentos inter-relacionais foram constructos para matrizes identitárias atuais que distinguem as comunidades rurais marajoaras como descendentes de africanos e indígenas. Segundo Pacheco (2011:45)

A construção do conceito de identidade afroindígena tornou-se possível, após constatar que **na Amazônia Marajoara é quase impossível discutir a presença africana descolada de relações e redes de sociabilidades tecidas como grupos atávicos da região.** (grifo nosso).

Assim posto, se diante da trajetória história parece-nos aceitável considerar a “identidade afroindígena”<sup>39</sup> inserida na composição étnica marajoara, é razoável, também, crer na existência de uma clara influência dialetal herdada de línguas africanas e indígenas e suas variações características de cada região/comunidade investigada. Neste sentido, tomamos como pressuposto a vertente do *Português Afro-Indígena*, no qual considera que “cada comunidade de fala traz suas marcas específicas devendo cada uma delas, na medida do possível, ser inventariada” (Oliveira *et al*, 2015:4)

#### 4. Português Afro-Indígena

O conceito de *Português Afro-Indígena* desenvolvido por Oliveira *et al* (2015) refere-se a variedades do português falado em comunidades rurais brasileiras. A especificidade destas comunidades versa sobre a presença de traços marcantes de descendência africana e indígena. Essa particularidade é demonstrada nas primeiras referências conceituais ao que segue:

Destacamos que tais comunidades não são apenas as “terras de preto”, mas ainda as “terras indígenas” e as “terras mistas” como se dão no norte do Brasil. Nestas sociedades, verificam-se, como traços marcantes: (i) nas “terras de preto”: uma descendência de africanos; (ii) nas “terras indígenas”: etnias que perderam ou estão por perder por completo suas línguas maternas, mas mantêm seus laços identitários; (iii) nas “terras mistas”: comunidades aquilombadas no norte do Brasil cuja formação étnica é negra e indígena. (p.4)

No entanto, em face aos desdobramentos acendidos em estudos de Praça & Oliveira (2013) e Praça, Araújo & Oliveira (2013), o conceito de *Português Afro-Indígena* é redimensionado e toma o seguinte arranjo:

##### Português Afro-Indígena

Uma variedade vernacular rural de português brasileiro L<sub>1</sub> falada por comunidade envoltas em miscigenação afro-indígena, mas que selecionam

---

39 Grafia *afroindígena* empregada deste modo por Pacheco.



Notadamente, a vertente do *Português Afro-Indígena* sinaliza o relevo de investigações linguísticas em comunidades descendentes de matrizes africanas e indígenas, abrindo a discussão para o exame criterioso das variações linguísticas decorrente do contato entre estas etnias. Seguindo esse caminho, na próxima seção descrevemos alguns aspectos da morfossintaxe do português oral de Siricari o que, tudo indica, caracterizar marcas de um *Português Afro-Indígena*.

## 5. Morfossintaxe do português oral de Siricari: descrição e análise

Nesta seção descreveremos fenômenos relacionados à ausência de concordância verbal de primeira e terceira pessoa em verbos no pretérito perfeito do indicativo. As formas verbais compreendem os pares: *fui:foi*; *fiz:fez*; *tive:teve*; referente à primeira e terceira pessoa respectivamente. Buscaremos, também, confrontar aspectos gramaticais verificados na fala de Siricari com fenômenos equivalentes encontrados no português afro-brasileiro (Lucchesi, 2009) e português indígena (Ferreira, 2005; Mattos e Silva, 1988). Esperamos com isso acender novas discussões acerca das variedades [+ marcadas] do português falado em Siricari.

Na comunidade em estudo o fenômenos observado refere-se a: (i) alternância dos verbos *ir*, *ter* e *fazer*, no pretérito perfeito do indicativo. Constatamos alternância referente à flexão de primeira pessoa do singular das formas: *fui*, *tive* e *fiz*, prevalecendo o emprego da forma de terceira pessoa do singular tal como: (1) (*eu, ele*) *foi*, (2) (*eu, ele*) *fez*, e (3) (*eu, ele*) *teve*.

Quadro 2: Predominância da forma verbal de 3ª pessoa do singular

|                       |  |
|-----------------------|--|
| 1ª pessoa do singular | (1) <i>Tudo non, que uma menina, a última, eu <b>foi</b> pra Belém de avion, de Sore cá criança, passei três dia ca criança morta nas venta.</i>   |
| 3ª pessoa do singular | (2) <i>Ela <b>foi</b> me buscá daí da fazenda, me botou pra cá. Aí já que nós temo tudo esses filho aqui criado, já tem neto e tudo, neto e neta.</i>  |
| 1ª pessoa do singular | (3) <i>Aí foi assim, aí eu <b>fez</b> um voto com Deus, entendeu? <b>Ø Fez</b> um voto com Deus, eu <b>fez</b> esse voto. Aí eu pedi pra Deus. Aí na hora assim que... eu senti que a minha respiração tava assim tão pequenininha, aí eu senti um aperto aqui, na verdade eu ia sofrendo um enfarto, eu queria respirá e eu não podia e era muita dor forte no meu coração.</i> |

|                       |   |
|-----------------------|---|
| 3ª pessoa do singular | (4) <i>Ele fez um círculo assim no chão aí daqui ele riscô um risco pra cá, um pra cá, um pra cá, um pra cá, cinco.</i>   |
| 1ª pessoa do singular | (5) <i>Tenho. Eu teve onze filhos.</i>  |
| 3ª pessoa do singular | (6) <i>O meu pai falava assim que... que quando ele se entendeu aí o... o... o pai dele, o avô dele, né? Teve o... antes dele teve o bisavô, né? Tataravô dele, né?</i> |

Conforme demonstrado acima, o emprego da forma verbal de terceira pessoa ocorre tanto com uso de primeira pessoa pronominal, quanto diante de supressão do pronome como consta em (3) *Ø Fez um voto com Deus*. Esse fator nos chama a atenção, uma vez que o referente encontra-se na sentença anterior, havendo omissão total do referente de pessoa para sentença em análise.

Inicialmente, pensamos tratar-se de um evento relacionado à regularização da forma verbal de terceira pessoa. Conforme Mattos e Silva (2004:144) a mudança do quadro pronominal tem alterado o paradigma verbal no sentido de “generalizar” a marca de terceira pessoa do singular (Ver quadro 3). O contorno de terceira pessoa verbal irá ocorrer em todas as posições pronominais, exceto na primeira pessoa do singular, logo, um paradigma verbal de duas posições. A autora também assinala que o paradigma de duas posições incide sobre falantes menos escolarizados ou não-escolarizados, sobretudo procedentes de áreas rurais, o que podemos hipotetizar haver em Siricari, comunidade rural que detém pouca ou nenhuma escolaridade.

Quadro 3: Disposição do quadro pronominal

➤ Modificação do quadro pronominal de pessoa:

**1. Expansão**  
você, a gente

**2. Redução**  
tu, vós, nós

**3. Generalização da 3ª pessoa verbal**

| Norma Padrão<br>(6 posições) | PB<br>(4 posições)          | Português popular<br>(3 posições) | Português popular<br>(2 posições)           |
|------------------------------|-----------------------------|-----------------------------------|---|
| eu falo                      | eu falo                     | eu falo                           | eu falo                                     |
| tu falas                     |                             |                                   |   |
| ele fala                     | você, tu, ele, a gente fala | você, tu, ele, a gente fala       | você, ele, a gente, eles, vocês <i>fala</i> |
| nós falamos                  | nós falamos                 |                                   |   |
| vós falais                   |                             |                                   |   |
| eles falam                   | vocês, eles falam           | vocês, eles falam                 |   |

Entretanto, ao observarmos o quadro (3) proposto por Mattos e Silva (2004) constatamos que Siricari vai além desse paradigma, pois em posição de primeira pessoa pronominal observamos o emprego verbal de terceira pessoa também. Ou seja, teríamos, então, uma regularização total do paradigma de terceira pessoa verbal em Siricari.

Este aspecto tem sido igualmente verificado em comunidades aquilombadas e aldeamentos indígenas como Helvécia e Parkatêê. Na comunidade de Helvécia (BA), por exemplo, Lucchesi *et al* (2009:16) apontam indivíduos que exibem uma variação oral da forma padrão do português em alternância com formas que teriam feito parte do repertório gramatical do antigo crioulo, por exemplo “*eu trabalha no roça*”.

No mesmo sentido, o povo Parkatêê, localizado em aldeia próxima ao município de Bom Jesus do Tocantins, a 30 km de Marabá, no Sudoeste do estado do Pará, também partilham do mesmo aspecto linguístico. Ferreira (2005:13) demonstra que o povo Parkatêê, em uso da língua portuguesa como L<sub>2</sub>, tende ao emprego da forma verbal de terceira pessoa diante de primeira pessoa pronominal como demonstra a autora: “*eu fez, eu foi, eu pediu*”.

Do mesmo modo, Mattos e Silva (1988:86) assinala uma “flutuação” na morfologia verbal de primeira pessoa do singular em seu estudo sobre o dialeto português de transição dos índios Kamayurá.

- a) Eu *fuma*..., pois não.
- b) “Você come aquilo?”  
– “Não, não *come*, não.

Segundo a autora, tal fato se justifica pelo desconhecimento da norma gramatical. O emprego verbal de terceira pessoa do singular em posição de primeira pessoa pronominal denota um “reflexo” do verbo utilizado na situação de interlocução como se entende em (b).

Portanto, parece-nos que a ausência de concordância verbal de primeira pessoa do singular verificada nas comunidades de Siricari, Helvécia, Parkatêê e Kamayurá implica, possivelmente, em um aspecto de estrutura relacionado à língua primeira (L<sub>1</sub>) decorrente de situação de contato. De fato, segundo Lucchesi *et al* (2009:93) a ausência de concordância de 1ª pessoa do singular pode caracterizar uma variação decorrente do contato entre línguas. Outros aspectos também são apontados por Lucchesi, Baxter & Ribeiro (2009:93) dos quais descrevemos em um cotejo com traços da variação linguística verificada em Siricari-PA.



Notamos que dos nove aspectos observados em Helvécia (BA) sete deles estão presentes também em Siricari. Deste modo, parece-nos, então, razoável o argumento de que essas variações referem-se, de alguma forma, à relação de contato, uma vez que ambas comunidades Siricari e Helvécia trazem históricos de contato (i) africano e indígena, e (ii) africano, respectivamente. Ainda sobre a interferência interétnica na estrutura linguística, cabe mencionar Baxter (1995:78) ao apontar a presença da língua banto como substrato do português L<sub>1</sub> e L<sub>2</sub> de angolanos e moçambicanos. Mais adiante, Baxter (*ibidem*) considera, também, a possibilidade de haver a mesma interferência em se tratando de po A autora também assinala que o paradigma de duas posições incide sobre falantes menos escolarizados ou não-escolarizados, sobretudo procedentes de áreas rurais. rtuguês indígena, ao dizer que “a aprendizagem do português em contextos ameríndios também levanta a possibilidade de uma influência substratal ameríndia” no português brasileiro.

Concomitante a isso, Siricari apresenta alternância na flexão verbal de primeira pessoa em situação de terceira pessoa pronominal. Constatamos esse tipo de alternância no uso do verbo *ir* no pretérito perfeito do indicativo, no emprego da forma verbal *fui* em posição pronominal de terceira pessoa do seguinte modo:

Quadro 4: Exemplo de alternância verbal de 3<sup>a</sup> pessoa do singular

|                                   |   |
|-----------------------------------|---|
| 3 <sup>a</sup> pessoa do singular | (7) <i>Um dia mandaro ela vê num sei o quê, lá onde a mãe do João morava, ela fui sozinha, né, aí fui (ela) embora. Quando ela já vinha de volta, ela viu pra trás 'psiu' [...]</i> |
|-----------------------------------|---|

Em busca de explicações para essa alternância nas formas verbais *fui:foi* como demonstrado acima, chegamos a um artigo de Mattoso Câmara (1943), intitulado “A alternância portuguesa ‘Fui:Foi’” no qual esclarece que:

Dois fatos citados das falas populares indicam, antes de tudo, um estado de indiferença no jogo flexional *fui:foi*, visto que ora se empregam “ambas as formas nas duas pessoas”, ora se invertem elas, usando-se “de *Foi* na 1<sup>a</sup>, e de *Fui* na 3<sup>a</sup>, e tal situação é também apreensível na língua antiga [...]. Com efeito, num documento de 1262, por exemplo, depara-se-nos expressivamente:

“Esta carta *fui* iij dias antes calendas Novembris su era M<sup>a</sup>CCC<sup>a</sup> e V” (p.278)

E aponta que o mesmo se verifica nos documentos galegos e na poesia da escola provençal:



“a uer deuo por uoz de meu padre Johan Çacoto, que *ffuy* filho de Maria Crualliça...”

“...non lhe empeesca porque uay escrito so o sinal, que *ffuy* erro”

“que non *fui* o vosso pesar...” (*ibidem*: 278)

Para essas ocorrências, Mattoso Câmara (1943:285) procura esclarecer a origem da alternância ora apresentando fatores sincrônicos, ora diacrônicos e assinala que:

Durante algum tempo, **a consciência linguística coletiva se conformou com essa confusão, ora usando-se (*eu, ele*) *foi*, ora (*eu, ele*) *fui***, mas a “tendência para o contraste vocálico entre as duas pessoas” [...] não tardou a impor uma distribuição sistemática das duas formas, na maioria dos dialetos portugueses e na língua literária ou comum. (p.285) *grifo nosso*

Como destacado acima consideramos, em um primeiro momento, que a alternância (Quadro 4) verificada em Siricari poderiam tratar-se de vestígios de uma estrutura linguística quinhentista. Apesar da afirmação de Mattoso Câmara (1943:286) de que houve ao longo do tempo “distribuição sistemática das duas formas”, o que vemos em registros de fala em Siricari, hoje, é a mesma alternância *fui:foi* de outrora.

Igualmente o mesmo ocorre com os verbos *fazer* (pretérito perfeito do indicativo) em que há o emprego da forma verbal *fiz* em posição de terceira pessoa como em:

Quadro 5: Exemplo de alternância verbal de 3ª pessoa do singular

|                       |   |
|-----------------------|---|
| 3ª pessoa do singular | (8) [...] <i>gostava muito... Deus o livre, trabalhavam junto, logo ele morô aqui junto, depois Ø fiz a casinha dele, [ININT] velho, né, ficaram velho junto, tanto [ININT] barranco, né, por isso tá tão bonito assim, né, aquele velho, né.</i> |
|-----------------------|---|

Conforme demonstrado, apesar da supressão pronominal antecedendo a forma *fiz*, constatamos que o pronome *ele* mencionado anteriormente trata-se do referente anafórico do verbo *fazer* (*fiz*). Neste caso, entendemos que em um primeiro momento o ouvinte não se dá conta de que o referente pronominal é a terceira pessoa, havendo certa dificuldade para recuperar o antecedente *ele* como referente pronominal da forma de primeira pessoa (*fiz*).

A redução da morfologia flexional de pessoa em alternância ora (*eu, ele*) *foi*, ora (*eu, ele*) *fui* e ainda, a alternância ora (*eu, ele*) *fez*, ora (*eu, ele*) *fiz* trata-se de evidências empíricas da fala de alguns informantes da comunidade de Siricari ainda nos dias de hoje. De tal modo, conjecturamos a hipótese de esses fenômenos constituírem resquícios de um português quinhentista relacionados à situação de contato, revelando

herança dialetal dos falares remotos em Siricari. No entanto, embora consideremos essa hipótese bastante atraente, partilhamos da possibilidade de estes elementos morfológicos estarem relacionados a apenas alternância vocálica < u:o > e < i:e > associados, de algum modo, à flexão verbal.

## 6. Considerações finais

A descrição dos aspectos morfossintáticos apontados neste estudo revela uma variação linguística possivelmente resultante de contato interlinguístico entre as etnias indígena, africana e europeia ocorrido no passado. Esse fator, agregado a (i) aspectos linguísticos semelhantes a dialetos do português afro-brasileiro (Helvécia) e português étnico indígena (Parkatêjê e Kamayurá), como também a (ii) ocorrência de alternância de formas verbais condizentes a falares quinhentistas, visto em exemplos de Mattoso Câmara (1943), insere o falar de Siricari numa posição [+marcada] do *continuum* dialetal brasileiro, estabelecendo um diálogo com a proposição do *Português Afro-Indígena*.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Acevedo Marin, R. E. 2009. Quilombolas na ilha de Marajó: território e organização política. In: Godoi, E. P. D., et al. *Diversidade do campesinato: expressões e categorias*. São Paulo: UNESP, v. 1. Cap. 9, p. 209-227.

Almeida, Alfredo Wagner Berno de. 2002. In: O'Dwyer, Eliane *Quilombos identidade étnica e territorialidade*.

ANNAES da Bibliotheca e Archivo Publico do Pará. *University of Florida Digital Collections*, 1904. Disponível em: <<http://ufdc.ufl.edu/results/?t=arquivo%20publico%20do%20para>>. Acesso em: 11 junho 2015.

Baena, A. L. M. 2004. Ensaio Corográfico sobre província do Pará. *Biblioteca digital do Senado*, Brasília. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/1097>>. Acesso em: 11 junho 2015.

Benveniste, É. 2005. *Problemas de Linguística Geral*. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. 5. ed. Campinas: Pontes. 387 p. Revisão: Prof. Isaac Nicolau Salum.

Campos, E. A. 2014. A sintaxe pronominal na variedade afro-indígena de Jurussaca: uma contribuição para o quadro da pronominalização o português falado no Brasil. São Paulo: USP. Tese de doutorado.

Ferreira, M. 2005. Descrição de Aspectos da Variante Étnica Usada pelos Parkatejê. *D.E.L.T.A.*, v. 21, n. 1, p. 1-21.

Gomes, F. D. S. 1997. *A hidra e os pântanos. Mocambos, quilombos e comunidades de fugitivos no Brasil (séculos XVII e XIX)*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas. Tese de Doutorado.

IBGE: Salvaterra. *Biblioteca IBGE*. Disponível em: <[biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/para/salvaterra.pdf](http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/para/salvaterra.pdf)>. Acesso em: 27 maio 2014.

Lucchesi, D. 2012. A diferenciação da Língua Portuguesa no Brasil e o contato entre línguas. *Estudos Linguísticos Galega*, Bahia, v. 4, p. 45-65.

Lucchesi, D.; Baxter, A.; Ribeiro, I. 2009. *O português afro-brasileiro*. Bahia: EDUFBA.

Mapa Território Quilombola de Salvaterra. Disponível em: <<http://image.slidesharecdn.com/aspectosdaculturaquilombola-120517094919-phpapp01/95/aspectos-da-cultura-quilombola-10-1024.jpg?cb=1337266422>>. Acesso em: 24 abril 2015.

Mattos e Silva, R. V. 1988. *Sete estudos sobre o português Kamayurá*. Bahia: Centro Editorial e Didático da UFBA.

Mattos e Silva, R. V. 2004. *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola.

Mattoso Câmara Jr., J. 1943. A Alternância Portuguesa "fui : foi". *Revista de Cultura*, Rio de Janeiro, v. 34, p. 98-106.

Mattoso Camara, J. 2001. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 33. ed. Petrópolis: Vozes.

Mestre Damasceno, 2013. Disponível em: <<http://terruapara.com.br/mestre-damasceno/>>. Acesso em: 01 maio 2015.

NAEA. *Quilombos do Pará - CD Rom*. 2005. Belém: NAEA-UFPA & Programa Raízes,.

Neves, M. H. D. M. 2011. *Gramática de Uso do Português*. 2a. ed. São Paulo: UNESP.

Oliveira, M. D. D.; Praça, W. N. 2013. Para um cotejo etnolinguístico entre comunidades afro-indígenas - Jurussaca (PA) e Tremembé (CE): primeiras aproximações. Trabalho apresentado no 'Workshop' "Contatos Afro-Latinos: perspectivas histórico-linguísticas". Campinas - UNICAMP/IEL: [s.n.].

Oliveira, M. S. D. D. et al. 2015. O conceito de português afro-indígena e a comunidade de Jurussaca. In: Avelar, J.; Álvarez, L. *Dinâmicas Afro-latinas: línguas e histórias*. Stockholm: SUP-Stockolm University Press. In: *Dinâmicas afro-latinas: línguas e histórias*.

Pacheco, A. S. 2010a. As Áfricas nos Marajós: visões, fugas e redes de contato. In: Schaan, D. P.; Martins, *Muito Além dos Campos: Arqueologia e História na Amazônia Marajoara*. Belém: GKNoronha. p. 201.

Pacheco, A. S. 2010b. Encantarias Afroindígenas na Amazônia Marajoara: Narrativas, Práticas de Cura e (In)tolerâncias Religiosas. *Dossiê: Biodiversidade, Política e Religião*, Belo Horizonte, v. 8, n. 17, p. 88-108, abr./jun. ISSN 2175-5841.

Pacheco, A. S. 2011. Astúcias da Memória: Identidades Afroindígenas no corredor da Amazônia. *Revista Tucumduba*, v. 2, p. 40-51.

Palmares, F. C. 2011. *Processo de Reconhecimento de Comunidade Remanescente de Quilombo*. Departamento de Proteção do Patrimônio Afro-Brasileiro. Brasília.

Pará Cultura Fauna e Flora: Dança Siriá. Disponível em: <<http://cdpara.pa.gov.br/siria.php>>. Acesso em: 01 maio 2015.

Salles, V. 1971. *O negro no Pará: sob o regime da escravidão*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas e Universidade Federal do Pará. 336 p.

Silva, J. F. C. D. 2014. O português afro-indígena de Jurussaca/PA: revisitando a descrição do sistema pronominal pessoal da comunidade a partir da textualidade. São Paulo: USP-Tese de Doutorado.

Veríssimo, J. 1887. *Biblioteca Digital Curt Nimuendaju*. As populações indígenas e mestiças da Amazonia, Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://biblio.etnolinguistica.org>>. Acesso em: 04 agosto 2015.